



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO SÓCIOECONÔMICO
DEPARTAMENTO DE SERVIÇO SOCIAL
CURSO DE GRADUAÇÃO EM SERVIÇO SOCIAL

AMÁLIA EINHARDT ALVES VIEIRA

COMPREENDENDO A VIOLÊNCIA DOMÉSTICA APARTIR DOS
DEPOIMENTOS DE HOMENS AUTORES DE VIOLÊNCIA CONTRA A
MULHER.

Florianópolis
2018

AMÁLIA EINHARDT ALVES VIEIRA

**COMPREENDENDO A VIOLÊNCIA DOMÉSTICA APARTIR DOS
DEPOIMENTOS DE HOMENS AUTORES DE VIOLÊNCIA CONTRA A
MULHER.**

Trabalho de Conclusão de Curso,
apresentado ao Departamento de Serviço
Social da Universidade Federal de Santa
Catarina-UFSC, para obtenção do título
de Bacharel em Serviço Social,
orientado pela Prof^ª Dra. Simone
Sombral Sampaio

**FLORIANÓPOLIS - SC
2018**

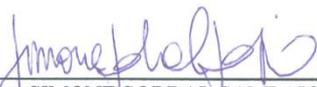
AMÁLIA EINHARDT ALVES VIEIRA

**COMPREENDENDO A VIOLÊNCIA DOMÉSTICA PARTIR DOS
DEPOIMENTOS DE HOMENS AUTORES DE VIOLÊNCIA CONTRA A
MULHER.**

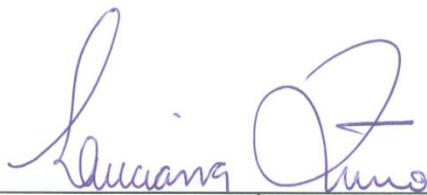
Trabalho de Conclusão de Curso, aprovado como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Serviço Social, de acordo com as normas do Departamento de Serviço Social da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC.

Florianópolis, 27 de novembro de 2018.

BANCA EXAMINADORA



Dra. SIMONE SOBRAL SAMPAIO.
Professora do Departamento de Serviço Social- UFSC
ORIENTADORA



Dra. LUCIANA PATRÍCIA ZUCCO
Professora do Departamento de Serviço Social – UFSC
1º EXAMINADOR



Dra. DILCEANE CARRARO.
Professor do Departamento de Serviço Social – UFSC
2ª EXAMINADOR

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que me auxiliaram nesta trajetória, reconheço meu mérito, mas tenho certeza de que sem o apoio destas pessoas nada seria possível.

A minha amada e guerreira mãe “Nilma Einhardt”, que sempre me incentivou a estudar e ir atrás dos meus objetivos, me ensinando a nunca desistir e sempre levantar a cabeça independente de qualquer obstáculo. Obrigado pela força que me transmite, e peço a Deus por ter você na minha vida muitos e muitos anos, te amo mãezinha.

Ao meu esposo “Yuri Vieira” que está ao meu lado, acompanhando os momentos tristes e alegres que tive durante esta trajetória. Obrigado por sempre me oferecer um ombro amigo e um ouvido para escutar minhas reflexões, principalmente durante a realização dos estágios em Serviço Social. Amo você meu querido.

Ao meu pai “Paulo Alves” (in memoriam), que ao lado de Deus está sempre me protegendo, e muito orgulhoso por eu ter conseguido concluir mais este objetivo. Amarei-te eternamente.

A todos os professores que fizeram parte da minha formação, em especial a professora “Simone Sombrol Sampaio”, que é uma das principais responsáveis por esta monografia estar concluída, teve muita compreensão com minhas dificuldades, demonstrou-se uma amiga. Sou grata pelos seus incentivos, paciência, e principalmente por transmitir de forma plena seu conhecimento.

Aos profissionais que trabalham no Hospital de Custódia e Tratamento Psiquiátrico de Santa Catarina, local em que realizei estágio. Ao diretor do HCTP “Márcio Goulart”, pela oportunidade de estagiar neste local e por sempre estar sempre acessível esclarecendo minhas dúvidas. Em especial as Assistentes Sociais: “Denise Venera”, “Ingryd Valério” e “Rita Dáros”, que me proporcionaram ficar por dois anos observando e aprendendo sobre a atuação do Assistente Social. E, aos pacientes que acompanhei e realizei atendimentos/trabalhos em grupo durante estes dois anos de estágio, com os quais criei um excelente vínculo profissional.

Aos profissionais que trabalham na Casa Do albergado de Florianópolis: o Gerente (diretor) Ernani Cordeiro da Silveira, os Agentes Penitenciários Damaris e Zé Roberto, que me acolheram, repassaram as informações e abriram as portas da instituição, e possibilitaram a realização da entrevista de campo desta manografia. E, aos dez homens que estão em situação de privação de liberdade e contribuíram para a

idealização deste estudo, permitindo entrar em suas vidas para conhecê-los e ter a vivência profissional necessária para minha formação.

Aos meus colegas e amigos que estiveram presentes durante esta formação acadêmica, em especial: minha querida amiga “Miriam Dias”, que iniciou o curso comigo me fortaleceu em diversos momentos decisivos. Às colegas de estágio que viraram amigas, “Grenia Sene” e “Danielly Larice”, sou grata pelas experiências e aprendizados que tivemos.

Gratidão pelas experiências únicas que cada pessoa supracitada trouxe na minha vida, as tornando especiais e inesquecíveis.

Primeiro levaram os negros
Primeiro levaram os negros
Mas não me importei com isso
Eu não era negro
Em seguida levaram alguns operários
Mas não me importei com isso
Eu também não era operário
Depois prenderam os miseráveis
Mas não me importei com isso
Porque eu não sou miserável
Depois agarraram uns desempregados
Mas como tenho meu emprego
Também não me importei
Agora estão me levando
Mas já é tarde.
Como eu não me importei com ninguém
Ninguém se importa comigo.
Bertolt Brecht (1898-1956).

VIEIRA, Amália Einhardt Alves. **COMPREENDENDO A VIOLÊNCIA DOMÉSTICA APARTIR DOS DEPOIMENTOS DE HOMENS AUTORES DE VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER.** 2018. 109 folhas. Trabalho de Conclusão de Curso (Serviço Social). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018.

Resumo: Trata-se de um estudo sobre a violência doméstica contra a mulher. Fez-se o corte de enfoque os homens autores de violência contra a mulher, que é um dos sujeitos principais deste fenômeno, a violência doméstica. O objetivo deste trabalho é de compreender quais são os fatores que motivaram estes homens a violentarem mulheres. Para refletir sobre este objeto foi necessário a compreensão da histórica luta feminista pelos direitos das mulheres que levou a criação da Lei Maria da Penha (11.340/06). O conceito de Masculinidade Hegemônica foi abordado para assimilar o quanto ideologias patriarcais e machistas estão presentes na atual realidade brasileira, isto ficou demonstrado durante a pesquisa de campo através das entrevistas realizadas com 10 homens que estavam detidos na Casa do Albergado de Florianópolis por terem cometido violência doméstica contra a mulher. Após a análise das entrevistas, concluiu-se que ainda é essencial a luta pelos direitos das mulheres em nossa sociedade, como o direito de expressão, de não ser violentada, de não ser tratada como um “objeto” que deve servir ao sexo oposto. Mas, também é importante olhar para este “sexo oposto”, este sujeito que é um dos atores principais da Violência Doméstica, o homem autor de violência, percebe-se que é necessário ir além da privação de liberdade, desenvolvendo programas que responsabilizem e auxiliem a reflexão deste homem. É importante problematizar estas questões com os autores de violência para iniciar um processo de diminuição da violência doméstica contra a Mulher.

Palavra-chave: Violência doméstica contra a mulher; Masculinidade hegemônica; Homens autores de violência contra a mulher.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CNDM - Conselho Nacional de Direiros das Mulheres.

CREMV - Centro de Referência de Atendimento à Mulher em Situação de Violência.

Dpcamis -Delegacias de Polícia da Criança Adolescente, Mulher e Idoso.

JVDFM - Juizados Especiais de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher.

NIAM - Núcleo Integrado de Atendimento à Mulher.

TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

TJ - Tribunal de Justiça.

SPM - Secretaria Especial de Políticas para Mulheres.

Sumário

INTRODUÇÃO	1
1. AS REIVINDICAÇÕES E A EFETIVAÇÃO DO COMBATE À VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA A MULHER.	4
1.1.Feminismo Brasileiro: O início do combate da violência doméstica contra a mulher.	4
1.2. As expressões legais das conquistas feministas.	9
1.2.1 Os tipos de Violência Doméstica.	11
1.2.2 A Lei Maria da Penha focalizada no homem autor de violência contra a mulher.	15
2. O HOMEM AUTOR DE VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER	18
2.1 Conhecendo o sentido de masculinidade: Masculinidade Hegemônica.	18
2.1.1 Críticas sobre o conceito de Masculinidade Hegemônica.	25
2.2 O perfil dos homens autores de violência doméstica contra a mulher.	28
2.3 A Casa do Albergado de Florianópolis.	33
2.3.1 Os homens detidos na Casa do Albergado de Florianópolis por violência doméstica contra a mulher.	36
2.3.2 Motivo sempre está fora, como se o autor de violência não tivesse em si a causa de suas ações.	39
2.3.3 Impulsividade.	44
2.3.4 A ambiguidade da imagem da mulher.	45
2.3.4 Desconsideração do seu ponto de vista.	49
2.3.5 O autor da violência se vê como vítima.	52
CONSIDERAÇÕES FINAIS:	60
REFERÊNCIAS	61
APÊNDICE 1:	69
APÊNDICE 2:	71
APÊNDICE 3:	72
ANEXO 1	107
ANEXO 2	108
ANEXO 3	109

INTRODUÇÃO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso pretende analisar os fatores que levaram os homens, reclusos na Casa do Albergado de Florianópolis, a cometerem violência doméstica contra as mulheres, com objetivo de entender as causas da violência doméstica. Entende-se que a violência doméstica foi reconhecida como tal devido ao movimento feminista, em particular, a luta encabeçada por Maria da Penha. Esse movimento faz com que a violência cometida pelos homens (física, psicológica, patrimonial, sexual, moral) contra as mulheres, seja encarada, socialmente, como crime. Dessa forma, o primeiro capítulo trata do movimento feminista – ainda que esse não seja objeto de análise desse TCC.

Percebe-se que a luta feminista no Brasil se desencadeou num período em o que o país se encontrava fragilizado pela Ditadura Militar. Na década de 1980, em que através de manifestações de civis e movimentos sociais, começou-se a luta por um Estado democrático, em que a população tivesse o direito de escolher quem iria ser seu representante político. Com a criação da Nova Constituição Brasileira de 1988, o Conselho Nacional dos Direitos das Mulheres, existente desde 1985, apresenta aos constituintes uma carta realizada por feministas que reivindicavam os direitos das mulheres.

Em reunião da Organização dos Estados Americanos, em 1993, ocorrida no Brasil, firma-se acordo da Convenção Interamericana para prevenir, sancionar e erradicar a violência contra a mulher. Vale destacar que a violência contra a mulher passa a ser pauta inclusive da Assembleia Geral das Nações Unidas.

Apesar de todas as reivindicações feministas pela visibilidade e combate à violência doméstica contra a mulher, foi somente em 2006 que o país sancionou a Lei 11.340, que “cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher” (BRASIL, 2006, p. 1). Esta será abordada com maior profundidade no item 1.1 deste trabalho. Ressalta-se que a estrutura deste trabalho foi planejada desta maneira, pois se compreende que o combate da violência doméstica contra a mulher começa a ser reconhecido como uma expressão da questão social¹ no Brasil, quando inicia-se a luta feminista pelos direitos das mulheres.

¹[...] a Questão Social pode ser definida como: O conjunto das expressões das desigualdades da sociedade capitalista madura, que têm uma raiz comum: a produção social é cada vez mais coletiva, o trabalho torna-se mais amplamente social, enquanto a apropriação dos seus frutos se mantém privada, monopolizada por uma parte da sociedade (IAMAMOTO, 1998, p. 27).

Como o objeto desse TCC abarca a violência doméstica contra as mulheres, é importante salientar a compreensão dessa violência. Para Schraiber et al (2005, apud STENZEL, 2014, p.16), violência doméstica é: “[...] aquela que acontece entre pessoas muito próximas, no âmbito das relações familiares, podendo ser, portanto, subestimada e por vezes não entendida como violência pela sociedade”. Visto que, quando a violência acontece dentro das relações mais íntimas, ela acaba sendo mascarada, pois a violência doméstica ainda é naturalizada pela sociedade, exemplo disso são as expressões de ditados populares, como “em briga de marido e mulher ninguém mete a colher” (DIAS, 2008, p.18), não metendo a colher a violência continua no seu âmbito privado.

De acordo com o Art. 2º da Lei nº 11.340 de 2006, que proibi a violência doméstica e familiar contra a mulher:

Toda mulher, independentemente de classe, raça, etnia, orientação sexual, renda, cultura, nível educacional, idade e religião, goza dos direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sendo-lhe asseguradas as oportunidades e facilidades para viver sem violência, preservar sua saúde física e mental e seu aperfeiçoamento moral, intelectual e social (BRASIL, 2006, p.1).

Porém, na atual realidade brasileira percebe-se com base em experiências pessoais, profissionais e por diversos estudos como, por exemplo, o Mapa da Violência 2015 e as Pesquisas do Data Senado (2017, 2015, 2013, 2011, 2009, 2007 e 2005) sobre a Violência Doméstica e Familiar Contra a Mulher, que milhares de mulheres ainda sofrem vários tipos de violência pelo fato de serem mulheres e, de viverem em uma sociedade culturalmente machista. Na tentativa de compreensão de como o machismo ainda influencia no cotidiano de cidadãos brasileiros, foi elaborado neste trabalho, no segundo capítulo, um breve estudo sobre as masculinidades, mais especificamente a Masculinidade Hegemônica.

Neste momento, voltou-se novamente ao passado socio-histórico brasileiro, desde a época do Brasil Colonial, em que se percebe padrões sociais fortemente marcados pela presença da cultura machista. Nota-se, também, que o convívio social era e é norteado pela presença de masculinidades e feminilidades, ou seja, normas culturais de como homens e mulheres devem se portar perante uma sociedade. Entre as várias masculinidades existentes, destaca-se a masculinidade hegemônica, compreendida como "um conjunto de práticas e valores com a função de garantir a posição dominante dos

homens e a subordinação das mulheres" (CONNEL, 1997, apud BEIRAS, et al., 2007, p. 64).

No decorrer do item 2.1, será apresentada análise de como o comportamento masculino pode ser influenciado por uma cultura fortemente dominada pela masculinidade hegemônica, que pode ocasionar atos violentos do homem perante a mulher. Porém, também fica compreensível que, apesar da enorme influência que as masculinidades e feminilidades hegemônicas exercem sobre como deve agir o sexo masculino e feminino, é possível que tal comportamento seja questionado e não incorporado socialmente.

Observa-se que a cultura do patriarcado está, infelizmente, presente na atual realidade brasileira, visto que ainda homens praticam atos violentos contra mulheres. Defende-se a ideia da necessidade do desenvolvimento de novas masculinidades e feminilidades, possíveis somente nos processos de crítica ao padrão dominante que reforça papéis de assujeitamento, bem como relações marcadas pelo sofrimento.

Após conhecer um pouco sobre masculinidade hegemônica, volta-se à discussão da violência doméstica, desta vez focada no sujeito de estudo deste trabalho: o homem autor de violência contra a mulher, para isso foi realizado entrevistas com dez homens que estão detidos na Casa do Albergado de Florianópolis por terem cometido atos violentos contra mulheres, com o objetivo de compreender quais foram os fatores que os influenciaram.

As entrevistas foram analisadas com base nas reflexões teóricas sobre o feminismo, as críticas perante a masculinidade hegemônica e uma sociedade culturalmente patriarcal. Ao conhecer as histórias dos dez entrevistados, foi possível aproximar-se da questão principal: violência doméstica contra a mulher, além disso, aconteceram no país diversos atos de violência doméstica contra a mulher no período em que este TCC estava sendo elaborado, atos que foram fortemente noticiados e facilmente esquecidos pela sociedade brasileira.

Todas estas experiências demonstram que a violência doméstica contra a mulher está presente no cotidiano, e que diversos são os fatores que influenciam os homens a agredi-las, porém, nenhum destes são justificáveis, pois ninguém merece ser violentado, todos devem ser protegidos e respeitados, independentemente do seu sexo, etnia, opção sexual ou religiosa, condição social, todos são iguais perante Constituição da República Federativa do Brasil de 1988.

1. AS REIVINDICAÇÕES E A EFETIVAÇÃO DO COMBATE À VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA A MULHER.

1.1. Feminismo Brasileiro: O início do combate da violência doméstica contra a mulher.

A movimentação feminista iniciada no Brasil a partir da década de 1970, tem na sua constituição mulheres que foram exiladas em outros países devido à Ditadura Militar, que começaram a fazer reflexões sobre os direitos das mulheres e os abusos ditatoriais (MACHADO, 2016). Fizeram parte dos primeiros grupos feministas brasileiros as mulheres de classes médias com altos níveis de instruções, trazendo em si uma perspectiva de mudar a realidade desigual do país (SARTI, 1998).

Nos países como EUA (década de 1960) e França (anos setenta) a Movimentação feminista de libertação das mulheres denunciava “que o corpo e o sexo feminino eram controlados pelos homens” (MACHADO, 2016, p. 10), enfatizando a importância de politizar a mulher no seu contexto privado e público, ou seja, dentro e fora de casa. O feminismo francês nesta época lutava por avanços dos direitos sexuais reprodutivos e contraceptivos femininos, e a legalização do aborto.

No Brasil, a luta maior era pela normalidade da presença de mulheres em espaços públicos, visto que o país estava passando por uma Ditadura Militar (MACHADO, 2016). Neste contexto, o feminismo brasileiro problematizou “a razão patriarcal que as pretensões de neutralidade e objetividade se faziam à custa das mulheres e contra elas, mantendo-as afastadas da esfera da razão transcendente” (GARCIA, 2015, p. 53). Quando falava-se sobre “mulher” dentro dos primeiros grupos feministas no Brasil, este termo era referenciado às experiências de vida de mulheres ocidentais, burguesas, brancas e heterossexuais, ainda silenciando a realidade das brasileiras pobres, negras e homossexuais (GARCIA, 2015).

Com a anistia de 1979 as mulheres que tinham sido exiladas, puderam retornar ao país. O que contribuiu no fortalecimento da corrente feminista, pois estas mulheres trouxeram consigo grande conhecimento político, influências do movimento feminista internacional, principalmente o Europeu, e a experiência que tiveram enquanto moraram no exterior, como a "organização doméstica distinta dos tradicionais padrões patriarcais da sociedade brasileira" (SARTI, 1998, p. 7).

Ainda em 1979, a mídia brasileira começou a enfatizar os homicídios cometidos pelos homens de classe média e alta contra suas esposas, problematizando que eles

estavam sendo absolvidos ou suas prisões eram suspensas. Percebendo o tamanho da necessidade de defesa da vida das mulheres, começou a luta feminista contra os valores culturais e discriminatórios da legislação brasileira (MACHADO, 2016).

Nos anos 1980, o movimento feminista estava alastrado pelo Brasil, penetrando em partidos, sindicatos, associações, trazendo para a mulher a ideia de ser um sujeito social. Através de canais institucionais os grupos feministas buscavam inserir as discussões sobre os direitos das mulheres nas políticas públicas.

Se nos anos setenta as feministas haviam reagido contra a razão patriarcal, agora as primeiras a denunciar que o gênero havia se convertido em uma nova totalização excludente foram as marginalizadas dos relatos feministas: as mulheres negras e as lésbicas que buscavam sua história e sua cultura (GARCIA, 2015, p. 52).

No âmbito acadêmico foram crescendo pesquisas sobre as mulheres, e no plano governamental, foram criados conselhos sobre a mulher, nas três esferas de governo, municipais, estaduais e federal. (SARTI, 1998). O primeiro Conselho de Condição Feminina foi criado no ano de 1983 em São Paulo. Em 1985 este conselho sugeriu a criação de delegacias especializadas em atendimento às mulheres em situação de violência, neste mesmo ano cria-se também o Conselho Nacional de Direitos das Mulheres (CNDM).

Em 1988, o CNDM, expôs aos constituintes a “Carta das Mulheres”, realizada por feministas (PINTO, 2003, apud MACHADO, 2016). Nesta carta foram reivindicados os direitos das mulheres, como, saúde, trabalho, direito de ter alguma propriedade, de poder compartilhar a chefia do casamento, de possuir defesa da sua integridade física e psíquica, a redefinição penal do estupro, e a criação de delegacias especializadas nos atendimentos às mulheres em situação de violência, em todos os municípios brasileiros. Assim, durante a década de 1980 conselhos e delegacias voltadas ao atendimento às mulheres foram criadas em vários estados brasileiros (MACHADO, 2016) e, finalmente, com a Constituição Federal de 1988, é extinto "a tutela masculina na sociedade conjugal" (SARTI, 1998, p. 8).

A década de 1990 foi considerada muito importante para o movimento feminista brasileiro, pois articulou o crescimento e a consolidação do movimento feminista latino-americano. No ano de 1993 na Assembleia Geral das Nações Unidas, a violência contra a mulher começou a ser compreendida:

como qualquer ato de violência baseado no fato de alguém pertencer ao sexo feminino, resultando em dano ou sofrimento físico, sexual ou psicológico, o que inclui ameaças, coação, provação arbitrária da liberdade, produzindo-se tanto na vida pública como na particular. (BEIRAS; BRONZ, 2016, p. 21).

Em 1994 ocorreu, em Belém do Pará, a Assembleia Geral da Organização dos Estados Americanos que acordou a realização da Convenção Interamericana para Prevenir, Sancionar e Erradicar a Violência contra a Mulher (MACHADO, 2016), que foi ratificado pelo Estado brasileiro em 1995. Esta convenção é considerada como:

primeiro tratado internacional de proteção aos direitos humanos das mulheres a reconhecer expressamente a violência contra a mulher como um problema generalizado na sociedade [...] A Convenção afirma ainda, que a violência contra a mulher traduz uma grave violação aos direitos humanos e à ofensa à dignidade humana, constituindo-se em uma forma da manifestação das relações de poder historicamente desiguais entre homens e mulheres (SOUZA et. al. 2010, p. 1).

É importante salientar que no Brasil, como em outros países, todas estas conquistas sobre os direitos das mulheres, se deram a partir de debates acadêmicos e a incidência política dos grupos feministas (BEIRAS; BRONZ, 2016). Assim, em 2002, foi criada a Secretaria de Estado e Direitos da Mulher, com o objetivo principal de combater a violência contra a mulher, mas também movida por uma inserção equitativa da mulher no mercado de trabalho e no mundo político. Em 2003, foi criada a Secretaria Especial de Políticas para Mulheres (SPM). Após a realização de conferências e do trabalho da SPM, os Estados e municípios aderiram ao Pacto do Enfrentamento à Violência e ao Pacto da Redução da Mortalidade Materna. A primeira Conferência de Políticas Públicas para as Mulheres no Brasil foi realizada em 2004, mobilizou mais de 120 mil mulheres, debatendo temas como:

autonomia das mulheres e igualdade no mundo do trabalho; educação inclusiva não racista, não homofóbica e não lesbofóbica; saúde das mulheres, direitos sexuais e direitos reprodutivos; enfrentamento de todas as formas de violência contra as mulheres; [...] (MACHADO, 2016, p. 19).

Com todo este intenso trabalho sobre a violência contra a mulher, juntando com as denúncias de agressões e das desigualdades contra as mulheres, seja no âmbito privado ou público, começaram a serem criadas ações, legislações e políticas públicas a fim de combater a violência contra a mulher (BEIRAS; BRONZ, 2016). A SPM e o CNDM lutaram pelo projeto de Lei que enfrenta especificamente a violência doméstica,

a Lei nº 11.340 de 2006, mais conhecida como Lei Maria da Penha. Após isso, a SPM e o CNDM trabalharam na criação da rede de encaminhamentos para as mulheres que encontram-se em situação de violência doméstica. Além de trazer para a legislação brasileira o feminicídio, que de acordo com a Lei Federal nº 13.104 de 2015, é o homicídio simples ou qualificado contra a mulher por razões da condição do seu sexo feminino.

Saffioti (1987) defende aquele movimento feminista que identifica as contradições da sociedade capitalista, como um sistema de dominação e exploração que traz malefícios para a maioria das pessoas, por isso segundo a autora o atual feminismo deve lutar por uma democracia para todos, e não deve ser compreendido como “uma guerra contra aos homens” (SAFFIOTI, 1987, p. 115). De acordo com Silva (1992), os movimentos feministas contemporâneos estão influenciando no crescimento do questionamento sobre os estereótipos que homens e mulheres possuem. Ou seja, ao nascerem os seres humanos são biologicamente machos ou fêmeas, é através da influência das ideologias de uma determinada sociedade que esta fêmea se torna mulher e este macho torna-se homem, como traz Simone de Beauvoir (1980, apud Silva, 1992, p. 62) na sua famosa frase “ninguém nasce mulher, torna-se mulher”. Da mesma forma acontecem com os homens, eles não escolhem o papel que irão exercer na sociedade. Conforme os valores patriarcais, o homem deve ser o provedor da casa, não podendo expressar sua sensibilidade em relação ao mundo e às pessoas.

O atual estereótipo de homem o considera como o sexo forte que não pode deixar de maneira alguma transparecer a sensação de medo. No dia a dia acaba sendo mais fácil encarnar este estereótipo, pois, é mais simples obedecer ao modelo de como ser homem, do que refletir e questionar de uma nova maneira de exercer esta masculinidade. Porém, é necessário reconhecer o quanto este modo de ser, seguindo estereótipos, reprime as pessoas, como justifica Saffioti (1987, p. 40)

se cada ser humano é diferente de todos os demais, é obvio que modelar todos os membros de cada categoria de sexo segundo o estereótipo correspondente significa violentar as particularidades de cada pessoa.

Discutir as diferenças entre os sexos depende da sociedade e época em que se está, porém, essa construção cultural tem uma hierarquização de poder no qual se acredita que as atividades masculinas possuem mais valor do que as femininas (GARCIA, 2015).

A mulher segue a sua vida de acordo com o “destino de mulher”, conforme relata Silva (1992, p. 61), este destino depende de acordo com a situação econômica e cultural da mulher, mas seja em maior ou menor proporção esta vida é considerada difícil, pois são direcionadas à mulher em primeiro lugar as tarefas domésticas, desde a limpeza do lar, preparar as refeições, até reproduzir, cuidar da família, em especial dos filhos.

As representações acerca da mulher, seja na relação familiar ou na sociedade, passam pelas concepções de fragilidade, dependência e submissão, que dão ao homem o direito de tutela sobre ela. Essa situação é frequentemente posta como se fosse uma questão inerente à natureza da mulher e não fruto de uma ideologia que tende a reproduzir uma ordem social única, baseada em relações de poder contraditórias. (SILVA, 1992, p. 26).

Saffioti (1987) compreende que o estereótipo é uma máscara, em que os homens vestem a máscara do macho e as mulheres a máscara das submissas. A sociedade por sua vez modela tanto mulheres quanto homens, estabelecendo um processo repressivo através de relações desiguais.

Silva (1992), baseada em Saffioti (1987), entende que o sistema de dominação e exploração da sociedade brasileira é formado pelo patriarcado, racismo e capitalismo. Mesmo que o patriarcado e o racismo sejam categorias históricas e anteriores ao capitalismo, eles se fundem e constituem a mesma maneira de produzir e reproduzir a realidade social. Conforme explica Silva (1992, p. 29):

[...] a presença de uma ideologia machista, acrescida de uma ideologia dominante burguesa, que, por sua vez, se soma à ideologia racista. Trata-se de uma estrutura de poder baseada na simbiose patriarcado-racismo-capitalismo, que referencia crenças, sentimentos, discursos, práticas sociais. Essas estruturas de poder possuem [...] uma base econômica, mas também uma base política e afetivo-emocional. Esse tripé sustenta e reproduz os mecanismos de dominação-exploração [...].

Conforme Scott (1990 apud Beiras e Bronz, 2016), o gênero está incluído nas diferenças históricas entre os homens e as mulheres, está diretamente relacionado com as normas que organizam as relações de poder e de dominação entre os sexos (Butler, 2006 apud Beiras e Bronz, 2016). De acordo com Grosz (2000, apud Beiras et al., 2017), o nosso corpo carrega consigo um acúmulo de significados que contribuem para produzir e reproduzir a ordem e realidade social estabelecida. As relações de domínio dos homens perante as mulheres ainda é naturalizada na sociedade em que vivemos,

sendo que é esta naturalização que promove a continuidade da violência contra a mulher (BEIRAS e BRONZ, 2016).

1.2 As expressões legais das conquistas feministas.

Nesse sentido, vale observar como estas construções se objetivam, por exemplo, na forma legal. Inicialmente, no Brasil julgava-se a Violência contra a mulher, exceto nos casos de homicídios e lesões corporais graves, através da Lei dos Juizados Especiais Criminais, Nº 9.099 de 1995, que julga e processa as infrações com um “menor potencial ofensivo”. Os autores deste tipo de violência possuíam suas penas convertidas em penas alternativas, na maioria dos casos passavam a pagar cestas básicas. Os setores que trabalhavam com esta questão começaram a realização de atendimentos psicossociais com os homens autores de violência, pois criticavam esta legislação visto que a Lei não especificava que tipo de pena alternativa deveria ser a melhor indicada para combater a violência contra a mulher (BEIRAS et al., 2017).

Buscando aprimorar as formas legais de luta contra a violência doméstica, a partir destas críticas contra esta Legislação, em novembro de 2004 o Poder Executivo levou ao Congresso Nacional o Projeto de Lei nº 4.559/04, este projeto idealizava mecanismos para proibir a violência doméstica contra a mulher, como a criação de Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a mulher, estabelecendo medidas de prevenção, assistência e proteção para as mulheres em situação de violência. Este projeto de Lei destacava também a atenção destinada aos homens autores de violência contra a mulher, trazendo no seu contexto que é dever do Estado de criar e promover centros de educação e de reabilitação para os homens autores de violência contra a mulher (BEIRAS et al., 2017).

De acordo com Moreira (2014), a violência doméstica passa a deixar de ser um assunto privado, tornando-se um assunto público, que requer intervenção das políticas públicas como medida necessária à combatê-la. Sendo que em agosto de 2006 foi sancionada a Lei 11.340/06, conhecida como Lei Maria da Penha, em homenagem a Maria da Penha Maia, que foi agredida pelo esposo por seis meses, havendo duas tentativas de homicídio e só foi condenado dezanove anos após a acusação.

Com a Lei Maria da Penha, a pena para agressões domésticas contras as mulheres triplicou, aumentando também os serviços de proteção às mulheres em situação de violência, foram criados os Juizados Especiais de Violência Doméstica e

Familiar contra a Mulher (JVDFM). Esta lei foi desenvolvida visando atender as reivindicações dos movimentos feministas de como deveriam ser tratados pela justiça os casos de violência doméstica contra a mulher (BEIRAS; BRONZ, 2016).

A violência é um fenômeno biopsicossocial complexo, que pode ser compreendida apenas dentro da sua historicidade, pois, na configuração da violência se cruzam problemas da política, da economia, da moral, do direito, da psicologia, das relações humanas e institucionais, e do plano individual” (MINAYO, 1994, p. 7). Pensando nesta compreensão, a presente pesquisa irá usar o termo “homem autor de violência contra a mulher” ao invés de “agressor”, pois, conforme Lima (2008, p. 21) o comportamento violento “é resultado de uma articulação de fatores pessoais, situacionais e sociais,” e o “termo agressor não só identifica quem comete a violência, mas também atrela esse comportamento à identidade e à personalidade do sujeito.”

José Gregori pensando em violência no seu sentido mais amplo a define como:

[...] aquele tipo de violência que acontece entre quatro paredes: o marido agredindo a mulher; a mulher e o marido tratando mal os filhos; a mulher, o marido e os filhos tratando mal os avós; e os avós tratando mal os empregados. Quer dizer, é uma linha de produção da violência, é na família que a violência acontece. (GREGORI, 1999 apud TEIXEIRA, 2001, p. 69).

De acordo com Beiras et. al. (2017) a violência doméstica contra a mulher é compreendida como a ideia de desigualdade entre os sexos, onde é estabelecida uma relação em que um "coisifica" o outro. Conforme os Princípios e Diretrizes para a Política Nacional de Atenção Integral à Saúde da Mulher (2004), tanto homens como mulheres, que reproduzem como base os padrões hegemônicos de masculinidades e feminilidades, produzem adoecimentos, sofrimentos e morte.

Atualmente a violência doméstica é compreendida como um problema de saúde pública, e constitui-se como uma forma de violação dos direitos humanos (BRASIL, 2006). Percebendo o quão sério é esta questão, e o quanto afeta os envolvidos em torno do contexto violento, Heleieth Saffioti (2004, apud BEIRAS et al., 2017, p. 179) explicita que:

É por esta razão que não se acredita numa mudança radical de uma relação violenta, quando se trabalha exclusivamente com a vítima. Sofrendo esta algumas mudanças, enquanto a outra parte permanece o que sempre foi, mantendo seus habitus, a relação pode inclusive, tornar-se ainda mais violenta. Todos percebem que a vítima precisa de ajuda, mas poucos vêem esta necessidade no agressor. As duas partes

precisam de auxílio para promover uma verdadeira transformação da relação violenta.

A violência doméstica contra a mulher conforme Schraiber et al (2005, apud STENZEL, 2014) é um fenômeno que ocorre entre pessoas íntimas, na maioria das vezes no próprio âmbito familiar. Por estar quase sempre presente nas relações familiares, esse tipo de violência acaba sendo subestimada e não é compreendida pela sociedade como uma forma de violência.

Dias (2008) ao estudar a Lei nº 11.340 de 2006, estabelece que o sujeito ativo (autor de violência) pode ser tanto um homem quanto outra mulher. Mas, a pessoa em situação de violência deve ser considerada do sexo feminino, o que abrange lésbicas, transexuais, travestis e transgêneros que considerem a sua identidade social como feminina (DIAS, 2008). Porém, de acordo com diversos estudos, o maior número de casos referentes à violência doméstica são praticados por homens contra mulheres com quem possuem relações íntimas.

De acordo com Rosa (2006) as mulheres também exercem violência contra os homens, porém, na grande parte dos casos de violência doméstica o papel de autor da violência é realizado pelo homem. Percebe-se, que uma das principais características da violência doméstica é que o autor de violência é do sexo masculino, possuindo intimidade com a mulher em situação de violência.

Dias (2008) também observa que a violência doméstica é estabelecida entre pessoas que possuem algum tipo de vínculo seja, doméstico, familiar ou de afetividade. Portanto, não necessariamente o autor de violência é alguém com quem a mulher em situação de violência tenha uma relação de casamento ou namoro, a violência pode ser cometida de um irmão contra uma irmã, de um patrão contra sua empregada, ou até mesmo de uma filha contra uma mãe.

1.2.1 Os tipos de Violência Doméstica.

A compreensão de violência doméstica desenvolveu-se e a Lei Nº 11.340 de 2006 no seu Art. 7º, definiu os tipos de violências sofridas por mulheres nos âmbitos domésticos como: física, psicológica, sexual, patrimonial e moral. O Ministério da Saúde acrescenta também, como formas de violência doméstica contra a mulher, a violência econômica ou financeira e violência institucional. Cada conceito de violência será devidamente explicado, iniciamos como a violência física é compreendida:

[...] quando uma pessoa, que está em relação de poder em relação a outra, causa ou tenta causar dano não acidental, por meio do uso da força física ou de algum tipo de arma que pode provocar ou não lesões externas, internas ou ambas (BRASIL, 2002, p. 17).

Dias (2008, p. 64) reconhece a violência física como qualquer ação com o uso da força física que “ofenda o corpo ou a saúde da mulher”. São inclusas na violência física agressões que não provoquem marcas visíveis no corpo da mulher. A autora abrange inclusive o estresse crônico causado pela decorrência da violência, como “dores de cabeça, fadiga crônica, dores nas costas e até distúrbios no sono” (DIAS, 2008, p. 64).

Diversos atos podem ser compreendidos como violência física de acordo com o Ministério da Saúde (2002), como mordidas, empurrões, tapas, chutes, cortes, socos, queimaduras, estrangulamento, uma pessoa obrigar a outra a: sair de sua própria casa, tomar medicamentos inadequados, fazer uso de álcool ou outras drogas. Amarrar, arrastar, tirar a roupas sem o consentimento da outra pessoa, abandonar em lugares desconhecidos, causar danos à integridade corporal ao outro por algum tipo de negligência.

A violência sexual é compreendida pelo Ministério da Saúde como:

[...] a ação na qual uma pessoa em relação de poder e por meio de força física, coerção ou intimidação psicológica, obriga uma outra ao ato sexual contra a sua vontade, ou que a exponha em interações sexuais que propiciem sua vitimização, da qual o agressor tenta obter gratificação (BRASIL, 2002, p. 17).

Ocorrendo também de diversas formas, como a realização em outra pessoa de carícias não desejadas, penetração de forma forçada, oral, anal ou genital, com pênis ou objetos, obrigar outra pessoa a ficar exposta à material pornográfico, exibicionismo e masturbação. Fazer uso de linguagem erótica em situação inadequada, impedir o uso de qualquer método contraceptivo ou negar a utilização do preservativo, forçar alguém a ter ou presenciar relações sexuais com outras pessoas, além do casal (BRASIL, 2002).

Ao referir-se à violência sexual o Ministério da Saúde destaca o sexo forçado no casamento, que é quando é imposto à mulher continuar a realizar relações sexuais com o (a) parceiro (a), por isso fazer parte de suas obrigações enquanto esposa. Além do sexo forçado, o Ministério da Saúde traz também o assédio sexual, como alguma atitude de conotação sexual que possa causar qualquer tipo de constrangimento de uma das partes. O assédio é realizado junto a um poder de superioridade na hierarquia, seja no mercado de trabalho, ou dentro da própria família (BRASIL, 2002).

A violência psicológica é estabelecida através de qualquer: “[...] ação ou omissão que causa ou visa a causar dano à autoestima, à identidade ou ao desenvolvimento da pessoa” (BRASIL, 2002, p. 20), como realizar constantes humilhações e insultos, críticas pelo desempenho sexual, desvalorizando, chantageando, ridicularizando ou isolando o outro de amigos e familiares. Praticar ameaças, manipulações afetivas, explorações, confinamento doméstico, atos de negligências, privar da liberdade, como trabalhar, estudar, cuidar de sua aparência e de seu dinheiro.

De acordo com Dias (2008) a violência psicológica se baseia na agressão emocional, onde o agressor ameaça, humilha, discrimina ou rejeita a mulher em situação de violência. Considerando a violência física, o tipo de violência doméstica mais frequente e provavelmente a menos denunciada, pois a mulher em situação de violência ainda não percebe que “agressões verbais, silêncios prolongados, tensões, manipulações de atos e desejos são violência e devem ser denunciados” (DIAS, 2008, p. 66).

O Ministério da Saúde compreende como violência econômica ou financeira “[...] todos os atos destrutivos ou omissões do (a) agressor (a) que afetam a saúde emocional e a sobrevivência dos membros da família” (BRASIL, 2002, p.21), como roubar, destruir bens pessoais, ou conjugais. Não pagar a pensão alimentícia, fazer uso de recursos econômicos de outras pessoas sem o consentimento.

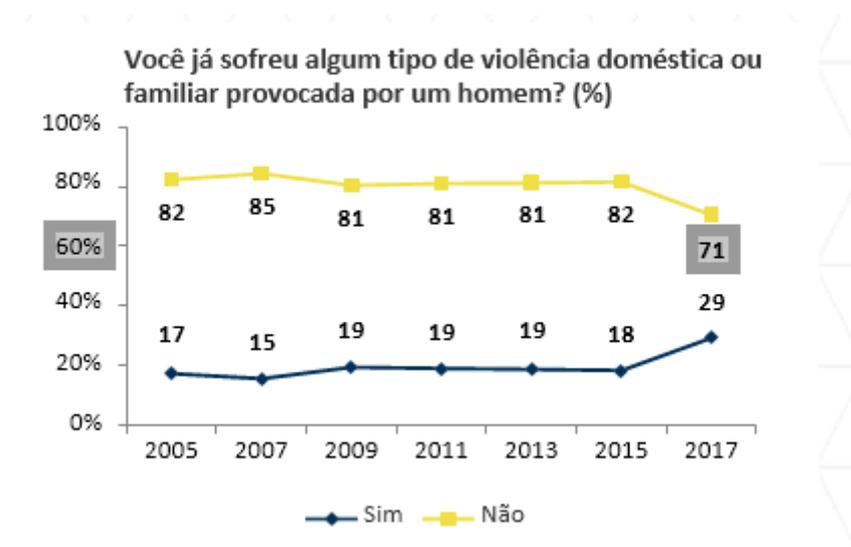
Outra nomenclatura foi encontrada para o mesmo tipo de violência, Dias (2008) refere-se à violência econômica como violência patrimonial, que é explicada como aquela em que o autor da violência subtrai para si valores, direitos e bens econômicos que são utilizados pelas necessidades da mulher em situação de violência.

A violência institucional é aquela que acontece dentro dos serviços públicos, seja por ação ou omissão da ação. Esta violência pode ocorrer de diversas maneiras, entre elas a falta de acesso aos serviços, a má qualidade destes, os abusos de autoridades, entre outros (BRASIL, 2002).

Também é citada por Dias (2008) a violência moral, que trata sobre calúnia, difamação e injúria, quando o homem autor de violência inventa histórias sobre a mulher em situação de violência. A autora comenta que a calúnia e a difamação acontecem quando outras pessoas ficam sabendo da história inventada, e a injúria é quando a própria mulher em situação de violência tem o conhecimento da história. Este tipo de violência é coincidente com a violência psicológica, afetando principalmente o lado emocional da mulher em situação de violência.

Para ter uma percepção do quanto a violência doméstica ainda está presente na vida das brasileiras, é importante observar alguns dados coletados pelas Pesquisas do DataSenado sobre: “Violência doméstica e familiar contra a mulher”, nos anos: 2005; 2007; 2009; 2011; 2013; 2015; e 2017. Sendo que em 2017 29% das mulheres que foram entrevistadas relataram já ter sofrido alguma violência provocada por um homem.

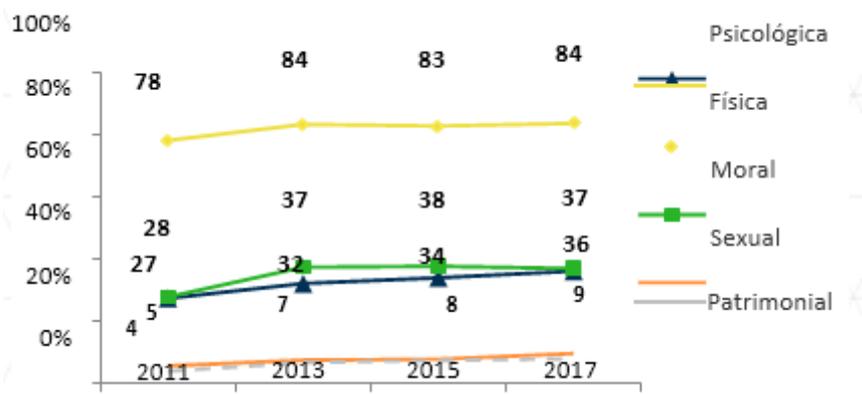
Gráfico 1: Mulheres que relataram ter sofrido violência doméstica provocada por um homem.



Fonte: (SENADO FEDERAL, 2017, p. 2).

Sendo que a violência física aparece como o tipo de violência mais frequente nas agressões contra as mulheres:

Gráfico 2: Tipo de violência declarado pela mulher em situação de violência doméstica.



Fonte: (SENADO FEDERAL, 2017, p. 3).

No próximo item mostram-se elementos da Lei 11.340/06 – Maria da Penha – sobre o homem autor de violência contra a mulher, com intuito de compreender os deveres e direitos deste sujeito.

1.2.2 A Lei Maria da Penha focalizada no homem autor de violência contra a mulher.

Como dito acima a Lei Maria da Penha cumpre um importante papel para prevenir e/ou punir atos de violência doméstica contra a mulher. Na análise do disposto nesta lei interessa-nos salientar o processo de identificação do homem autor de violência contra a mulher e as medidas judiciais a ele cabíveis. Visto que a lei incluí no seu contexto o trabalho com os homens autores de violência como medida a ser adotada para prevenir e responsabilizá-lo.

A partir do Art. 5º da Lei Maria da Penha, que trata sobre a violência doméstica e familiar, o homem autor de violência contra a mulher é percebido como aquele que pode participar da unidade doméstica (moradia), ou de relações familiares, ou ainda ser parceiro afetivo da mulher agredida. É aquele que causou nela qualquer ação que resulte em morte, lesão, sofrimento físico, psicológico, sexual, ou algum tipo de dano moral e/ou patrimonial.

A lei qualifica a pessoa que pratica o ato de violência independente da sua orientação sexual, sendo que, pode ser tanto um homem quanto outra mulher. Mas, a mulher em situação de violência deve ser considerada do sexo feminino, o que abrange lésbicas, transexuais, travestis e transgêneros que considerem a sua identidade social como feminina (DIAS, 2008).

Porém percebe-se que o maior número de casos referentes à violência doméstica contra a mulher, são praticados por homens contra mulheres com quem possuem relações íntimas. O Mapa da Violência 2015 retrata sobre homicídios de mulheres no Brasil, sendo que foram vítimas de assassinatos 106.093 mulheres entre os anos de 1980 e 2013, 4.762 só em 2013, e 33,2% destes assassinatos foram cometidos por parceiros ou ex-parceiros das mulheres em situação de violência doméstica (WAISELFISZ, 2015).

A violência doméstica está presente no cotidiano de milhares de famílias, entre as adolescentes de 12 a 17 anos+ em situação de violência doméstica que foram atendidas pelo SUS em 2014, 26,5% foram agredidas pelo próprio pai e 23,2% por

parceiros ou ex-parceiros. Com as mulheres de 18 a 59 anos foi notado que os principais autores da violência são os parceiros ou ex-parceiros. No caso das idosas foi constatado pelo Mapa da Violência 2015, que 34,9% das atendidas pelo SUS no ano de 2014, foram violentadas por um filho (WASELFISZ, 2015).

No Art. 22º da Lei 11.340 (2006) pode-se ler que foram definidas Medidas Protetivas de Urgência reconhecendo a necessidade de assegurar que o autor da agressão praticada não intimide aquela que ele agrediu. Estas medidas são:

I- Suspensão da posse ou restrição do porte de armas, com comunicação ao órgão competente, nos termos da Lei nº 10.826, de 22 de dezembro de 2003; II- Afastamento do lar, domicílio ou local de convivência com a ofendida; III- Proibição de determinadas condutas, entre as quais: a) aproximação da ofendida, de seus familiares e das testemunhas, fixando o limite mínimo de distância entre estes e o agressor; b) contato com a ofendida, seus familiares e testemunhas por qualquer meio de comunicação; c) freqüentação de determinados lugares a fim de preservar a integridade física e psicológica da ofendida; IV- Restrição ou suspensão de visitas aos dependentes menores, ouvida a equipe de atendimento multidisciplinar ou serviço similar; V- Prestação de alimentos provisionais ou provisórios (BRASIL, 11.340/06, p. 6-7).

Além disso, para proteger os bens patrimoniais da mulher em situação de violência a Lei estabelece que o juizado poderá restituir os bens subtraídos pelo homem autor de violência à ofendida, proibir temporariamente contratos de compra, venda, ou locação de alguma propriedade, e suspender as procurações realizadas pela mulher em situação de violência ao autor da violência.

A lei traz a preocupação de reeducar e reabilitar a pessoa que comete o ato violento na violência doméstica, que nesta pesquisa como já explicitado anteriormente, será chamado pela nomenclatura “homem autor de violência contra a mulher”. Competem às equipes de atendimento multidisciplinar desenvolver trabalhos de orientação, encaminhamento, prevenção e outras medidas voltados tanto às mulheres em situação de violência, quanto aos homens autores de violência. A União, o Distrito Federal, os Estados e os Municípios poderão criar centros de educação e de reabilitação para estes homens. A previsão que o autor da violência contra mulher deva participar de programas de recuperação e reeducação, caso o juiz assim decida, foi incluída na Lei de

Execução Penal após a promulgação da Lei Maria da Penha. Vale lembrar que a Lei de Execução Penal data de 1984.²

Porém, de acordo com Beiras e Bronz (2016), a Lei Maria da Penha ainda não esclarece completamente sobre a intervenção destes programas de recuperação e reeducação. Para isso é premente estudar e compreender o homem autor de violência contra a mulher, no sentido de definir melhor as causas objetivas e subjetivas de seu ato, para construir programas mais eficazes.

Rosa (2006) afirma que em relação à violência doméstica a preocupação de profissionais e autoridades é destinada para as mulheres em situação de violência. Quando se refere ao autor da violência, a maior preocupação é na penalização do mesmo, porém “a agressão é algo mais complexo do que apenas penalizar o agressor” (ROSA, 2006, p. 10), ela deve ser estudada de uma forma mais cuidadosa, refletindo sobre o contexto da história deste autor de violência, seja individual, familiar, cultural e social.

é de fundamental importância identificar causas motivadoras para a agressão, visto que o perfil das vítimas tem sido amplamente estudado sem perspectiva de encaminhamentos para atendimento do problema, que é identificar a origem da agressão e suas causas, para, a partir destas, desenvolver políticas que possam minimizar a violência do homem praticada contra a mulher (ROSA, 2006, p. 10).

Nesse sentido, tão importante quanto compreender as mulheres em situação de violência doméstica, é necessário conhecer o autor da violência, pois este homem está inserido em um contexto violento, e sem estudos destinados ao conhecimento de sua realidade não haverá a instituição de medidas que minorem esse tipo de violência. Sem a efetivação daqueles programas, o homem autor de violência poderá se envolver em outras relações, com outras mulheres e dar continuidade à violência, e assim criar novas mulheres em situação de violência. Sendo assim, o próximo capítulo destina-se a compreender a influência que a Masculinidade exerce no convívio social e quem é este homem autor de violência que será entrevistado para esta pesquisa.

²Art. 152 da Lei nº 7.210/1984, a Lei de Execução Penal, traz no seu parágrafo único que “Nos casos de violência doméstica contra a mulher, o juiz poderá determinar o comparecimento obrigatório do agressor a programas de recuperação e reeducação.” (BRASIL, 1984, p. 65).

2. O HOMEM AUTOR DE VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

2.1 conhecendo o sentido de masculinidade: Masculinidade Hegemônica.

Distintas abordagens, que analisam a violência doméstica contra a mulher, ressaltam a importância que a “masculinidade hegemônica” cumpre na reprodução dessa questão social. Dessa forma, nesse capítulo será apresentada a construção da masculinidade hegemônica a partir do apresentado pela história brasileira e, principalmente, o debate sobre masculinidade hegemônica.

Gilberto Freyre em “A casa-grande & a senzala” (1975 apud, MATOS 2011) compreende que desde o Brasil patriarcal o papel masculino brasileiro apreciado era:

[...] o menino que cedo estivesse metido com raparigas. Raparigueiro, como ainda hoje se diz. Feemeiro. Deflorador de mocinhas. E que não tardasse em empenhar negras, aumentando o rebanho e o capital paternos” (FREYRE, 1975 apud, MATOS, 2011, p. 28-29).

No livro: “Sobrados e Mucambos” Freyre (2006, apud Matos, 2011) analisa a decadência do patriarquismo do Brasil rural, ocorrida no século XIX. Afirma que a cultura brasileira era naquele tempo e futuramente seria marcada no receio da discussão sobre as diferenças socialmente atribuídas aos sexos (masculino-feminino). Afirma também que a associação do sexo feminino no Brasil patriarcal era com a beleza, fragilidade e importância no setor doméstico. Enquanto o masculino seria compreendido como o “dominador exclusivo dessa sociedade meio morta” (FREYRE, 2006, apud MATOS, 2011 p.29). O autor sinaliza que nesta época a beleza exigida do sexo feminino era “meio mórbida”, meninas fracas, raquíticas, e senhoras gordas, caseiras, maternais. Muito diferente da figura masculina, vigoroso e ágil.

Freyre mostra que no Brasil patriarcal e no recém-emancipado do patriarquismo, há uma clara percepção da diferença entre os sexos. Enquanto o homem é considerado o dominador dos sexos, a mulher é vista como aquela que deve servir e proporcionar prazer ao homem, deixando de lado suas próprias vontades (FREYRE, 2006, apud MATOS, 2011).

Por essa diferença exagerada, se justifica o chamado duplo padrão de moralidade, dando ao homem todas as liberdades do gozo físico do amor e limitando o da mulher a ir para a cama com o marido, toda a santa noite que ele estiver disposto a procriar. Gozo acompanhado da obrigação, para a mulher, de conceber, parir, ter filho, criar menino. O padrão duplo de moralidade, característico do sistema patriarcal, dá também ao homem todas as oportunidades de iniciativa, de ação social, de contatos diversos, limitando as oportunidades da mulher ao

serviço e às artes domésticas, ao contato com os filhos, a parentela, as amas, os escravos” (FREYRE, 2006, apud MATOS, 2011, p. 29).

O autor ainda identifica que talvez essas maneiras de como os homens se relacionavam com o sexo feminino podem ser considerados como uma espécie de “culto narcisista”. Em que o homem patriarcal procura por uma mulher frágil, delicada, “fingindo adorá-la, mas na verdade para sentir-se mais sexo forte, sexo nobre, mais sexo dominador” (FREYRE, 2006, apud MATOS, 2011, p.29). Freyre (2006, apud MATOS, 2011) também analisa na sociedade brasileira patriarcal as posições sociais entre os meninos e homens, argumentando que o homem adulto era percebido com tanto prestígio nesta sociedade, que influenciava o menino (criança/adolescente) a querer e deixar-se crescer e amadurecer de maneira mórbida, antes do tempo normalmente recomendado.

Comparando a análise realizada por Freyre da realidade do Brasil Patriarcal, com a atual realidade brasileira, é notável que ainda temos fortes influências desta cultura patriarcal em nossa sociedade. Visto que até pouco tempo era predominante a existência apenas da família tradicional,³ influenciada pelos traços do patriarcado, em que o homem é considerado o chefe da casa, sendo o principal responsável pelo sustento da mesma, possuindo autoridade sobre a mulher e os filhos. E a mulher considerada como a responsável por dedicar-se nas funções domésticas (PRATTA; SANTOS, 2007).

De acordo com Castells (2002), o patriarcalismo é a principal estrutura que faz parte da base das outras sociedades contemporâneas. Saffioti (2004) compreende que o patriarcado está sempre em constante transformação. Incorporado no patriarcalismo estão as masculinidades e feminilidades. Masculinidades são compreendidas como um conjunto de particularidades que trazem o significado do que é ser masculino (Beiras, et al., 2007). Sendo que, o conceito de masculinidade surgiu em meados da década de 1970 através de relatórios de estudos sobre as desigualdades sociais nas escolas da Austrália, ficando evidenciadas as múltiplas formas de hierarquias, seja nas relações de gênero ou de classe social. Um dos primeiros artigos que se referiu ao tema foi “Towards a New Sociology of Masculinity”, este trouxe críticas sobre o “papel sexual masculino”, propondo um novo modelo de masculinidade onde houvesse múltiplas

³ Uma família tradicional é normalmente formada pelo pai e mãe, unidos por matrimônio ou união de fato, e por um ou mais filhos, compondo uma família nuclear.

relações de poder, que foi incorporado junto “a uma teoria de gênero sociológica” (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013, p. 43).

Ao longo dos anos 1970 houve uma explosão de escritos sobre o “papel masculino”, nitidamente criticando as normas sobre papéis como origem do comportamento opressivo dos homens. A crítica à teoria dos papéis forneceu a base conceitual principal para o primeiro movimento de homens antissexistas (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013, p. 243).

Nos anos de 1980 a masculinidade passa a ser compreendida como “um padrão de práticas” (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013, p. 245), ou seja, coisas feitas, deixando de lado as reflexões sobre os papéis de uma identidade, “que possibilitou que a dominação dos homens sobre as mulheres continuasse” (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013, p. 245). Connell compreende que para cada sociedade existem inúmeras masculinidades, não havendo um parâmetro de masculinidade, pois “diferentes culturas e diferentes períodos da história, constroem a masculinidade de forma diferente.” (CONNELL, 2000, apud MATOS, 2011, p.31). Portanto, o formato de masculinidade difere de acordo com a conjuntura social, histórico e cultural. “Assim, nas sociedades de larga escala, multiculturais, existem múltiplas definições de masculinidade.” (CONNELL, 2000, apud MATOS, 2011, p. 31).

A masculinidade não é uma entidade fixa encarnada no corpo ou nos traços da personalidade dos indivíduos. As masculinidades são configurações de práticas que são realizadas na ação social e, dessa forma, podem se diferenciar de acordo com as relações de gênero em um cenário social particular. (CONNELL, MESSERSCHMIDT, 2013, p. 250).

Neste sentido Connell (1995, apud MATOS, 2011) aproxima-se de Gramsci e começa a utilizar o termo “hegemonia”, classificando as masculinidades em dois modelos: masculinidades hegemônicas e múltiplas masculinidades. Para explicar esta classificação, Connell (1995, apud MATOS, 2011, p. 32) argumenta que:

O conceito de hegemonia, a partir da análise de Antonio Gramsci das relações de classe, refere-se à dinâmica cultural, através da qual um grupo demanda e detém uma posição de destaque na vida social. Em dado momento, culturalmente uma forma de masculinidade é exaltada em detrimento de outras.

A masculinidade hegemônica é normativa, diretamente influenciada pelo patriarcalismo contém em seu interior qual é a melhor forma de ser homem, pratica e legitima o poder da subordinação de mulheres por homens. Mas, diferentemente de

outras masculinidades, em especial da masculinidade subordinada, a hegemônica não “se assumiu normal num sentido estatístico” (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013, p. 245), ou seja, nem todos os homens terão possibilidades de adota-la. Ainda de acordo com Connell e Messerschmidt (2013) foram os homens beneficiados pela herança do patriarcalismo e a complacência das mulheres que influenciaram a eficácia da masculinidade hegemônica. Que apesar da hegemonia ser baseada pela força, segundo estes autores ela não significa violência, mas sim uma “ascendência alcançada através da cultura, das instituições e da persuasão” (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013, p. 245).

Esses conceitos eram abstratos em vez de descritivos, definidos em termos da lógica do sistema patriarcal de gênero. Assumiam que as relações de gênero eram históricas e, dessa forma, as hierarquias de gênero eram sujeitas a mudanças. Nesse sentido, as masculinidades hegemônicas passaram a existir em circunstâncias específicas e eram abertas à mudança histórica. Mais precisamente, poderia existir uma luta por hegemonia e formas anteriores de masculinidades poderiam ser substituídas por novas. Esse foi um elemento de otimismo numa teoria de outra forma bastante sombria. Talvez fosse possível que uma maneira de ser homem mais humana, menos opressiva, pudesse se tornar hegemônica como parte de um processo que levaria à abolição das hierarquias de gênero (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013, p. 245).

De acordo com Connell e Messerschmidt (2013), entre a década de 1980 e 1990, o conceito de masculinidade hegemônica passou a ser utilizado em: estudos na educação, para compreender temas como o *bullying* entre as crianças do sexo masculino; para discutir identidades de professores em grupo, como os de educação física; nos estudos criminológicos, em dados contextualizando que homens cometiam mais crimes convencionais do que mulheres, mantendo um monopólio sobre alguns crimes, tais como crimes em sindicatos e de colarinho-branco; em estudos sobre crimes realizados por homens/meninos, como estupro, assassinato, hooliganismo no futebol americano, entre outros; por pesquisas sobre como a mídia representa o homem, como no esporte e imaginários de guerra; para compreender como é vista socialmente a saúde masculina. “Os conceitos de masculinidade hegemônica e subordinada ajudaram a compreensão da exposição dos homens a situações de risco, como também acerca de suas dificuldades para lidar com as próprias incapacidades e ferimentos” (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013, p. 246). Estando presente também em psicoterapias realizadas com homens; programas que previnem a violência juvenil; e programas de

educação emocional destinados a meninos. Os autores continuam afirmando que a compreensão da masculinidade hegemônica mostrou-se em estudos organizacionais:

Estudos etnográficos e com entrevistas traçaram a institucionalização das masculinidades hegemônicas em organizações específicas e seu papel nos processos organizacionais de tomada de decisões. Um foco particular dessas pesquisas foi a instituição militar, em que padrões específicos de masculinidade hegemônica costumam ser dominantes, mas têm se tornado cada vez mais problemáticos (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013, p. 247).

Assim, evidenciando o papel histórico e cultural do significado de masculinidade, Connell torna-se uma das principais referências nos estudos pertinentes a este tema. Deste modo a masculinidade hegemônica passa a ser compreendida como aquela masculinidade que é culturalmente dominante no contexto sócio histórico de uma determinada sociedade. Connell (2000, apud MATOS, 2011) estabelece também que a hegemonia é aquela posição que tem encontrada com maior ênfase cultural, mas não é de total imperialismo. Ou seja, além da hegemônica teriam outras configurações de masculinidades.

Valdés e Olavarría (1998) mostram que, mesmo em países culturalmente homogêneos como o Chile, não há uma masculinidade unitária, uma vez que os padrões variam por classe e geração. Em outro famoso país homogêneo, o Japão, Ishii-Kuntz (2003) traça a “emergência de masculinidades diversas” na história social recente, com mudanças nas práticas de cuidado das crianças como desenvolvimento-chave. Diversidade de masculinidades também é encontrada em instituições particulares como a instituição militar. Gutmann (1996), na mais bela observação etnográfica moderna da masculinidade, estudou um caso no qual existe uma identidade masculina pública bem definida – o “machismo” mexicano. Ele mostra como o imaginário do machismo se desenvolveu historicamente e foi entrelaçado com o desenvolvimento do nacionalismo mexicano, mascarando a enorme complexidade nas vidas dos homens mexicanos. O autor traz à tona quatro padrões de masculinidade nos ambientes da classe trabalhadora urbana que ele estuda, insistindo que mesmo esses quatro padrões são transversalizados por outras divisões sociais e são constantemente renegociados na vida cotidiana. Finalmente, um corpo considerável de pesquisas mostra que as masculinidades não são simplesmente diferentes entre si mas também sujeitas a mudanças (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013, p.248).

Kimmel (1997, apud BEIRAS, et al., 2007) compreende que o modelo de homem de acordo com a masculinidade hegemônica é aquele homem branco, ocidental, de classe dominante, provedor, heterossexual, forte e viril (BEIRAS, et al., 2007, p. 64).

Neste sentido, ao compreender que nem todos os homens têm realmente a possibilidade de usufruir da masculinidade hegemônica, Demetriou (2001, apud CONNELL, MESSERSCHMIDT, 2013) acrescenta, também, que há duas formas de hegemonia, a externa, a dominação dos homens sobre as mulheres, e a interna a dominação cultural de um grupo de homens sobre outros homens.

Após a realização de um estudo sobre as histórias em quadrinhos dos personagens “Batman” e “*Super Man*” Beiras (et al., 2007) concluíram que está posto nestas narrativas um modelo do que é ser um homem e do que se espera deste homem na sociedade atual, perceberam que a musculosidade do homem, serve para destacar quais são os personagens principais, aqueles que não seguem estes padrões são considerados como coadjuvantes, ou vilões, “personificando a antítese ou corrupção do modelo proposto” (Beiras, et al., 2007, p. 66). Identificaram, também, nas histórias que enquanto os corpos masculinos são referenciados como viris e musculosos, os femininos são esquivos e erotizados.

Os autores reconheceram nas histórias em quadrinhos quais são os valores presentes nos personagens que estão associados à masculinidade, como “a força física, virilidade, poder econômico, racionalidade, controle emocional, honra, lealdade e a predominância masculina na esfera pública” (BEIRAS, et al., 2007, p. 66).

Connell (1997, apud BEIRAS, et al., 2007, p. 64):

define masculinidades como configurações de práticas sociais que se referem a corpos masculinos, estando elas tanto relacionadas à ordem simbólica e institucional de nossa sociedade como aos aspectos individuais dos sujeitos nela inseridos. Este autor reconhece ainda a noção de “múltiplas masculinidades” (Connell, 1995), hierarquizadas a partir de relações de poder e no centro das quais existiria uma “masculinidade hegemônica” – um conjunto de práticas e valores com a função de garantir a posição dominante dos homens e a subordinação das mulheres.

Assim, começou-se a perceber que além da luta feminista e das reivindicações pela mudança do comportamento feminino, para haver realmente igualdade entre os sexos, era necessário “mudar os homens”. Desperta-se no conceito de masculinidade estudos e pesquisas baseadas na ideia histórica de construção social; que permite uma análise de que essas relações podem ser desconstruídas ou remodeladas (MATOS, 2011).

Em relação às consequências das influências que a masculinidade hegemônica exerce na sociedade, pesquisas na área criminológica demonstram a ligação de padrões

de agressão ligados diretamente a este tipo de masculinidade, “não como um efeito mecânico do qual ela fosse a causa, mas através da busca pela hegemonia” (Connell, Messerschmidt, 2013, p. 247). Outro exemplo, é a pesquisa realizada por Mesnner (1992, apud Connell, Messerschmidt, 2013) em que é constatado que os esportes profissionais reproduzem em exageros diversos níveis hierárquicos, e acarreta em danos emocionais e físicos até mesmo para os profissionais vitoriosos.

As masculinidades hegemônicas são consideradas socialmente dominantes. As mulheres são seres extremamente importantes na construção destas masculinidades, seja como mãe, esposa, amiga, trabalhadora assalariada, por isso é necessário enfatizar as dinâmicas das relações de gênero. Visto que as masculinidades hegemônicas são construídas através das interações entre homens e mulheres, são consideradas históricas e sociais, podendo ser transformadas com o decorrer do tempo. Estas transformações podem ser intencionais, ou seja, crianças e adultos possuem a capacidade de criticar este modo de masculinidade, desconstruindo estas relações de poder. (Connell, Messerschmidt, 2013). Pois, ainda de acordo com Connell, Messerschmidt (2013, p. 260), “a dominação dos homens e a subordinação das mulheres constituem um processo histórico, não um sistema autorreprodutor.”

Jefferson (1994, apud CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013) voltado para a psicanálise reflete sobre as múltiplas masculinidades, e como os homens com suas histórias de vida, suas realidades sociais e psíquicas particulares relacionam-se com estas diversas masculinidades.

É importante salientar que normas definidas pelas masculinidades, não são cem por cento incorporadas por todos os sujeitos, “o sexo dos sujeitos é regulado e materializado por normas construídas pelas sociedades e, por mais que tais normas sejam reiteradamente afirmadas, os corpos nunca se conformam totalmente a elas.” (BUTLER apud GOMES, 2008, p. 63). Louro (2001) aproxima-se de Butler afirmando que “o sujeito não decide sobre o sexo que irá ou não assumir; na verdade, as normas regulatórias de uma sociedade abrem possibilidades que ele assume, apropria e materializa.” (LOURO, 2001, p. 548-549).

Portanto, nascer “menino ou menina” carrega consigo normas e valores predominantes em uma determinada cultura, que se relacionam no que é ser homem ou mulher, que podem ser “apropriadas, incorporadas ou reinventadas pelos sujeitos.” (MATOS, 2011, p. 34).

2.1.1 Críticas sobre o conceito de Masculinidade Hegemônica.

No início dos anos 2000, as críticas sobre o conceito de masculinidade hegemônica começaram a surgir. Como a ideia de que a masculinidade não é algo fixo no corpo ou na personalidade das pessoas, mas sim configurações de práticas realizadas durante o convívio social, assim, conforme ocorrem as relações de gênero de uma determinada sociedade, são diferenciadas como a masculinidade se coloca nas relações sociais (Connell, Messerschmidt, 2013). Outra crítica está relacionada com alguns estudos sobre homens, que focam apenas sobre a realidade e relação dos homens, separando as mulheres, como se elas não fizessem parte e nem tivessem importância para uma análise de estudos masculinos (BROD, 1994, apud CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013).

Wetherell; Edley (1999, apud CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013) compreendem que o conceito de masculinidade hegemônica não traz como esta se objetiva na prática social.

Whitehead (1998, p. 58; e 2002, p. 93) sugere que há uma confusão sobre quem é realmente um homem hegemonicamente masculino – “É John Wayne ou Leonardo DiCaprio; Mike Tyson ou Pelé? Ou talvez, em diferentes momentos, todos eles?” – e também sobre quem na realidade pode pôr em ato práticas hegemônicas. (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013, p. 252).

Em resposta a esta crítica Connell e Messerschmidt (2013, p. 253) argumentam que:

as masculinidades hegemônicas podem ser construídas de forma que não correspondam verdadeiramente à vida de nenhum homem real. Mesmo assim esses modelos expressam, em vários sentidos, ideais, fantasias e desejos muito difundidos. Eles oferecem modelos de relações com as mulheres e soluções aos problemas das relações de gênero. Ademais, eles se articulam livremente com a constituição prática das masculinidades como formas de viver as circunstâncias locais cotidianas. Na medida em que fazem isso, contribuem para a hegemonia na ordem de gênero societal[...]

[...] É desejável eliminar qualquer uso da masculinidade hegemônica como fixa, como um modelo trans-histórico. Esse uso viola a historicidade do gênero e ignora a evidência massiva das transformações nas definições sociais da masculinidade.

Collier (1998, apud Connell; Messerschmidt, 2013) critica o conceito de masculinidade hegemônica ressaltando que ele está associado apenas às características masculinas negativas como: o homem não cuidador, independente, agressivo, não emocional e passional. Conforme este autor, esta compreensão de masculinidade exclui

os comportamentos masculinos positivos, que talvez sejam focados nos interesses e desejos femininos. Connell e Messerschmidt (2013) argumentam que muitas abordagens que estudam a masculinidade hegemônica trazem também, este papel positivo masculino, e que realmente:

[...] é difícil enxergar como o conceito de hegemonia seria relevante se apenas as características do grupo dominante fossem a violência, a agressão e o egocentrismo. Tais características talvez signifiquem dominação, mas raramente constituiria hegemonia – uma ideia que embute certas noções de consenso e participação dos grupos subalternos (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013, p. 256).

Os autores concordam com Collier (1998, CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013, p.256), quando este afirma que em muitas abordagens deste tipo de masculinidade há “uma gama de ideologias populares do que constitui um ideal, ou verdadeiras características, do que é ‘ser um homem’”. Porém, Connell e Messerschmidt (2013, 256) consideram que:

O que falta em Collier, entretanto, é que pesquisas consistentemente sofisticadas prossigam na exploração da relação dessas idealizações com as vidas diárias de meninos e homens – incluindo os desajustes, as tensões e as resistências[...] As relações práticas de homens e meninos com as imagens coletivas ou os modelos de masculinidades, em vez de uma simples reflexão sobre elas, são centrais para a compreensão das consequências generificadas nos processos de violência, saúde e educação. Isso tem sido evidente desde que Messerschmidt formulou a ideia de que diferentes crimes são usados por diferentes homens na construção das masculinidades. Collier considera essa ideia inaceitável, por ser tautológica e universalizante ou excessivamente multitudinal naquilo que explica. Mas não há nada surpreendente sobre a ideia de práticas diversas sendo geradas em modelos culturais comuns; não há nada conceitualmente universalizante sobre a ideia de masculinidade hegemônica. Coordenação e regulação ocorrem nas práticas sociais da vida de coletividades, instituições e sociedades inteiras. O conceito de masculinidade hegemônica não busca abarcar tudo e muito menos ser uma causa primeira; é uma forma de entender certa dinâmica no seio de um processo social.

De acordo com estes autores, a razão do conceito de masculinidade hegemônica ser baseado em ações permissivas e contínuas da dominação de homens sobre mulheres, não é nada anormal que em algumas das abordagens sobre tal masculinidade refira-se “ao engajamento dos homens a práticas tóxicas – incluindo a violência física – que estabilizam a dominação de gênero em um contexto particular.” (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013, p. 255). Mas, violência e outras práticas não são

consideradas características únicas, definidoras, visto que “a hegemonia tem numerosas configurações.”.

Continuando com as críticas, Whitehead (2002, apud CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013, p. 257) também faz suas ponderações sobre o conceito de masculinidade hegemônica, de acordo com este autor esta compreensão anula o sujeito, “o individual se perde no interior de um aparato ideológico ou, em termos althusserianos, sujeito a ele e a uma vontade inata de poder”. Este autor afirma que tal conceito é reduzido para um determinismo estrutural. Connell e Messerschmidt (2013, p. 259) não concordam com este pensamento e afirmam que “a masculinidade é definida como uma configuração de práticas organizadas em relação à estrutura das relações de gênero”. E o conceito de masculinidade hegemônica, dentro das relações sociais, que são históricas e perpassadas pelas relações de gênero, tem como base esta visão histórica e dinâmica do gênero,

no qual é impossível apagar o sujeito [...] O conceito homogeneiza o sujeito apenas se ele é reduzido a uma dimensão única das relações de gênero (usualmente o simbólico) e se ele é tratado como uma especificação da norma (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013, p. 259).

Os significados de conceitos nas ciências sociais também são históricos e mutáveis, e podem ser apropriados em diferentes campos, como o da masculinidade hegemônica que atualmente varia entre diversas áreas desde a educação à psicoterapia, a compreensão da violência às relações internacionais. Apesar da história apresentar dificuldades em realizar tal ação, a conceitualização da masculinidade hegemônica deve reconhecer “a possibilidade da democratização das relações de gênero e da abolição de desigualdades de poder, e não apenas a reprodução da hierarquia” (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013, p. 272), estabelecendo uma masculinidade disposta a igualdade com o sexo feminino.

Percebe-se que a cultura do patriarcado ainda esta presente na sociedade brasileira, e a presença da masculinidade hegemônica diretamente na vida dos sujeitos, influenciam para que uma sociedade machista se desenvolva e dê continuidade para a dominação masculina perante as mulheres. Esta dominação produz e reproduz a violência que o homem exerce contra a mulher. Beiras et al. (2017), compreendem que uma das estratégias para minimizar a violência doméstica contra a mulher é a construção e o desenvolvimento de novas masculinidades e feminilidades.

Wetherell e Edley (1999, apud CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013, p. 256) argumentam que “a masculinidade hegemônica não pode ser entendida como uma estrutura estabelecida de caráter de qualquer grupo de homens.” Pois, os homens podem praticar atos vinculados à masculinidade hegemônica quando desejarem, e podem também parar de praticar estes atos em outros momentos. Para as autoras, a masculinidade não representa “um tipo determinado de homem, mas, em vez disso, uma forma como os homens se posicionam através de práticas discursivas” (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013, p. 256).

Butler (2008) concordando com Beauvoir, reconhece que a mulher está em constante processo de construção, não podendo ser afirmado se há uma origem ou fim do que é ser mulher. Matos (2011) refletindo sobre a dominação masculina na sociedade, questiona se ser homem também não seria um processo de construção e de desconstrução.

Observa-se, que não são todos os homens que realmente exercem a masculinidade hegemônica, visto que dentre os “critérios” deste tipo de masculinidade está a possibilidade de prover financeiramente a família, porém são poucos os homens que conseguem sustentar plenamente suas famílias, o que acarreta em uma frustração ao próprio homem, podendo se considerar menos masculino por este fato. Conclui-se esta discussão percebendo que as relações sociais são constantemente influenciadas pela masculinidade hegemônica, o que contribui diretamente nas atitudes machistas ainda presentes na atual sociedade, em que homens sentem-se superiores em relação às mulheres e podem achar-se no direito de agredi-lás.

2.2 O perfil dos homens autores de violência doméstica contra a mulher.

Inicialmente pensou-se em averiguar o perfil dos homens autores de violência doméstica contra a mulher através de dados oficiais, porém após a busca, percebeu-se que nas pesquisas referentes à violência doméstica e intrafamiliar contra a mulher, ainda são poucos os dados que auxiliam na caracterização do perfil do autor de violência doméstica.

Sendo assim, buscou-se identificar quem são estes autores através dos seguintes artigos acadêmicos: Brasileiro e Melo (2016) que pesquisaram 565 inquéritos policiais na Delegacia da Mulher em Campina Grande em 2014, com objetivo de caracterizar o

perfil do autor da violência doméstica; Bortoli (2015) através da experiência profissional em atendimentos aos homens autores de violência contra a mulher no CREAS de Blumenau (SC), problematizou elementos relacionados à violência de gênero e masculinidades, em que foram extraídos dados de 125 homens que participavam nesta instituição de ações educativas nos anos de 2004 a 2012; Madureira et al. (2014) que procuraram estabelecer o perfil dos autores de violência contra a mulher que foram detidos em flagrante, e cometeram o delito no período de consolidação da Lei Federal Maria da Penha, nº 11.340/06; Rangel e Oliveira (2010) que buscaram construir um perfil sócio-demográfico das mulheres em situação de violência doméstica, e dos autores da violência, através das fichas de atendimento do Núcleo Integrado de Atendimento à Mulher – NIAM (RJ); Moura et. al (2009), em 2007 analisaram os tipos de violência e o comportamento de controle exercido pelos parceiros íntimos contra as mulheres, através de estudos com 278 mulheres de 15 a 49 anos, que residiam em Varjão (DF); Deslandes, Gomes e Silva (2000) analisaram, em 1996, os casos de violência contra a mulher de dois Hospitais: Miguel Couto e Salgado Filho (RJ).

De acordo com a pesquisa realizada por Madureira et al. (2014), foi constatado que dentre os sujeitos pesquisados, os autores da violência doméstica contra a mulher eram todos do sexo masculino. É importante ressaltar que Dias (2008) compreende que para a configuração da violência doméstica não é necessário que os envolvidos sejam casados, basta apenas a caracterização de um vínculo de afetividade em uma relação doméstica ou familiar. Sendo assim a pessoa que comete a violência poderá ser tanto um homem quanto uma mulher, desde que seja no âmbito doméstico ou familiar.

A parceira da vítima, quando ambas mantêm uma união homoafetivas (art. 5º, parágrafo único), também responde pela prática de violência de âmbito familiar. Os conflitos entre mães e filhas, assim como os desentendimentos entre irmãs está ao abrigo da Lei Maria da Penha quando flagrado que a agressão tem motivação de ordem familiar. (DIAS, 2008, p. 41).

Entretanto, no estudo realizado por Brasileiro e Melo (2016), dos 565 inquéritos policiais, 52 tinham como autor de violência pessoas do sexo feminino. Porém, as autoras desconsideraram estes inquéritos, argumentando que:

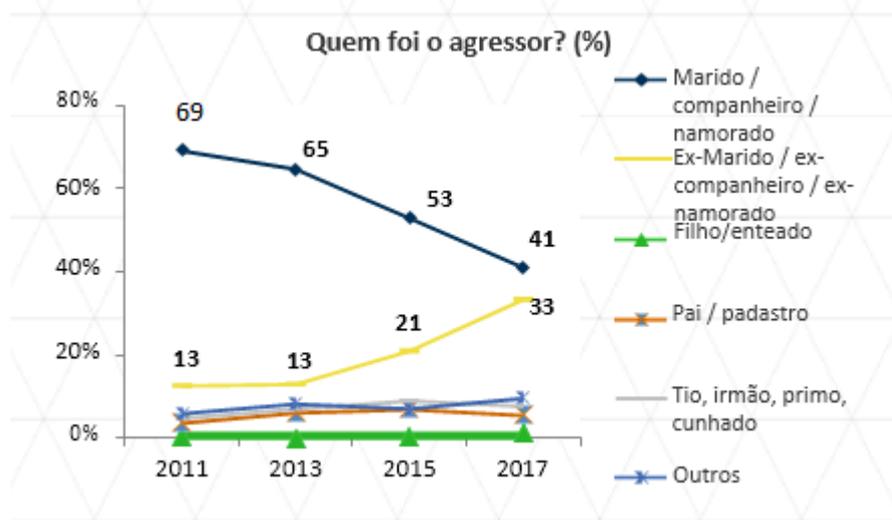
Sobre a questão de conflito de competência envolvendo mulheres no polo ativo das agressões contra outras mulheres, o Superior Tribunal de Justiça (STJ) determinou a vulnerabilidade da vítima (CC n.

88.027/MG, Relator Ministro OG FERNANDES, DJ de 18/12/2008) como um critério a mais para a caracterização da situação tratada pela Lei nº 11.340/2006. Desta forma, baseado em literatura científica e no julgado do STJ sobre o tema, foram desconsiderados os 52 Inquéritos que possuíam mulheres como agressoras nas situações em que não foi observada vulnerabilidade da vítima, sendo a maioria conflitos entre irmãs e sogra com nora. Ressalta-se assim que estes inquéritos não devem ser considerados de competência da Lei Maria da Penha, e, portanto, não deveriam ter sido inicialmente instaurados pela Delegacia Especializada de Defesa das Mulheres (BRASILEIRO; MELO, 2016, p. 195).

Observa-se que a masculinidade hegemônica demarca lugares relacionais de subordinação, para entender a violência doméstica contra a mulher e seus atores é importante compreender essa determinação, que não é apenas jurídica, mas também social.

Em relação ao grau de parentesco, o autor da violência doméstica contra a mulher aparece, principalmente, sendo como: marido/companheiro, ou ex-marido/ex-companheiro. Conforme mostra no gráfico das pesquisas realizadas pelo DataSenado sobre a “Violência doméstica e familiar contra a mulher”, nos anos: 2011; 2013; 2015 e 2017:

Gráfico 3: Identificação do Homem autor de violência doméstica contra a mulher.



Fonte: (SENADO FEDERAL, 2017, p. 12).

Além destes dados, os próprios artigos pesquisados também atribuem os maridos/companheiros e ex-marido/ex-companheiros como os principais autores de violência doméstica contra a mulher:

A análise da relação do agressor com a vítima denota que o marido/companheiro foi, isoladamente, o que mais agrediu (61,5%).

Em segundo lugar aparece o ex-marido/companheiro (15,4%), seguido dos filhos (8,5%) (MADUREIRA et al. 2014, p. 602)

O marido foi o agressor na grande maioria dos casos (41 casos, 56,9%). Observou-se também a presença de ex-maridos em cinco casos (6,9%), de namorados em três casos (4,2%) e ex-namorado em um caso (1,4%) (DESALANDE; GOMES; SILVA, 2000, p. 133).

Na maior parte dos casos analisados, os principais agressores são os maridos e companheiros ou ex-maridos e ex-companheiros, cujos percentuais, foram, respectivamente, de 65% e 19% do total de atendimentos (RANGEL; OLIVEIRA, 2010, p.4).

Considerando os dados dispostos, é notório que os agressores, na sua maioria, se classificam como “Ex” de suas vítimas. Estes resultados corroboram com os estudos de Lamoglia e Minayo (2009) em uma cidade do Rio de Janeiro, em que os ex-companheiros, maridos e companheiros são responsáveis pelo maior número de agressões de violência doméstica (BRASILEIRO; MELO, 2016, p. 197).

A figura do “ex” merece ser melhor considerada nesse contexto. Ela comparece em 33% no gráfico acima do Datasenado. A partir do quadro da masculinidade hegemônica, pode-se inferir que o rompimento da relação motivou a violência cometida, pois pode ter representado uma ameaça ao lugar de detentor da relação, como aquele que a define e comanda.

As faixas etárias destes autores de violência aparecem nos artigos de forma variada, desde jovens até idosos. Prevalendo o jovem adulto, de 25 a 39 anos (MADUREIRA et. al, 2014; RANGEL, 2010; BRASILEIRO e MELO, 2016). Nos dados da pesquisa de Moura et. al (2009) a média de idade observada de 32 anos e, de Bortoli (2015) 41% dos homens que foram sujeitos da pesquisa, tinham entre 30 a 40 anos, e os outros 26% em média de 41 a 50 anos. Foi constatado por Madureira et. al (2014) que 90% dos sujeitos da pesquisa eram alfabetizados, sendo que: 80% possuíam Ensino Fundamental; 7,7% o Ensino Médio e 2,3% Ensino Superior. Estes dados são próximos ao da pesquisa realizada por Brasileiro e Melo (2016), em que 55,8% dos autores de violência doméstica estudaram até o Ensino Fundamental. Moura et. al (2009) ponderam que 71% dos homens que participaram da pesquisa possuíam o Ensino Fundamental incompleto, sendo que 36% tinham menos de 4 anos de estudo e, 13% haviam estudados por 11 anos ou mais.

No que se refere ao trabalho, Madureira et. al (2014, p. 602) revelam os seguintes dados:

Em 82,4% os agressores exerciam algum tipo de trabalho remunerado, prevalecendo a construção civil (27,7%), indústria e comércio (15,4%), rural (13,8%) e auxiliar de serviços gerais (13,1%). Outros 3,8% eram aposentados, 12,3% encontravam-se desempregados, e 1,5% eram estudantes e não possuíam trabalho ou renda própria.

Brasileiro e Melo (2016) através dos dados obtidos dos inquiridos pesquisados, apresentam uma tabela sobre a profissão dos homens autores de violência contra a mulher, em que se destaca a profissão de pedreiro como principal meio de sustento para estes sujeitos da pesquisa.

Tabela 1: Profissões declaradas pelos homens autores de violência doméstica contra a mulher.

Profissões	Frequência	Porcentagem
Pedreiro	46	9%
Comerciante	25	4,9%
Operador de Máquinas	20	3,9%
Serviços Gerais	20	3,9%
Mototaxista	17	3,3%
Servente de Pedreiro	16	3,1%
Motorista	16	3,1%
Vendedor	15	2,9%
Desempregado	15	2,9%
Vigilante	14	2,7%
Desocupado	13	2,5%
Pintor	13	2,5%
Aposentado	12	2,3%
Agricultor	12	2,3%
Estudante	11	2,2%
Outros	246	47,8%
Total	511	100%

Fonte: (BRASILEIRO; MELO, 2016, p. 197).

Observa-se através desta tabela que a maioria das categorias de trabalho apresentadas não necessitam necessariamente de um elevado grau de estudo, o que constata com os dados anteriores, de que a maioria dos homens autores de violência possuem apenas o Ensino Fundamental. Porém, não se pode afirmar que a violência doméstica contra a mulher está presente apenas nas vidas de pessoas com baixos níveis de escolaridade. Pois, a violência doméstica é uma prática existente em todos os grupos sociais, independentemente da escolaridade dos homens ou das mulheres (BRASILEIRO; MELO, 2016).

Ainda sobre esse dado, pode-se inferir que – sabendo-se que a violência doméstica contra a mulher não é exclusiva a um estrato social - há pouca incidência ainda de denúncias por parte das mulheres que estão em um estrato social de melhor

rendimento. Com base na tabela de Brasileiro e Melo (2016), supracitada, observa-se que até então há um menor índice de denúncias de mulheres que foram violentadas por homens em elevados níveis sociais.

Com o intuito de conhecer e estudar os fatores que levaram os homens autores de violência doméstica contra as mulheres a cometerem estes atos violentos optou-se por realizar uma pesquisa com abordagem qualitativa através de entrevistas com homens autores de violência doméstica contra a mulher, pois, somente com uma análise mais detalhada sobre o tema de pesquisa será possível analisar e interpretar a profundidade da complexidade do comportamento dos seres humanos. (MARCONI; LAKATOS, 2009). A entrevista é uma técnica utilizada pelo entrevistador, com o principal objetivo de coletar dados sobre o tema pesquisado, através de uma interação social entre o entrevistador e o entrevistado (GIL, 1989), ou seja, “um encontro entre duas pessoas, a fim de que uma delas obtenha informações a respeito de determinado assunto, mediante uma conversação de natureza profissional” (MARCONI; LAKATOS, 1986, p. 70).

Entre os pontos positivos de utilizar a entrevista, Gil (1989) destaca que através dela é possível obter dados sociais e aspectos da vida social com maior profundidade, abrange um maior número de pessoas, inclusive aquelas que não sabem ler nem escrever, possibilita ao entrevistador um maior contato com o entrevistado, fazendo com que se consiga perceber a expressão corporal, a ênfase e tonalidade da voz no momento das respostas.

2.3 A Casa do Albergado de Florianópolis.

Com o intuito de conhecer e estudar os fatores que levaram os homens autores de violência doméstica contra as mulheres a cometerem estes atos violentos foram realizadas entrevistas com os homens que estão detidos por violência doméstica contra a mulher na Casa do Albergado de Florianópolis “Irmã Maria Uliano”, que fica localizada na Rua Lauro Linhares, nº 208, em Florianópolis/SC. Todas as informações sobre a instituição foram obtidas através de conversas com dois Agentes Penitenciários, uma servidora que trabalha no setor jurídico da instituição e, um servidor que ocupa o cargo de chefe de segurança.

Esta instituição foi criada em 20 de dezembro de 1984, atendendo a Lei de Execução Penal (LEP) para cumprimento do Regime Aberto de Florianópolis,

inicialmente possuía 20 vagas para o Regime Aberto e 10 vagas para Prisões Cíveis (pensão alimentícia). Com o passar dos anos, houve um aumento de pessoas que cumpriam sentença no Regime Aberto e o espaço físico da Casa do Albergado estava sendo insustentável para o número de pessoas, foi quando o Tribunal de Justiça de Santa Catarina (TJ) decidiu que estas pessoas não iriam mais ficar recolhidas a noite e nos finais de semana, e o Regime Aberto passou a ser controlado através de fichas de frequência que deve ser assinadas semanalmente, quinzenalmente ou mensalmente. Além de assinar estas fichas a pessoa em situação de Regime Aberto deve apresentar comprovantes de residência em Florianópolis e de trabalho lícito.

Com as mudanças no TJ em parceria com a Secretaria de Justiça e Cidadania, iniciaram-se as transformações na Casa do Albergado de Florianópolis, mantendo o alojamento para Prisões Cíveis e abrindo vagas para o Regime Semi-aberto. Logo depois, para atender as grandes necessidades de Florianópolis, a instituição passou a trabalhar com o Regime Aberto (através do controle das fichas de frequência), e Prisões Provisórias, sendo elas: Prisões Cíveis (Pensão alimentícia e delitos no trânsito) e da Lei Maria da Penha.

Antes os homens acusados por violentarem mulheres, através da Lei Federal 11.340/06, Lei Maria da Penha, eram detidos na 3ª Delegacia de Polícia localizada em Capoeiras (Florianópolis), mas em 25 de novembro de 2011 devido ao fechamento desta Unidade, estes homens passaram a serem detidos na Casa do Albergado de Florianópolis.

No dia da realização da entrevista havia 73 homens em prisão provisória, é importante salientar que este número está em constante mudança, destes 73 homens: 26 estavam reclusos devido ao não pagamento de pensões alimentícias; 2 por crimes relacionados com o trânsito; e 45 por violência doméstica. Para atender este público, a Casa do Albergado conta com 28 Agentes Penitenciários, demais profissionais, como: Assistentes Sociais, Psicólogos, Farmacêuticos e Médicos são solicitados quando há necessidade, junto à Penitenciária Masculina de Florianópolis, que fica ao lado da Casa do Albergado.

O espaço físico da instituição é composto por: uma sala denominada “Casa da Revista”, em que são realizadas as revistas das visitas; uma sala da chefia de segurança; uma sala chamada “parlatório”, onde os homens em situação de privação de liberdade conversam com seus advogados; o andar superior fica destinado para a administração da instituição; e quatro alojamentos: alojamento feminino e masculino da equipe de

segurança; alojamento para trânsito, destinado aos homens em situação de privação de liberdade que chegam à instituição no período noturno, ou que irão retornar à Unidade Prisional de origem; um alojamento destinado aos homens em situação de privação de liberdade chamados de “regalia”, estes são os que cozinham e cuidam do refeitório dos Agentes Penitenciários; um alojamento para os homens em situação de privação de liberdade por não pagamento de pensão alimentícia; e um alojamento para os homens em situação de privação de liberdade por violência doméstica contra a mulher. Estes dois últimos alojamentos contam separadamente com banheiro e pátio.

Houve a oportunidade de visitar o alojamento destinado aos homens em situação de privação de liberdade por decorrência de violência doméstica contra a mulher, este local possui 13 triliches, um banheiro com chuveiro elétrico e privadas; dois televisores; uma bancada para fazerem seu café; e um pátio aberto com bancos.

A rotina diária destes homens é considerada flexível quando comparada com outras Unidades Prisionais: às 08h30min é aberto o pátio e realizada a contagem (conferência), após é permitido que fiquem no pátio ou no alojamento; o café da manhã é preparado por eles mesmos, com pó de café e “rabo quente”, ambos disponibilizados pela instituição; às 11h30/12:00h é servido o almoço, este vem através de marmitas da Penitenciária Masculina de Florianópolis, novamente fica autorizado a permanência no pátio para os homens que desejarem até às 18:00h, após eles são encaminhados para o lado interno do alojamento para ser servido o jantar, que também é preparado na Penitenciária Masculina de Florianópolis. Junto com a janta, estes homens recebem dois pães para o café da manhã do dia seguinte. A alimentação deles é complementada por alimentos que os familiares trazem durante as visitas, sendo que há a listagem completa dos produtos permitidos (ANEXO 1). A visita ocorre todas as quartas-feiras pela manhã, sendo que há as principais regras para realização das visitas (ANEXO 2).

Estes homens são considerados “presos provisórios”, ou seja, seu tempo de estadia na Casa do Albergado será curto, de acordo com o chefe de segurança, são curtas as penas para os crimes que a instituição atende e, normalmente, os homens detidos por violência doméstica contra as mulheres ficam em média por 90 dias na instituição. Devido à delimitação deste tempo e a grande rotatividade destes homens, eles não possuem acesso à escola. O único projeto existente para trabalhar com estes homens é o “Constelação e Justiça Restaurativa Sistemática”, com apoio do Tribunal de Justiça, é realizado quinzenalmente e participam, individualmente e voluntariamente, os homens autores de violência doméstica contra a mulher.

2.3.1 Os homens detidos na Casa do Albergado de Florianópolis por violência doméstica contra a mulher.

No dia 25 de setembro de 2018 foram realizadas entrevistas com dez homens que estão na Casa do Albergado de Florianópolis, por terem cometido atos de violência doméstica contra a mulher, com o objetivo de compreender os fatores que levaram estes homens a cometerem os atos violentos. Ressalta-se que os participantes da entrevista colaboraram voluntariamente. Para a escolha de quem iria participar o chefe de segurança foi até o alojamento e questionou quem gostaria de colaborar com uma entrevista sobre a violência doméstica contra a mulher, e escolheu os dez primeiros que se prontificaram.

Antes de iniciar foi explicado aos entrevistados que sua participação seria voluntária, que a entrevista não teria influência alguma nos seus processos, e o objetivo principal era compreender quais motivos os levaram a cometer atos violentos contra mulheres, para influenciar no desenvolvimento de políticas públicas que proporcione reflexões nas mulheres em situação de violência doméstica e aos homens autores de violência doméstica, todos estes homens compreenderam e aceitaram participar, assinando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE, APÊNDICE 1).

As entrevistas ocorreram em um espaço separado e individualmente, em que estava apenas a pesquisadora e o entrevistado, com autorização do mesmo foi gravada para realizar a sua transcrição, após procedeu-se para a análise das falas. Foram elaboradas cinco perguntas para serem questionadas a estes homens que constam em Apêndice (2), sendo que o tempo de duração das entrevistas foi de 6 minutos a 26 minutos. Nesta fase de coleta dos dados, quando houve o contato com as fichas iniciais (ANEXO 3) dos participantes, percebeu-se fatores que dificultaram a análise dos dados, alguns entrevistados omitiram informações como: quem foi a mulher agredida e o tipo de agressão, porém observa-se que isto não prejudicou o objetivo central deste trabalho.

Com o intuito de preservar o anonimato dos participantes, estes serão identificados por ordem em que ocorreram as entrevistas, através de números, pelo seguinte símbolo “P1, P2...”. Segue os dados dos entrevistados obtidos durante as entrevistas e através da ficha inicial.

Tabela 2: Dados dos participantes:

	P1	P2	P3	P4	P5
NACIONALIDADE	BRASILEIRO	BRASILEIRO	BRASILEIRO	BRASILEIRO	BRASILEIRO
COR	NEGRO	BRANCO	BRANCO	PARDO	BRANCO
IDADE	40 ANOS	49 ANOS	35 ANOS	42 ANOS	38 ANOS
ESCOLARIDADE	ENSINO FUNDAMENTAL COMPLETO	ENSINO FUNDAMENTAL INCOMPLETO	ENSINO MÉDIO COMPLETO	ENSINO MÉDIO COMPLETO	ENSINO MÉDIO INCOMPLETO
PROFISSÃO	OPERADOR DE MÁQUINA	MANOBRISTA	APOSENTADO/ BPC	MOTORISTA DE CAMINHÃO	JARDINEIRO
MULHER QUE VIOLENTOU	EX-COMPANHEIRA	EX-COMPANHEIRA	MÃE	COMPANHEIRA	EX-COMPANHEIRA
REINCIDENTE EM VIOLÊNCIA DOMÉSTICA	NÃO	SIM	SIM	SIM (DESRESPEITOU MEDIDA PROTETIVA)	SIM
AGUARDANDO RESULTADO DO LAUDO DE SANIDADE MENTAL	NÃO	NÃO	NÃO (PORTADOR DE ESQUIZOFRENIA)	NÃO	NÃO

Tabela 3: Dados dos participantes:

	P6	P7	P8	P9	P10
NACIONALIDADE	HAITIANO	BRASILEIRO	BRASILEIRO	BRASILEIRO	BRASILEIRO
COR	NEGRO	NEGRO	BRANCO	BRANCO	BRANCO
IDADE	29 ANOS	55 ANOS	40 ANOS	19 ANOS	55 ANOS
ESCOLARIDADE	ENSINO MÉDIO COMPLETO	SUPERIOR INCOMPLETO (GASTRONOMIA)	ENSINO FUNDAMENTAL COMPLETO	ENSINO FUNDAMENTAL INCOMPLETO	SUPERIOR INCOMPLETO (MATAMÁTICA)
PROFISSÃO	FAXINEIRO	APOSENTADO	PEDREIRO	ESTUDANTE	CORRETOR DE IMOVEIS
MULHER QUE VIOLENTOU	EX- COMPANHEIRA	COMPANHEIRA	COMPANHEIRA E EX- COMPANHEIRA	MÃE (DURANTE A ENTREVISTA ALEGOU SER A AVÓ)	MÃE
REINCIDENTE EM VIOLÊNCIA DOMÉSTICA	NÃO	SIM	SIM	NÃO	NÃO
AGUARDANDO RESULTADO DO LAUDO DE SANIDADE MENTAL	NÃO	SIM	NÃO	NÃO	SIM

Como observa-se acima, dos dez entrevistados, sete violentaram companheiras e/ou ex-companheiras, e os Participantes 3, 9 e 10 relataram violentar a própria mãe. Compreende-se a complexidade e distinções dos casos que a mulher em situação de violência doméstica ocupa no papel de companheira/ex-companheira, dos casos que a mulher é a mãe do homem autor de violência doméstica. Tendo em vista estes fatores, resolve-se analisar apenas as entrevistas em que os participantes alegaram terem violentados suas companheiras/ex-companheiras. Mesmo assim, as entrevistas 3, 9 e 10 constarão em Apêndice (3).

Através da análise das falas durante as entrevistas foi possível conhecer os fatos que levaram estes homens a serem detidos. Ao aproximar-se de suas experiências com a

violência doméstica contra a mulher, percebe-se que ainda há existência de discursos machistas que trazem diversos fatores que influenciam os atos violentos.

A fim de organização da análise foram separados por tópicos alguns elementos que apareceram em todos os depoimentos, sendo estes: “Motivo sempre está fora, como se o autor de violência não tivesse em si a causa de suas ações”; “Impulsividade”; “A ambiguidade da Mulher”; “Desconsideração do seu ponto de vista” e “O autor da violência se vê como vítima”.

2.3.2 Motivo sempre está fora, como se o autor de violência não tivesse em si a causa de suas ações.

O principal objetivo deste trabalho é compreender os fatores que levaram os homens a cometerem violência doméstica contra a mulher. No decorrer das entrevistas os participantes foram contando o que os trouxeram à Casa do Albergado de Florinópolis, se reconheciam que tinham cometido atos de violência contra a mulher, e o que os motivou a cometerem estes atos, percebeu-se que estes homens transferiram a responsabilidade de seus atos para outras pessoas e outros fatores.

O Participante 1 ao relatar sua história argumenta que não teve a intenção de violentar sua ex-companheira, “[...] *jamais, eu teria... atingido ela por querer, foi ela veio abaixar e eu levantar, uma colisão acidental*” (P1). O termo empregado por ele para explicar o que houve, “colisão acidental”, é frequentemente utilizado em crimes de trânsito, porém deve-se problematizar isto, pois se uma pessoa embriagada provoca um homicídio, isso não é um mero acidente, ou colisão acidental (termo pomposo, provavelmente, usado pelo advogado em sua defesa). Este fato não é considerado um acidente, pois o motorista aumentou a probabilidade para a morte. Portanto, como relatado durante a entrevista P1 estava alcoolizado no momento em que houve a violência contra sua companheira, seu ato possui sim uma responsabilidade pessoal.

O alcoolismo aparece em diversos discursos como fator desencadeante de uma ação violenta “às vezes quando eu bebo, sempre tem alguma provocação, eu caio, eu acabo caindo na provocação, ela me xingando porque não gosta do cheiro da bebida, e não gosta que, que eu fique na rua até tarde nos bares [...]” (P4). O entrevistado reconhece a sequência que se estabelece quando se alcooliza. O que o consumo do álcool provoca dentro e fora de casa, sua esposa, conhecedora do comportamento do marido, isto é, que ele briga quando alcoolizado, recrimina-o por isso, mas mesmo

assim ele continua a fazer uso de álcool. *“a gente até comemorando e tudo, só que ela começou a brigar comigo, falei “ah!, vou pro bar, vou conversar com o pessoal”.* (P4). P4 relata que o elemento desencadeador para o seu ato de ir ao bar é sempre identificado com o comportamento incompreensível da mulher, pois o fato dela reclamar e brigar são suficientes para ele beber até se embriagar .

Ele percebe que o seu vício de bebidas alcoólicas é o principal fator que faz com que perca o controle, mas diz fazer uso do álcool por causa de sua esposa, a responsabilizando por um ato seu e nas suas falas foi possível notar que P4 utilizava as discussões com a esposa como justificativa para continuar a beber. O que talvez P4 não saiba é que o alcoolismo é considerado uma doença pela OMS.

[...] estamos diante de uma doença que afeta em nível somático, psicológico e social, carregada de forte desaprovação social, o que influencia no modo que a pessoa desenvolve o comportamento da doença e sua difícil abordagem terapêutica. (LIMA-RODRÍGUEZ et al, 2015, p. 1666).

Santos e Velôso (2008) ao observarem histórias de pessoas que faziam parte dos Alcoólicos Anônimos e seus familiares, concluíram que o alcoolismo é considerado uma doença sem cura, que apenas pode ser estabilizado evitando o “primeiro gole”, além disso, identificaram que o alcoolismo é relatado por estas pessoas como a “doença do indivíduo”, bem como “doença da família”. O fato de estar bêbado é reconhecido por P8 como o estopim da discussão: *“eu fiz a cagada toda por causa de bebida, a verdade foi essa, mas sem agredi, sinceramente sem agredi, agredi nada, em palavras [...]”*, embora o entrevistado não reconheça que agressão verbal, também se constitui como ato de violência.

A relação de P5 com o álcool era algo que incomodava sua ex-companheira, talvez porque fosse algo além do “beber socialmente”:

Quando eu bebia, era um motivo a mais pra ela querer entrar em conflito, porque quando ela me conheceu, ela me conheceu tomando, a gente tomava junto [...] então ela achava que quando eu bebia eu me excedia demais, mas ela não percebia que era ela que fazia a gente se exceder, não vou dizer assim que eu to colocando a culpa nela né, não to botando a culpa nela, tá, porque quando ela me conheceu ela me conheceu daquele jeito [...] (P5).

O álcool é uma droga lícita de fácil acesso e influenciada culturalmente e midiaticamente, tudo isso apenas motiva o seu consumo. É considerado como uma droga depressora do Sistema Nervoso Central, proporciona inicialmente ao usuário uma

sensação de euforia, diminuindo a atividade motora, a sensação de dor e a ansiedade. Após, há uma enorme sensação de sono, drogas depressoras diminuem a atividade do Sistema Nervoso Central (FONTES, 2006), o álcool, que dependendo do nível que se encontra no sangue do usuário, pode acarretar em: diminuir as inibições do comportamento social, a crítica, o grau de coordenação motora, aumentar a sonolência, trazendo prejuízo no raciocínio e na concentração (NICASTRE, 2011), provavelmente o comportamento de P5 ao ingerir bebidas alcoólicas ficava alterado, mas ele acredita que seu comportamento mudava por causa de sua ex-companheira.

Outro fator identificado nas falas foi o “ciúmes”:

O ciúme patológico pode causar inúmeros transtornos no contexto de um relacionamento amoroso, podendo prejudicar, inclusive, outros âmbitos da vida de uma pessoa, como o social, o profissional, o familiar e o íntimo, provocando, por vezes, sérios conflitos (CENTEVILLE; ALMEIDA, 2007, p. 76).

Nos discursos que relatavam ciúmes, os participantes colocavam diversas outras pessoas como possíveis “intrusos” no relacionamento dele com a companheira.

[...]O porque que ela tava mexendo no celular aqueles horário ali, e eu tava achando que até ela tinha outra pessoa, entendeu? [...] ela trabalha perto, cinco minuto de casa, não era necessidade de ela assim, é um colega dela do serviço leva ela em casa, não era necessidade [...] Assim parece que ela tava assim, assim simulando as coisas assim, entendesse, simulando assim um dizia uma coisa outro dizia outra, entendesse. Ela não fez isso aí por ela próprio, não. Ela não fez isso aí, ela só, só ela mesmo. Foi várias pessoas incentivando ela pra gente separar né. [...] Assim, eu acredito assim, os tios dela, as tia dela, tem gente de fora até no serviço dela, eu acredito que esse, esse negocio de salão também, que ela começou a provocar depois do salão [...] Assim, onde tem mulher sempre tem uma dizer assim “ah se fosse meu marido isso e aquilo”, “ah se fosse meu marido...”, sempre tem uma que dá opinião, entendesse, eu creio que sim. (P2).

Os participantes trouxeram em suas falas ideias de que o casamento é um laço de poder, inclusive é possível afirmar que durante a entrevista observou-se que P2 ainda acreditava ser um absurdo uma mulher casada estar mexendo no celular durante a noite. Fica evidente a influência de uma masculinidade que percebe a mulher enquanto um objeto seu, que lhe traz direitos de usar a força física com o sexo feminino.

Apesar de ter descumprido a Medida de Segurança de não aproximar-se de sua ex-companheira no mínimo em 400 metros, P5, acredita que só está detido por ela estar se relacionando com outra pessoa: “*porque ela chamou a polícia, ela chamou a polícia*

porque ela tava com o cara lá dentro e não queria que eu soubesse que o rapaz tava lá” (P5). Mesmo que consideremos que esse possa ser o motivo, o entrevistado não percebe que, justamente por isso (estar acompanhada do novo parceiro), ela não queria a sua aproximação por temer uma reação violenta dos pais de seus filhos. Para o entrevistado, é como se a ex-companheira quisesse esconder que o novo parceiro estava na casa, quando ele mesmo já sabia disso. Logo, o alegado não se justifica. Demonstra-se como um artifício que lhe exime da culpa, e ainda a transfere para outro, no caso, a mulher vítima da agressão.

“[...] eu sabia que ela ia chamar a polícia, eu só não sabia que o cara tava lá, que ela tava fazendo isso por causa do cara [...]” (P5). A insistência em alegar que a polícia só foi chamada porque sua ex companheira estava com o novo parceiro: “por causa dele”. O motivo sempre está fora. Como se o autor de violência não tivesse em si mesmo a causa de sua ação. Dessa forma, o autor do ato violento nunca assume-se como responsável.

Eu acho assim, o mesmo trabalho que eu to passando, e que o ex marido dela passou, antes de eu conhecer ela, eu acho que o próximo vai cair aqui também nas mesmas consequências então o que eu faço eu rezo a Deus que mude a mentalidade dela, essa é minha posição. (P5).

Após negar seus atos violentos, ainda mostra-se abnegado e preocupado tanto com a ex companheira quanto com o seu próximo parceiro. Falas como estas trazem a tona um ciúme patológico que é fundamentado na fusão e posse, a pessoa que sente este tipo de ciúmes acredita que o (a) parceiro (parceira) é uma parte sua, e “quando a mulher não corresponde mais à imagem que o homem idealizou, ao expressar sua autonomia e identidade, começam as suspeitas e os conflitos” (CAVALCANTE, 1997, apud CENTEVILLE; ALMEIDA, 2007, p. 87).

Buss & Shackelford (1997); Shackelford, Goetz & Buss (2005) apud Cardoso; (2013) argumentam que em um relacionamento quando é sentido por um dos protagonistas da relação uma possível ameaça de término, este poderá fazer uso de táticas de retenção, estas são atitudes como a de P2 dentro de um ciúme romântico.

Comportamentos estes como: ficar atento sempre para saber com quem e onde está o parceiro, monopolizar o tempo do parceiro para que ele não tenha tempo livre para dedicar a mais ninguém além da pessoa com quem possui um relacionamento amoroso, excluir concorrentes, provocar o ciúme, dentre outros (BUSS 1989, 2000, 2007, 2009; BUSS & HASELTON, 2005; BUSS &

SHACKELFORD, 1997, SHACKELFORD, GOETZ & BUSS, 2005 apud CARDOSO 2013, p. 21).

Foi identificado na entrevista de P7 diversos discursos que caracterizavam um relacionamento abusivo. Salienta-se que o relacionamento abusivo pode estar presente em qualquer relação, uma amizade, no meio familiar, no local de trabalho, em um relacionamento amoroso, este também pode ser tanto heterossexual, quanto homossexual, no caso de P7 era um relacionamento de um homem e uma mulher.

Segundo a Day One, o relacionamento abusivo é um tipo de violência doméstica caracterizada por um padrão de controle e, por vezes, por comportamento violento em relacionamentos ocasionais ou sérios. O relacionamento afeta pessoas independentemente de raça, classe, gênero ou orientação sexual. Os relacionamentos abusivos podem ser tipificados como abuso verbal, quando o companheiro (a) agride verbalmente, diz ao outro o que vestir ou o que fazer e quando busca justificativas constantes de onde e com quem se está; o abuso emocional se caracteriza por atitudes extremamente ciumentas, por proibições de encontros com amigos ou familiares e por acusações constantes, em que o companheiro (a) é culpado por tudo.

No abuso físico, são comuns agressões, empurrões, puxões de cabelo e até mesmo situações em que o parceiro (a) pode forçar o outro a fazer sexo, ou impedir que se faça um controle de natalidade. O de ordem financeira se caracteriza, quando o parceiro (a) proíbe o outro de trabalhar, controla o gasto do dinheiro, proíbe o acesso a contas bancárias, não envolve em planejamento financeiro, entre outras ações. (CARTA, 2018).

O discurso de P7 revela, ainda que de forma sutil, que ele foi impondo à sua companheira certas regras. Apesar dele negar os fatos, e dizer que foi uma decisão dela de distanciar-se de seus filhos, observa-se em suas falas aspectos que caracterizam um relacionamento abusivo, "eles (filhos da companheira) vinham ligando constantemente e reclamando", "irmãs dela tavam ligando e dizendo que tinha tido sonhos dizendo que ela tava sendo sufocada". Como a família de sua companheira não o aceitava, percebe-se que P7, aos poucos, foi afastando-a, dificultando o contato, estando o tempo todo com ela: "*A gente é muito agarrado em tudo que nós fossemos fazer, fazíamos sempre juntos*". Nas suas falas ele afirma que o afastamento dessa relação pode lhe prejudicar devido à suspeita que sempre recaiu sobre ele: "*porque eu sabia que isso ia me trazer um certo problema*". Após ser detido por cárcere privado, o discurso de P7 responsabiliza a sua companheira por esta detenção "*ela foi criando esse ambiente*".

2.3.3 Impulsividade.

Além do ciúmes, alguns discursos revelam que estes homens sentem-se injuriados pelo que ocorreu, pois, como a observação das entrevistas, relataram que a ação violenta foi meramente reativa, isto é, o autor da agressão coloca-se como vítima, pois que somente reagiu frente a uma violência primeira. No entanto, sabe-se que atos como os expressos nas falas dos entrevistados, podem ser caracterizados – estes sim – como atos meramente reativos tendo em vista o contexto violento que caracteriza a sociedade machista.

ela pegou e não gostou daquilo que fiz, e jogou a bicicleta nas minhas costas [...] a minha foi a primeira, mas ela já tinha acontecido das outras vezes né, dentro do carro ela me agrediu, tacou o celular na minha cara [...] uma copada que ela me deu na testa, né, e eu devolvi o copo pra ela, eu tenho até a cicatriz (P5).

A violência doméstica contra a mulher ainda aparece vinculada como mera reação impulsiva, aparece nas falas como justificativa, defesa do homem que acredita em um padrão de masculinidade em que o sexo masculino não é emocional, podendo às vezes responder aos atritos de forma violenta, e depois se arrepender, fundamentando a sua atitude por um impulso, um agir sem pensar.

[...] foi pelo impulso, porque eu sou casado com ela 25 anos, eu nunca toquei a mão nela em nada [...] depois me olhei no espelho “porque que eu fui fazer aquilo dali?”, até eu me arrependi, porque é uma coisa que foi pelo impulso. Entendes? Olha só, em 25 ano de casado eu nunca bati nela, e nada, e eu quando bebia antigamente eu não encostei a mão nela. [...] (P5).

Tudo bem, fui errado fui, não era pra ter revidado da mesma forma que ela, mas ali o subconsciente da gente não funciona, né. A gente sangue quente, a gente não pensa, até então, mesmo porque não foi a primeira agressão dela comigo (P5).

Foi o impulso, porque se eu to casado com ela 25 anos, jamais eu vou, e eu sou contra, eu sempre fui contra um homem bater numa mulher, eu sempre fui contra entendesse, eu não aceito um homem bater numa mulher, entendesse, se eu tivesse casado numa passa de um a dois anos, tudo bem, não tem o que, né. (P2).

Como se o ato de violência doméstica contra mulher só pudesse ser reconhecido se fosse recorrente. Uma única agressão, vindo dessa forma, não caracterizaria violência. Quer dizer, não é a qualidade do ato, mas sim a quantidade de atos que faria alguém ser reconhecido como violento.

2.3.4 A ambiguidade da Mulher.

Na tentativa de conhecer como estes homens autores de violência veem as mulheres que agrediram foi solicitado que as descrevessem. Percebe-se novamente presente nas falas o machismo. Ao descreverem suas companheiras e/ou ex-companheiras o foco principal são as suas qualidades como dona de casa, esposa ou mãe, o quanto elas realizavam “bem” os afazeres domésticos.

é uma boa mãe, foi uma boa esposa [...] cuida de mim, cuida da casa, de tudo, lembrava de tudo, não deixava faltar nada, nunca me deixou faltar nada. Ela acordava todos os dias as 4 da manhã pra fazer meu café, tanto que esse dia que eu cheguei às 4 horas da manhã, ela tava de pé já pra fazer o meu café, tudo. Então, ela tem os seus pontos de respeito, ela é muito respeitadora, é uma pessoa moça de família, muito especial [...] ela é uma pessoa, como eu te disse é pessoa especial, muito boa pessoa, pessoa de, com uma índole muito, muito, muito linda, então... boa mãe, prestativa, foi uma boa mulher, cuida, cuidou sempre muito bem de mim, de tudo, as minhas roupas, o meu uniforme, até o meu, a minha bota de trabalho sempre limpinha, ela sempre foi dedicada, trabalhava, tinha sua educação, cuida da casa (P1).

Por ela ter a responsabilidade doméstica toda para si, na visão de P1 sua ex-companheira se tornou uma boa esposa. Nota-se que a ideia de qual é o papel do homem e qual é o papel da mulher na sociedade brasileira ainda está relacionada a uma visão patriarcalista em que para ser uma boa mulher, esta deve “cuidar” de seu ambiente doméstico, de seus filhos e de seu esposo, tornando-se uma “escrava doméstica”. “*Uma pessoa limpa é que ela chega em casa, ela assim, é, faz as coisas assim de casa como é pra, pra fazer [...]*” (P2).

Com a ideia de um relacionamento baseado no patriarcalismo e na masculinidade hegemônica, em que o homem exerce a função renumerada para sustentar seu lar, e a mulher deve ser uma esposa que fica em casa, cuida do lar e dos filhos, alguns participantes afirmam que suas ex-companheiras não souberam valorizar tudo o que eles “fizeram” por elas.

ela é uma pessoa hipócrita, que não soube dar valor o que eu construí pra ela [...] Ela não deu valor pra aquilo ali, ela queria saber mais da família dela do que de mim [...] a desgraça da minha vida começou quando eu dei o carro pra ela e a carteira de motorista, que eu achei que eu dando pra ela eu não precisava tá toda hora ali, pra tá fazendo compra pra ela ou pra levar meu filho pro médico, pra da uma vacina[...] (P5).

P5 fundamenta sua fala em uma ideia de casamento baseado no patriarcalismo, novamente, com a posse do sexo masculino pelo sexo feminino, mostrando um discurso machista em que sua ex-companheira foi ingrata ao ter se separado dele ou, até mesmo, denunciado as agressões, pois ele a comprou um carro, pagou sua carteira de motorista, é como se isso a obrigasse a ser dele e aceitar as violências para sempre.

[...] aí eu acabei errando, eu errei em fazer coisa que não era pra ter feito, casar com ela, aluguei, morava junto, mas depois eu sai de casa, não tava mais na casa, o comportamento dela na casa não tava sendo bem. [...]Porque começou de um jeito, depois mudou de outra forma, não tava mais sendo daquele jeito que tava sendo, tipo cumprir com as ..., ela não tava cumprindo com as ..., Ah! era igual tipo, você chegava em casa os primeiros dois mês assim, era comida na mesa, essas coisas, daí depois não foi aquilo que você começou, daí não tava me agradando. (P6).

A condição de trabalhador de P6, com longa jornada de trabalho que ele se impõe para “fazer dinheiro”, o fato dele trabalhar muito, coloca-o na condição de provedor que em troca exigiria, encontrar na casa, as condições necessárias para seu repouso. A mulher garantir essas condições, até hoje, é uma expectativa masculina. Estes discursos que trazem o homem, enquanto o provedor financeiro do lar, e a mulher enquanto, obrigatoriamente, a pessoa responsável pela higiene, cuidado, alimentação, traz a sensação de que o homem acredita que pode tratar a mulher como se fosse parte de seu patrimônio, assim pode dispensar a ela o tratamento que convier, inclusive, ser violento, porque ele é o responsável por sustentar financeiramente o lar.

Continuando com a descrição desta mulher observa-se que os participantes através de um discurso baseado na masculinidade hegemônica descrevem suas ex-companheiras como passionais, criticando o temperamento feminino. Como P4, que coloca em suas falas o quanto é um bom marido e que não merece as acusações que sua ex-companheira fez contra ele, e expõe a velha imagem da mulher como impulsiva, emotiva, irracional.

[...] tinha comprado a muleta fazia uma semana, e eu ainda peguei falei pra ela: “olha, XX o que cê tá fazendo comigo”, só que a mulher, os 5 minuto da mulher ela põe uma vida a perder, porque a mulher age no impulso da situação, do nervosismo, do ódio (P4).

[...] nervosa, que a mãe dela já, quando eu comecei a namorar com ela, a mãe dela falou que ela tinha um gênio muito forte, então, o primeiro marido dela já passou o mesmo trabalho que eu passei, em questão policial, porque tudo ela chama a polícia, né, e isso não vem ao caso porque eu não tive a paciência de suportar também. (P5).

A vítima do ato violento comumente é apresentada ora como uma boa pessoa, ora como uma pessoa que tem problemas, isto é, ela é descrita como “nervosa”, “gênio muito forte”. Outras falas sobre o temperamento feminino são colocadas “*ela até é uma pessoa normal, [...] o negócio dela é bater, mas sem isso aí ela é normal*” (P2). Ao mesmo tempo em que as mulheres são descritas positivamente, sempre tem um “porém”: “ela é até uma pessoa normal”. “*Ah! Eu trabalho, ela tava de olho nas coisas que eu tinha, não era de olho na beleza, que beleza eu não tenho nada de beleza, é de olho no meu dinheiro.*” (P6). A construção da defesa de P6 passa pelo ataque ao caráter da mulher que ele agrediu. É a acusação de que ela é interesseira.

[...]é uma super mulher. [...] Ela me ajuda em tudo, é uma mulher que, ela me completa tanto na parte sentimental, como mãe, esposa, é que nem eu te falei o que motiva as brigas são o nervosismo dela, os problemas dela, toma calmante [...] (P4).

A imagem que P4 apresenta de sua esposa, talvez, explique a expectativa de compreensão que deposita sobre ela. Para ele, facilmente, o problema das brigas deixa de ser em decorrência dele embriagar-se para ser o nervosismo dela que acionaria os atritos na relação. E assim os casos de violência doméstica contra a mulher começam a aparecer nos discursos dos homens entrevistados como culpa da própria mulher.

Porque ela via que ali era o meu ponto fraco, então ela usava aquilo ali como um alibi, pra que pra gerar briga e discussão, muitas vezes, muitas vezes não, sempre fui errado porque eu chegava sempre num ponto de levantar a mão, sempre cheguei no ponto, porque, porque assim ó, ela tirava a gente do sério [...] Só quando ela me agredia, ela me agredia várias vezes, né. [...] ela acabou com a minha paciência, eu era uma pessoa passiva, eu não era uma pessoa estressada e nem nervosa. [...] não tô botando a culpa nela, tá, porque quando ela me conheceu ela me conheceu daquele jeito, entendeu [...] (P5).

A representação de que todo o ocorrido, isto é, o que o leva ao ato violento é resultado de um ardil tramado pela vítima. A vítima por conhecer seu ponto fraco e saber lidar com isso, utiliza-se em “benefício próprio” – por mais absurdo que seja isso, afinal quem sofre e é alvo dos atos violentos é a mulher mesmo. P5 traz nitidamente em sua fala como se a violência que ele cometeu fosse resultado de uma premeditação da mulher. O não reconhecimento de si como sujeito do ato violento, à medida que está no outro a causa da ação: o outro lhe retirou a sua paciência. Mesmo sem admitir, a sua fala demonstra que há uma transferência de responsabilidade pelo ato violento para ela.

Eu peguei fui tomar a mochila dela, e ela me chutando, me chutando, puxando a mochila, [...] nisso eu tomei a mochila dela e ela subiu correndo pro posto, e eu to dentro do caminhão com meus filhos, só que o segurança já tinha visto que eu tava puxando a mochila e ela me chutando, só que eu não cheguei agredir, dar soco nela, muito pelo contrário eu que tomei, que ela é bem maior que eu (P4).

A narração de P4 do ocorrido é incapaz de associar o comportamento da mulher aos traumas da violência já sofrida, devido ao comportamento agressivo do marido quando bebe. Ir embora para ela, poderia ser a chantagem necessária que evitaria ele de ir beber. No entanto, a vontade dele prevaleceu ignorando, completamente, o reclamo do outro que demonstra ser sempre tomado como impertinente. “*Conclusão, ela pegou voltou pro caminhão, dormiu no caminhão, e eu fui preso, se ela tivesse me ouvido a hora que eu falei pra ela dormir no caminhão e outro dia ir embora [...]*” (P4).

O problema recai sempre em uma incapacidade de a mulher ouvir e acatar o que diz seu marido. E, ainda, ter senso de prontidão não apenas em relação ao que é dito, mas ao momento em que é dito. O fiel cumprimento por parte das mulheres do que “aconselha” seu marido evitaria muitas situações de violência. Essa continua a ser a explicação dada por eles das violências que sequer cometem, mas que ainda assim são culpados.

P8, diferentemente dos demais participantes apresenta-se a favor que a mulher trabalhe fora, não seja submissa ao homem, que ela possa dirigir. Enfim, apresenta-se como alguém que não vê problemas nessas conquistas.

[...] eu, como se diz eu sou daquele cara a favor que a mulher teria que trabalhar, não que ela fique em casa sendo, como que se diz, submissa ao homem, eu acho que isso aí não importa. Cada um é cada um, uma mulher dirigir, “ah porque eu vou dar meu carro pra mulher, se ela tem que ficar em casa, e isso” não, nada haver, seria bacana, entendeu (P8).

Porém a representação positiva que esse entrevistado, assim como os demais, faz de sua ex-companheira: pessoa sossegada, bacana, bonita, gentil, limpa (higiênica), trabalhadeira “*a mãe dos meus filhos, a XX, é uma pessoa sossegada, bacana, bonita, gentil, limpa, trabalhadeira*” (P8), demonstra que apesar dele acreditar na importância da mulher exercer atividade remunerada fora de casa, ele também acredita que sua mulher, a mãe de seus filhos, deve ser uma pessoa tranquila, higiênica, ou seja, a responsabilidade de criação dos filhos, da limpeza da casa, ainda é dela, por ser mulher.

2.3.4 Desconsideração do seu ponto de vista.

Logo de início o Participante 1 já relatou uma crítica de como o homem é visto pelo judiciário nos casos de violência doméstica:

Então assim, eu eu acho importante essa, esse estudo em cima dessa questão, porque muitas vezes é ouvido mais as mulheres e ocultam um pouco a a veracidade dos fatos da/na hora que aconteceu, que o homem não tem direito a defesa caso aconteça um um uma agressão, os dois tiveram discutindo e ai só se houve a mulher. (P1).

A importância do estudo de escutar os autores de violência seria, para ele, importante devido ao ocultamento da veracidade dos fatos no modo como as mulheres o contam. Isto é, para ele, as mulheres omitem o que de fato ocorreu. E este discurso, de que o homem não é ouvido, que seu depoimento não é considerado permanece durante as entrevistas em diversas falas, “*então certas coisas que teria que ter uma averiguação melhor pra se definir, uma investigação melhor é a palavra certa, a palavra mais certa*” (P1). Nota-se, também nestas falas que quando a culpa não recai sobre a companheira, ela recai sobre a falta de compreensão do poder judiciário: “[...] *é, numa causa de incompreensão*” (P7). “*Como ela disse que fui eu que agredi, porque homem nunca tem razão do que fala né, primeiro elas, a mulher tá em primeiro lugar.*” (P5).

Muitos dos participantes avaliam a detenção como uma medida exagerada, sem necessidade. “[...] *é assim uma coisa que não precisava tá.*” (P2). Discursos como estes relembram ao passado brasileiro, que tratava a violência contra a mulher como um ato de menor potencial, desqualificando a gravidade e seriedade deste assunto: “*É coisa da cabeça dela, qualquer coisa ela chama a polícia*” (P5).

Nota-se que P5 não percebendo que o que fez não é justificável ele sente-se vitimizado pelo ocorrido, e demonstra acreditar que não havia necessidade de sua ex-companheira ter chamado a polícia, inclusive o fato dele ter sido detido no dia da briga. Todavia, como mostra na pesquisa Violência e Assassinatos de Mulheres (Data Popular/Instituto Patrícia Galvão, 2013) 86% da população brasileira concorda que a violência doméstica contra a mulher deve ser denunciada, defende-se que não importa quantas vezes a violência ocorreu, esta deve deixar de ser um caso privado e tornar-se público, a fim de que as mulheres em situação de violência tenham acesso a políticas públicas que possam auxiliá-las na superação destes momentos.

E quando se referem ao tratamento recebido dos policiais que os detém em flagrante, os homens autores de violência contra a mulher também criticam a forma como são abordados e o fato das mulheres serem protegidas.

[...] a polícia chegou e me prenderam, aí não me falaram nada, eu pedi pro delegado “porque eu to sendo preso”, ele falou “quando chegar na delegacia eu vou saber”, aí só quando eu vim saber, só quando eu cheguei aqui. Na delegacia não falaram nada o cara tava entrevistando umas coisas, que eu nem sabia de fato que eu tinha uma Medida Protetiva contra a mulher que eu tava. (P6).

Maria da Penha os policiais não chegam e perguntam o motivo, quando é Maria da Penha fala: “ah!, não é o homem que tá errado”, entendeu? Lógico eu não to transferindo a culpa pra ela, os dois tem parcela de culpa [...] (P4).

Observa-se a incapacidade de P4 em ver o que cabe a ele de responsabilidade pelo ato que o mesmo comete. Ingressar na responsabilidade dos atos cometidos supõe dividí-la com a esposa, pois que para ele, ela é o elemento desencadeador da violência. Ela seria o elemento ativo do processo de violência, enquanto ele seria o elemento reativo. Sendo assim, para ele é um equívoco a Lei Maria da Penha acusar o homem como culpado, pois o mesmo só estaria respondendo diante de uma situação que ele mesmo tentou evitar.

Nas falas de P4 há um fator que chama atenção, em praticamente todas as respostas, ele menciona o Centro de Referência de Atendimento à Mulher em Situação de Violência (CREMV), argumentando que sua companheira foi procurada pelo CREMV, e ele critica algumas ações desta instituição:

[...]É que nem eu digo, o correto é o CREMV também dar um acompanhamento pros esposo [...] esses casais é o seguinte eles tem que ter uma ajuda do CREMV, não o CREMV separar os casais, porque ó o tanto, o que eles tão fazendo, ó o tanto de criança que vai ficar com pai longe, sem o pai assisti o crescimento da criança [...] que o CREMV faz na realidade não é unir as famílias eles tão separando cada vez mais. E eu penso assim, que o CREMV, eles primeiro tem que fazer uma pesquisa ou uma investigação social da vida do casal, não já pegar e ir tirando filho, esposa (P4).

P4 afirma que, em sua opinião, o CREMV estimula as mulheres a se separarem de seus companheiros:

Estimula a mulher a separar, estimula a mulher a sumir, igual agora eles tem um programa de, como é que eu posso dizer, um programa de abrigos, tirando aquela mulher e os filhos, do, na realidade daquele pai de família, porque as vezes um simples erro do pai de família pra corrigir é com uma psicóloga, não ela afastando a

família, ela afastando a família a situação fica pior, eu to sofrendo, não vou mentir pra você, to sofrendo demais, então o que acontece pessoal do CREMV que é da defesa da mulher, eles tem que pensar no nosso lado também, eles tem que pensar no nosso lado, sabe eu não sou agressivo sem bebida (P4).

O CREMV é uma instituição que faz parte do Programa de Prevenção e Enfrentamento à Violência contra a Mulher, oferece às mulheres em situação de violência e seus familiares um espaço de acolhimento atendimento social, psicológico e orientação jurídica, a fim de promover a ruptura da situação de violência. A forma de acesso é através de procura espontânea e/ou por encaminhamentos da rede socioassistencial (FLORIANÓPOLIS, 2018).

Percebe-se que a função principal do CREMV incomoda P4, em sua opinião esta instituição também deve olhar para o homem, neste fato concorda-se com ele, mas não do mesmo modo que ele coloca em sua fala, para ele a solução da violência sofrida pela mulher, seria somente - trabalhar o casal - para continuarem unidos. A crítica que ele faz parte da compreensão que o casamento deve ser mantido. Seria nessa direção que os serviços de proteção à mulher deveriam se nortear. À medida que a orientação vai na direção que a mulher deve ser protegida do autor da violência, o entrevistado P4 entende que esse serviço penaliza-o, quando ele não poderá mais contar com seu casamento, ainda que ele represente a maior ameaça para a sua continuidade.

Os homens autores de violência doméstica trouxeram também em seus depoimentos sentirem-se desrespeitados pelas autoridades quando são obrigados a ficarem distantes de suas companheiras e/ou ex-companheiras, e filhos.

E aí já define um, uma medida protetiva não dando o direito dele mais chegar próximo à esposa. Tirar do lar a família. Tirar a responsabilidade de casa, de tudo e, o homem fica um pouco oculto não podendo falar aquilo que ele expressa, pra que ele sente, pra que fosse melhor pra convivência do casal, então acaba se distanciando um casamento por falta de comunicação. [...] Automaticamente eles não me deram direito de conversar mais com minha esposa, automaticamente eles me expulsaram da vida da minha filha, automaticamente eles deixaram... eles, eles, eles acabaram com uma coisa que poderia ser mais tranquila, mas com.. mais consciente, conversando tranquilo. Porque por ela tava tudo certo, tanto que eu chegava lá e ela colocava café na mesa pra mim, a gente conversava tranquilo (P1).

Como se o homem autor da violência e a mulher em situação de violência tivessem que passar por uma conciliação para resguardar a família. Como se o principal objetivo do Poder Judiciário devesse ser restabelecer o casamento, e não combater uma

sociedade machista que influencia diretamente a violência doméstica contra a mulher cometida por parceiros.

o cara honesto, pai de família, depois foi descobrir a mulher dele tava traindo ele, traindo, dava até remédio pra ele, pra ti vê se eu conto pra ti tu vai dizer, “pô será Entrevistado? Tá me mentindo” isso quem me passou isso foi a pessoa que aconteceu o fato, outros a mesma coisa saía pra trabalhar a mulher traía, que dizer também, como diz o outro não vem o caso de querer agredir uma mulher por causa disso, só que tem certo tipo de situação que é complicado [...] (P8).

Ainda que de maneira ambígua, é como se ele admitisse que a traição justifica um ato de violência do parceiro contra a mulher. Isso demonstra que a ação judicial, o trabalho exercido pelos policiais militares, civís, e pelo próprio CREMV, devem ser muito além de desejar restabelecer um casamento, devem procurar em primeiro lugar proteger esta mulher em situação de violência, e sim auxiliá-la a sair desta realidade.

2.3.5 O autor da violência se vê como vítima.

“Ah porque que não tem o João da Penha, eu perguntei pro delegado lá de palhoça, não me lembro o nome dele, e ele não soube me dizer, não a gente não tem[...]” (P8). Nos últimos anos, como demonstrado neste trabalho, houveram avanços nos direitos femininos, avanços estes que foram conquistados com muita luta. E, mesmo vivendo em uma sociedade historicamente que doutrina que a mulher, através de “Eva” trouxe o pecado ao mundo, que defende claramente o poder do homem perante a mulher, salários e cargos melhores para homens, menosprezando a capacidade da mulher, por ser do sexo feminino, P8 acredita ser injusto o país não ter uma legislação que defenda os homens das violências de mulheres.

Aliás, este não é o único relato em que o homem autor de violência contra a mulher sente como se ele fosse uma “vítima” de uma relação violenta :

ela nunca quis essa separação, nunca quis a separação, sempre me agredia. [...] nunca revidei nada, nunca revidei nada e ela me deferiu vários golpes de faca, várias vezes e eu, também, não fui atrás de delegacia nem nada, porque também tentando ali uma um término melhor do nosso relacionamento (P1).

Eu estou aqui porque nós discutimos, eu e minha mulher, entendesse? E no discutir até ofendi ela, eu ofendi ela e ela me deu um tapa no meu rosto e eu... eu como que é, e eu, revidei né, daí eu revidei, daí ela chamou a polícia. (P2).

E o que que acontece nessa situação o homem acaba ficando vulnerável, porque o homem também é. Eu tenho comigo que o homem é mais vulnerável que a mulher, tem mulheres aqui de colegas que tão presos aqui, que elas fazem por vingança. Então eu acho que esse CREMV na realidade não deveria estimular a mulher pra poder prejudicar mais a gente, porque a gente só quer trabalhar (P4).

A dificuldade em reconhecer-se agressivo e “briguento” é tanta que é mais fácil forjar dentro de si uma imagem que o homem é vulnerável e a mulher é vingativa. Novamente surge um julgamento da mulher, produzindo uma imagem da mulher manipuladora que rende o homem frágil diante de seus ardis: “no caso eu apanhei e vim preso.” (P4).

Outro discurso que mostra o quanto estes homens tentam fazer um papel de “vítima”, é o de P2 que várias vezes relata que a ex-companheira terminou o relacionamento, de uma forma que compreende-se que ela o deixou, abandonou, não pensou nos sentimentos dele.

[...] eu acho até uma pena mesmo de ela ter é deixado de mim, inclusive ela deixou de mim, ela me botou uma mão na frente e outra atrás, entendesse? Ela botou todas as coisas minhas, tudo dentro do meu carro, entendeu? Ela botou na rua, ela botou eu na rua, entendeu? Aí eu tô, nem sei onde que é que eu vou morar, entendeu? E eu deixei tudo pra ela dentro de casa, não tirei nada.[...] o fórum lá, ela deu até entrada do nosso, do, do divórcio e tudo. E eu acho que não era necessidade dela tocar assim pra fora, assim com uma mão na frente e outra atrás, não era necessidade (P2).

O cumprimento da pena é claramente algo desnecessário na visão dos participantes, “não generalizar aquele que deu facada na mulher, aquele que agrediu a mulher, muitas das vezes só pelo fato de ter xingado, ou ter feito uma ação meio violenta já vem pra um lugar desse” (P4). De acordo com a análise de P4, ainda que um homem tenha tomado uma atitude violenta, isso não justifica ter que cumprir uma pena. “Então eu acho que um acompanhamento psicológico principalmente ajuda” (P4) A forma que ele apresenta, o acompanhamento psicológico seria medida suficiente, pois de acordo com ele foi “apenas” um problema decorrente de um momento.

E como se enxergam enquanto “vítimas”, estes homens acreditam que são bondosos demais para estarem em um local como a Casa do Albergado de Florianópolis, possuindo uma necessidade de declarem-se inocentes, pois nunca fizeram “nada de errado”.

jamais eu queria que isso tivesse acontecido dentro dessa, dessa forma, dessa proporção que chegou a isso, e eu estar aqui nesse lugar, que eu jamais pisei na minha vida. Tô com quarenta e poucos

anos e não, jamais, pensava em, nunca pisei na minha vida, nunca cheguei a esse ponto, nunca foi preciso chegar a essa ponto, sempre tive, eu dei o, sempre falando: “não você fique com tudo que eu vou embora e, não quero discussão” (P1).

Que eu acho injusto, você prende uma pessoa, eu não tenho passagem pela polícia, não tenho nada, nunca fiz nada de errado, eu fui acusado de uma coisa que não fiz e tô aqui e não sei se eu perdi meu trabalho, não sei nada, só me prenderam e me trouxeram pra cá (P6).

Então nós na realidade nós não necessitamos de tá preso num local igual a esse, mais sim de uma ajuda psicológica tanto homem quanto a mulher. Lógico sou a favor da Lei Maria da Penha, o homem que agride, espanca a mulher ... eu sou a favor, né! Mas no meu caso, como no caso de outros que tão aí dentro, estavam trabalhando [...] (P4).

O participante 4 relatou durante a entrevista que “[...] Eu tô arrependido também de ter bebido, eu tô lendo agora o livro “Casamento Blindado”. Este livro, o qual se refere P4, foi escrito por Renato Cardoso (Bispo da Igreja Universal do Reino de Deus) e sua companheira Cristiane Cardoso (filha do Bispo Edir Macedo, dono e fundador da Igreja Universal). A primogênita de Edir Macedo também apresenta com seu companheiro um programa de televisão, e já trouxe relatos como: “sexo antes do casamento é inaceitável, mas depois de casada a mulher deve fazê-lo sempre que o marido quiser – “e não me venham com essa história de dor de cabeça!” (BARROSO, 2013).

O livro “Casamento Blindado” já teve mais de meio milhão de vendas, “Cristiane quer acabar com essa história de a mulher moderna não ter prazer em cuidar do marido ou da casa” (BARROSO, 2013). No programa apresentado por ele, “ela chegou a sugerir que a mulher não deve tagarelar quando o marido estiver cansado” (BARROSO, 2013). E seu companheiro:

[...] parceiro dela no livro e no programa. E tem uma frase de auto-ajuda que está viajando pelo mundo afora: “Por que os homens se casam? Porque ele quer entrar na portinha da felicidade da mulher. Isso não faz dele um animal, só faz dele um homem. Se um homem só quisesse amizade, companheirismo, ele se casaria com um pastor-alemão, que dá muito menos trabalho”(BARROSO, 2013).

Percebe-se que o discurso de P4, e de outros participantes são influenciados por livros como estes, que colocam o homem em um pedestal, a mulher como sua serva, instigando comportamento heteronormativos.

Como constatado nas entrevistas alguns participantes demonstraram estar fazendo um tipo de pedido, um pedido de “ajuda psicológica”, talvez esses homens queiram diminuir a culpa que sintam por terem agido de tal forma, ou diminuir sua responsabilidade dos atos. Esta pesquisa foi muito importante para consolidar uma opinião que já se tinha, isto é, da importância e imprescindibilidade que estes homens e outros, possam ter acesso a trabalhos embasados no feminismo com reflexões da igualdade dos sexos, de que o casamento não é uma posse do homem perante a mulher, e que sim mulheres podem dizer “não”, podem discordar de homens, sejam esses seus maridos, pais, filhos, chefes, irmão, etc, afim de construir uma nova masculinidade em que homens percebam que seu papel na sociedade não é superior ao da mulher.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Conhecer, ainda que brevemente, sobre quando começou a luta feminista por direitos igualitários no Brasil foi significativo para a conclusão deste trabalho, pois é importante observar as mudanças existentes de como a sociedade brasileira enxerga a mulher, mudanças estas que foram conquistadas em razão de embates políticos e sociais. Como demonstrado no decorrer deste TCC, nossa sociedade infelizmente ainda possui raízes patriarcais e machistas e tem muito a evoluir em relação à violência doméstica contra a mulher.

Se observarmos o que seriam os traços, as características do perfil que constituem a masculinidade hegemônica, desde as principais marcas apresentadas, seria um homem de classe dominante, heterossexual, forte, viril, não emocional, capaz de prover financeiramente sua família. Isto é, os elementos apontados fogem ao estereótipo do homem como ser emotivo e passional. Isso é um paradoxo se lembramos de que até bem pouco tempo as violências cometidas contra a mulher eram tratadas como crimes passionais, com um menor potencial ofensivo.

Apenas em 2006 através de reivindicações feministas, que foi sancionada a Lei 11.340 (Lei Maria da Penha) que passou a coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher. Declarando no seu texto também: as formas de violência doméstica exercidas contra a mulher como violência física, psicológica, sexual, moral e, patrimonial; além de determinar que sejam especializados os atendimentos policiais nas Delegacias de Atendimento à Mulher. Porém, de acordo com a reportagem realizada por Alves (2017) ao jornal Diário Catarinense, Santa Catarina é o único estado da região Sul que não tem ainda sequer uma delegacia exclusiva para o atendimento de mulheres, as mulheres que sofrem violência doméstica no território catarinense devem buscar as Delegacias de Polícia da Criança Adolescente, Mulher e Idoso (Dpcamis).

Ainda coletando mais dados da realidade de Santa Catarina, conforme a reportagem de Bispo (2017) ao jornal Notícias do Dia, até o primeiro semestre de 2017, 26.213 mulheres estavam em situação de violência em SC. Sendo que Florianópolis possuía nesta época 1.860 casos relatados para polícia. Estes altos números de violência ficam mais evidentes na reportagem de Catie (2018) ao Jornal de Santa Catarina: Notícias de Blumenau, Vale do Itajaí e SC, que adverte que até abril de 2018 por dia, 50 mulheres sofreram alguma agressão na região do Vale do Itajaí, sendo que nesta região

os casos de homicídio e estupro contra mulheres cresceram 32,5% comparado ao ano anterior.

Em uma matéria do Diário Catarinense do dia 24 de outubro de 2018 sobre a morte de uma mulher em Laguna, ocasionada por agressões físicas de seu ex-companheiro, que será indiciado por feminicídio, foi divulgado que de janeiro a agosto de 2018 houve nos municípios catarinenses registros de: 15.844 casos de ameaça contra mulheres; 49 casos de tentativa de homicídio; 8.157 de lesão corporal dolosa; 496 casos de estupro, e 103 tentativas de estupro contra mulheres.

Estes fatos demonstram o quanto a nossa sociedade ainda está muito distante de estar adequada ao tratamento com mulheres em situação de violência doméstica. Isso já é um demonstrativo grave, pois se estas não recebem o atendimento correto que está descrito na Lei 11.340, o que dirá dos homens autores de violência doméstica.

A forma como acontecem as relações sociais na sociedade brasileira é diretamente perpassada por determinadas culturas, costumes, hierarquias de poder, múltiplas expressões da questão social, entre outros elementos. A violência doméstica contra a mulher presente no âmbito privado é compreendida como uma questão social, reproduzida por diversos fatores, sendo que neste trabalho destacamos o histórico do patriarcalismo, o machismo na sociedade e, a masculinidade hegemônica presente nas relações de gênero.

A masculinidade hegemônica desempenha na sociedade o papel de mostrar como “devem” ser as atitudes de uma pessoa do sexo masculino, como este deve se portar perante a sua masculinidade. Entre as características que o homem deve ter para exercer plenamente esta masculinidade estão: o equilíbrio mental; a força; a virilidade; a heterossexualidade; prover financeiramente sua família; não ser passional. Enquanto a mulher para exercer a feminilidade que complementa tal masculinidade, deve ser passiva, sentimental, soberba ao homem. Percebe-se que nem todos os homens desejam incorporar estas normas definidas por este tipo de masculinidade. Todavia, pesa sobre os homens que não tem crítica sobre tal realidade e desejam seguir os passos de suas gerações passadas, são poucos os que possuem condições de exercer tal masculinidade, nem todos terão possibilidades de praticá-la, este fato poderá acarretar em sentimentos frustrantes neste homens que não conseguem exercer tal masculinidade.

Como demonstrado neste trabalho, a pressão que os padrões hegemônicos de masculinidades e feminilidades causam nas mulheres e homens produzem sérios adoecimentos e sofrimentos, e conseqüentes atos agressivos. Portanto, podemos afirmar

que a influência da masculinidade hegemônica perante a sociedade, contribui diretamente nos casos de violência doméstica contra a mulher.

Atualmente a violência doméstica é concebida como um problema de saúde pública, mas também de segurança pública, visto que os homens autores de violência doméstica podem ser detidos após o julgamento. No caso de Santa de Catarina, estes homens são detidos na Casa do Albergado, local este em que realizamos a pesquisa de campo com os homens autores de violência doméstica contra a mulher, tendo como objetivo de identificar as causas que os levaram a cometer tal violência.

As entrevistas enriqueceram este trabalho, pois proporcionaram o contato direto com o sujeito de estudo, o homem autor de violência contra a mulher. Os entrevistados demonstraram interesse em participar, e os fatores identificados (ciúmes, alcoolismo, machismo) demonstraram o quanto nossa sociedade ainda tem o desafio e o dever de desprivatizar a violência doméstica, e levá-la para o âmbito público. Além disso, é necessário olhar tanto para as mulheres em situação de violência, como para os homens autores de violência, estes estão sendo esquecidos, e não está sendo realizado um trabalho efetivo que contribua na reflexão destes homens de que a mulher não é um objeto, que conflitos não devem se resolver com violência. Defende-se o desenvolvimento de atividades baseadas no feminismo que busquem trabalhar com estes homens a erradicação da violência doméstica contra a mulher e a ideia de hierarquização entre os sexos.

Para demonstrar a importância de trabalhar sobre feminismo com homens chama-se atenção de um caso: em 2010, na cidade de São Roque (SP), Horácio Nazareno Lucas foi acusado de estuprar sua cunhada portadora de transtorno mental, mas só foi detido em junho de 2018. Seu advogado entrou com pedido ao juiz que Horácio continuasse respondendo em liberdade, pois de acordo com ele, o crime já tinha acontecido há oito anos e ele sempre teve bom comportamento, colaborando com a justiça. Mas, dias após sua prisão, a família de Horácio descobriu que sua filha também era abusada e registraram um Boletim de Ocorrência contra ele. Porém, no dia 02 de outubro o juiz acatou o pedido realizado pelo advogado e concedeu o direito de resposta em liberdade.

No dia 03 de outubro de 2018 Horácio foi até a casa em que morava sua ex-companheira e seus dois filhos, uma menina de 13 anos e um menino de 6 anos, e iniciou uma discussão com a ex-companheira por ter denunciado o estupro contra sua filha, ele começou a agredi-la com socos e tentou esganá-la, ela conseguiu fugir até a

casa de uma vizinha para pedir ajudar. Então, Horácio trancou seu filho no quarto, e na sala deferiu diversas facadas em sua filha. Quando o menino ouviu os barulhos, conseguiu sair de seu quarto e ir para rua, foi quando encontrou uma viatura policial, porém já era tarde demais, Horácio de 28 anos havia fugido por um matagal, e sua filha de 13 anos estava ferida e inconsciente, foi levada pelo Corpo de Bombeiros ao hospital, mas não resistiu aos ferimentos. (G1, 2018).

Questiona-se se em 2010 quando este homem foi acusado de estupro contra uma mulher, tivesse sido realizado com ele um trabalho de reflexão a fim de desconstruir a ideia de que ele enquanto homem pode ser dono do corpo de uma mulher, e que esta mulher tem suas vontades e devem ser respeitadas, enfim um trabalho psicossocial embasado no respeito um com o outro. Será que se isso tivesse ocorrido esse assassinato brutal não poderia ter sido prevenido? Por esta e outras histórias cruéis de violência doméstica contra a mulher é que defende-se nesta pesquisa o desenvolvimento de trabalhos que façam estes homens responsabilizarem e refletirem, afim de não exercerem mais atos violentos.

Atualmente estamos passando por tempos difíceis e de luta em nosso país, em que a democracia está sendo ameaçada, um discurso de ódio que influencia o aumento da violência, principalmente contra mulheres, negros, a população LGBT, nordestinos. Focando na questão das mulheres temos discursos políticos que apoiam as desigualdades entre os sexos e inclusive o próprio estupro.

Em 2014, na Câmara dos Deputados, (Jair Bolsonaro) disse que não estupraria a colega Maria do Rosário (PT): “*Você não merece ser estuprada, é muito feia*”. Depois, repetiu ao jornal Zero Hora: “*Ela não merece (ser estuprada). Porque ela é muito ruim, ela é muito feia, não faz meu gênero, jamais a estupraria*”.

O parlamentar [...] afirmou em 2015: “*Mulheres devem ganhar um salário menor porque engravidam. Quando ela voltar (da licença-maternidade) vai ter um mês de férias, ou seja, trabalhou cinco meses em um ano*” [...] (BRUM, EL PAÍS, 2018).

Este mesmo político que desconsidera abertamente os direitos das mulheres candidatou-se ao cargo de Presidente da República, sabendo destes discursos e de outros, mulheres de todo país se uniram em um grupo no *Facebook* chamado: “Mulheres Unidas contra Bolsonaro”, o grupo chegou a ter mais de 2,3 milhões de participantes, porém em pouco tempo foi *haqueado* (FARIAS, VEJA, 2018), mas isso não foi o suficiente para desmobilizar as mulheres brasileiras, no dia 29 de setembro milhares de mulheres foram às ruas protestar, no Brasil os atos aconteceram em cerca de 30 cidades e no mundo em cerca de 66 cidades, como Berlim, Londres, Barcelona, Paris

e New York (BELLONI et al., 2018). E no dia 20 de outubro novamente aconteceram protestos, em 29 cidades do país, contra o fascismo, defendendo a democracia, a liberdade e direitos de expressão, como os direitos das mulheres (G1, 2018).

Estes atos mostram o quanto as mulheres ainda devem estar unidas para combater a violência, principalmente aquela que ocorre com a mulher pelo simples fato dela ser mulher, por fim conclui-se que agora é mais importante do que nunca a união e a luta contra a regressão dos direitos sociais, políticos e civis, e lutar sempre contra qualquer forma de preconceito, discriminação, violência e discursos de ódio, pois todos devem ter seus direitos garantidos e protegidos.

REFERÊNCIAS

ALVES, Schirlei. CAMINHO DIFÍCIL ATÉ A DENÚNCIA COMENTE! Uma década após Lei Maria da Penha, SC ainda não tem delegacia exclusiva para as mulheres. **Diário Catarinense**. Florianópolis. out. 2017. Disponível em: <<http://dc.clicrbs.com.br/sc/noticias/noticia/2017/10/uma-decada-apos-lei-maria-da-penha-sc-ainda-nao-tem-delegacia-exclusiva-para-as-mulheres-9967600.html>>. Acesso em: 11 set. 2018.

BARROSO, José Carlos Camapum. **Filha de Edir Macedo dá aula de como se portar com o marido**. 2013. Disponível em: <<https://zecabarroso.blogspot.com/2013/03/filha-de-edir-macedo-da-aula-de-como-se.html>>. Acesso em: 03 nov. 2018.

BEIRAS, Adriano et al. Políticas Públicas e Programas de Atendimento: Homens Autores De Violência Contra a Mulher. **Revistas de Ciências Humanas**, Florianópolis, v.51, n.1, p.174-193, jan.2017. Disponível em: <http://www.cime2011.org/home/panel2/cime2011_P2_AdrianoBeiras_JulianaReid.pdf>. Acesso em: 20 out. 2017.

BEIRAS, Adriano; BRONZ, Alan. **Metodologia de Grupos reflexivos de gênero**. Rio de Janeiro: Instituto Noos, 2016. 45p.

BEIRAS, A.; LODETTI, Alex Simon ; CABRAL, Arthur G ; RAIMUNDO, Pablo ; TONELI, Maria Juracy F. . **Gênero e super-heróis: o traçado do corpo masculino pela norma**. Psicologia e Sociedade (Impresso), v. 19, p. 62-67, 2007.

BELLONI, Luiza et al. **Mulheres vão às ruas contra Bolsonaro: 'A eleição dele nos coloca em risco'**. Huffpost Brasil. São Paulo, 30 set. 2018. Disponível em: <https://www.huffpostbrasil.com/2018/09/29/mulheres-vao-as-ruas-contr-bolsonaro-a-eleicao-dele-nos-coloca-em-risco_a_23546023/>. Acesso em: 24 out. 2018.

BISPO, Fábio. A cada 10 minutos uma mulher é vítima de violência em Santa Catarina. **Notícias do Dia**. Florianópolis. ago. 2017. Disponível em: <<https://ndonline.com.br/florianopolis/noticias/a-cada-10-minutos-uma-mulher-e-vitima-de-violencia-em-santa-catarina>>. Acesso em: 11 set. 2018.

BLAY, Eva Alterman (Org.). **Feminismos e Masculinidades: Novos Caminhos para enfrentar a violência contra a mulher**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014. p. 274.

BORTOLI, Ricardo. **Violência de Gênero e Masculinidades no SUAS**. In: II SEMINÁRIO NACIONAL: SERVIÇO SOCIAL, TRABALHO E POLÍTICA SOCIAL, 2015, Florianópolis. Anal. p. 1-8. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/180849/Eixo_3_228.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 03 out. 2018.

BRASI. (1984) Lei de Execução Penal. Lei nº 7210 de 11 de julho de 1984.

BRASIL. (2004) Presidência da República. Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres. **Plano Nacional de Políticas para as Mulheres**. Brasília: Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres. 104 p.

BRASIL. (2002). Ministério da Saúde. **Violência Intrafamiliar: orientações para a prática em serviço**. Brasília: Secretaria de Políticas de Saúde/Ministério da Saúde. Disponível em: <http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/cd05_19.pdf>. Acesso em: 15 Abr. 2017.

BRASIL. (2006) Presidência da República. Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006. **Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher**. Disponível em: <www.planalto.gov.br/CCIVIL/_Ato2004-2006/2006/Lei/L11340.htm> Acesso em: 13 nov. 2017.

BRASIL. (2015) Presidência da República. Lei nº 13.104, de 9 de março de 2015. **Preve O Femicídio Como Circunstância Qualificadora do Crime de Homicídio**. Brasil, Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/lei/L13104.htm>. Acesso em: 13 nov. 2017.

BRASILEIRO, Anaís Eulálio; MELO, Milena Barbosa de. **Agressores na violência doméstica: um estudo do perfil sóciojurídico**. Revista de Gênero, Sexualidade e Direito, Curitiba, v. 2, n. 2, p.189-208, jul. 2016. Disponível em: <<http://www.indexlaw.org/index.php/revistagsd/article/view/1373/1802>>. Acesso em: 22 ago. 2018.

BRUM, Eliane. **Mulheres contra a opressão**. El País. Brasil, 28 set. 2018. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2018/09/24/opinion/1537805079_256045.html>. Acesso em: 24 out. 2018.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão identidade**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008. 235 p. Disponível em: <<https://cadernoselivros.files.wordpress.com/2017/04/butler-problemasdegenero-ocr.pdf>>. Acesso em: 1 abr. 2018.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2002.

CARDOSO, Vanessa Alcântara. **Relação entre ciúme romântico e satisfação conjugal**. 2013. 97 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento, Universidade Federal do Pará, Belem, 2013. Disponível em: <<http://ppgtpc.propesp.ufpa.br/ARQUIVOS/dissertacoes/Vanessa%20Cardoso%202013.pdf>>. Acesso em: 22 out. 2018.

CATIE, Talita. Casos de estupro e homicídio de mulheres crescem 32,5% no Vale do Itajaí. **Jornal de Santa Catarina: Notícias de Blumenau, Vale do Itajaí e SC**. Blumenau. Jun. 2018. Disponível em: <<http://jornaldesantacatarina.clicrbs.com.br/sc/seguranca/noticia/2018/06/casos-de-estupro-e-homicidio-de-mulheres-crescem-32-5-no-vale-do-itajai-10391800.html>>. Acesso em: 11 set. 2018.

CENTEVILLE, Valéria; ALMEIDA, Thiago de. “Ciúme romântico e a sua relação com a violência”. **Psicologia Revista**, São Paulo, v. 16, n. 1 e n. 2, p.73-91, 2007. Disponível em: <http://www.thiagodealmeida.com.br/site/wp-content/uploads/Ciume_romantico_e_a_sua_relacao_com_a_violencia.pdf>. Acesso em: 22 out. 2018.

COMO começa um relacionamento abusivo? **Carta Capital**, fev. 2018. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/sociedade/Como-comeca-um-relacionamento-abusivo>>. Acesso em: 08 nov. 2018.

CONNELL, Robert W.; MESSERSCHMIDT, James W.. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 241-282, maio 2013. ISSN 1806-9584. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2013000100014>>. Acesso em: 23 jan. 2017.

DATA POPULAR; INSTITUTO PATRÍCIA GALVÃO. **Percepção da sociedade sobre violência e assassinatos de mulheres**. São Paulo, 2013. Disponível em: <https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/violencia/wp-content/uploads/2015/07/DATAPOPULAR_IPG_violenciaeassassinatos2013.pdf>. Acesso em: 23 out. 2018.

DESLANDES, S. F.; GOMES, R. ; SILVA, C. M. F. P. **Caracterização dos casos de violência doméstica contra mulheres atendidos em dois hospitais públicos do Rio de Janeiro**. Cadernos de Saúde Pública (FIOCRUZ), Rio de Janeiro, v. 16, n.1, p. 129-138, 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-311X2000000100013&script=sci_abstract&tlng=pt> . Acesso em 22 ago. 2018.

DIÁRIO CATARINENSE. **Mulher morre após ser espancada em Laguna, Sul de SC; ex-companheiro é o principal suspeito.** Diário Catarinense. Santa Catarina, 24 out. 2018. Disponível em: <<http://dc.clicrbs.com.br/sc/noticias/noticia/2018/10/mulher-morre-apos-ser-espancada-em-laguna-sul-de-sc-ex-companheiro-e-o-principal-suspeito-10626538.html>>. Acesso em: 24 out. 2018.

DIAS, M. B. **A lei Maria da Penha na Justiça:** A efetividade da Lei 11.340/2006 de combate à violência doméstica e familiar contra a mulher. 2. ed. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais Ltda, p. 272, 2008.

FARIAS, Adriana. **Grupo de mulheres contra Bolsonaro no Facebook é hackeado e removido.** Veja São Paulo, São Paulo, 16 set. 2018. Disponível em: <<https://vejasp.abril.com.br/cidades/grupo-mulheres-contrabolsonaro-facebook-hackeado-removido/>>. Acesso em: 24 out. 2018.

FLORIANÓPOLIS. **Centro De Referência De Atendimento À Mulher Em Situação De Violência – CREMV.** 2018. Disponível em: <<http://www.pmf.sc.gov.br/servicos/index.php?pagina=servpagina&id=4610>> Acesso em: 20 out. 2018.

FONTE, Carla. **Comportamentos aditivos, conceito de droga, classificações de droga e tipos de consumo.** Revista da Faculdade de Ciências e da Saúde do Porto, v. 3, p. 104-112, 2006. Disponível em: <<http://bdigital.ufp.pt/bitstream/10284/533/1/104-112FCS2006-10.pdf>>. Acesso em: 03 jun 2017.

G1. **Protestos contra candidatura de Bolsonaro ocorrem em várias cidades pelo país.** G1. São Paulo, 20 out. 2018. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/eleicoes/noticia/2018/10/20/protestos-contracandidatura-de-bolsonaro-ocorrem-em-varias-cidades-pelo-pais.ghtml>>. Acesso em: 24 out. 2018.

G1, Sorocaba e Jundiaí. **Preso por estupro, homem deixa a cadeia e é suspeito de matar a filha em São Roque.** G1. São Paulo, 03 out. 2018. Disponível em: <<https://www.1news.com.br/noticia/525821/noticias/pai-que-foi-presopor-estuprar-filha-sai-da-cadeia-e-mata-a-menina-de-maneira-cruel-03102018>>. Acesso em: 24 out. 2018.

GARCIA, Carla Cristina. Os novos feminismos e os desafios para o século 21. **Cult**, São Paulo, v. 18, n. 199, p.51-55, mar. 2015.

GIL, A. C. Métodos e técnicas de pesquisa social. 2. ed. São Paulo: Atlas S.A., p. 206, 1989.

GOMES, Romeu. **Sexualidade masculina, gênero e saúde**. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 2008. 154 p.

IAMAMOTO, Marilda Villela. **O Serviço Social na Contemporaneidade: trabalho e formação profissional**. 1ª. ed. São Paulo: Cortez, p. 236. 1998.

LIMA, Daniel Costa. **HOMENS AUTORES DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA E FAMILIAR CONTRA A MULHER:: DESAFIOS E POSSIBILIDADES**. 2008. 100 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Saúde Pública, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/91278/256847.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 02 dez. 2017.

LIMA-RODRÍGUEZ, Joaquín Salvador et al. Alcoholic patients' response to their disease: perspective of patients and family. **Revista Latino-americana de Enfermagem**, [s.l.], v. 23, n. 6, p.1165-1172, dez. 2015. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/0104-1169.0516.2662>. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rlae/v23n6/pt_0104-1169-rlae-23-06-01165.pdf>. Acesso em: 22 out. 2018.

LOURO, Guacira Lopes. Teoria queer -: uma política pós-identitária para a educação. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 9, n. 2, p.541-553. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-026X2001000200012&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 4 maio 2018.

MACHADO, L. Z. **Feminismos brasileiros nas relações com o Estado: contextos e incertezas**. cadernos pagu, (47), 2016 p. 5 - 40.

MADUREIRA, A.B et al. **Perfil De Homens Autores De Violência Contra Mulheres Detidos Em Flagrante: Contribuições Para O Enfrentamento**. Escola Anna Nery revista de enfermagem, v. 18, p. 600-606, 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-81452014000400600&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em 22 ago. 2018.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **METODOLOGIA CIENTÍFICA: Ciência e conhecimento científico**; Métodos científicos; Teoria, hipóteses e variáveis; Metodologia jurídica. 5. ed. São Paulo: Atlas S.A., p.312, 2009.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de Pesquisa: Planejamento e execução de pesquisas; Amostras e técnicas de pesquisa; Elaboração, análise e interpretação de dados**. São Paulo: Atlas S.A., p. 205, 1986.

MATOS, Maíra de Mello Cabral e. “**À deriva: juventude e masculinidades**”. 2011. 164 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós Graduação em Saúde Pública, Escola Nacional de Saúde Pública – Ensp/fiocruz, Rio de Janeiro. 2011. Disponível em: <<http://teses.icict.fiocruz.br/cgi-bin/wxis1660.exe/lildbi/iah/>>. Acesso em: 3 maio 2018.

MINAYO, M. C. S. A Violência social sob a perspectiva da Saúde Pública. Cadernos de Saúde Pública, Rio de Janeiro, v. 10, p. 7-18, 1994.

MOREIRA, M. I. C. **A Violência Contra a Mulher: Quem ama não mata!** in SOUZA, M. de; MARTINS, F.; ARAÚJO, J. N. G. (Org.). **Violências e figuras subjetivas: Investigações Acerca do Mal Incontrolável**. Florianópolis: UFSC, p. 81-94, 2014.

MOURA, Leides Barroso Azevedo; Gandolfi, Lenora ; Vasconcelos, Ana Maria Nogales ; Pratesi, Riccardo. **Violências contra mulheres por parceiro íntimo em área urbana economicamente vulnerável, Brasília, DF**. Revista de Saúde Pública (USP) , v. 43, p. 944-953, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0034-89102009000600005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 24 ago. 2018.

NISCASTRE, Sérgio. **Drogas: classificação e efeitos no organismo**. In BRASIL. Senad. Secretaria Nacional de Políticas Sobre Drogas (Ed.). **Prevenção ao uso indevido de drogas: Capacitação para Conselheiros e Lideranças Comunitárias**. 4. ed. Brasília: Ufsc, 2011. p. 17-38.

PRATTA, Elisângela Maria Machado; SANTOS, Manoel Antonio dos. **Família e AAdolescência: a influência do contexto familiar no desenvolvimento psicológico de seus membros**. **Revista Psicologia Estudos**, Maringá, v. 12, n. 2, p.247-256, Não é um mês valido! 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-73722007000200005&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 30 abr. 2018.

RANGEL, C. M. F. R. B. A. ; OLIVEIRA, Elzira Lucia de. **Violência contra as mulheres: fatores precipitantes e perfil de vítimas e agressores**. In: Seminário Internacional Fazendo Gênero Nove: Diásporas, Diversidades, Deslocamentos, 2010, Florianópolis. Diásporas, Diversidades, Deslocamentos. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2010. P. 1-20. Disponível em: <<http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/site/anaiscomplementares#C>> . Acesso em 22 ago. 2018.

ROSA, A.G. **A violência conjugal contra a mulher a partir da ótica do homem agressor**. 2006. 84 f. Dissertação (Mestre em Saúde Pública) - Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis. 2006. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/89127/231339.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 15 Abr. 2017.

SAFFIOTI, Heleieth. **O Poder do Macho**. São Paulo: Moderna; 1987.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. **Gênero, Patriarcado, Violência**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004. 151 p. Disponível em: <<https://yadi.sk/i/rqH0bLiP3CR8fT>>. Acesso em: 21 abr. 2018.

SANTOS, M.S.D.; VELÔSO, T.M.G. **Alcoolismo: representações sociais elaboradas por alcoolistas em tratamento e por seus familiares**. Interface - Comunic., Saúde, Educ., v.12, n.26, p.619-634, jul./set. 2008. Disponível em: <https://www.scielo.org/article/ssm/content/raw/?resource_ssm_path=/media/assets/i/cse/v12n26/a13.pdf>. Acesso em: 22 out. 2018.

SARTI, Cynthia A. O início do feminismo sob a ditadura no Brasil: o que ficou escondido. In: **Comunicação apresentada no XXI Congresso Internacional da LASA, Chicago**. 1998. p. 1-12.

SENADO FEDERAL. Relatório de Pesquisa. **Violência Doméstica e familiar contra a Mulher. Brasília**: Senado Federal. Secretaria de Pesquisa e Opinião. Coordenação DataSenado. 2017. p. 82 Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/institucional/datasenado/arquivos/aumenta-numero-de-mulheres-que-declaram-ter-sofrido-violencia>>. Acesso em 23 jun. 2018.

SILVA, Marlise Vinagre. **Violência contra a mulher: quem mete a colher?** São Paulo: Cortez, 1992.

SOUZA, Mércia Cardoso de; MENDES, G.F.R. ; LIMA, Sarah Dayanna Lacerda Martins ; SOUZA, Mércia Cardoso de ; OLIVEIRA, M.B.B. ; SILVA, J.S. . **A Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher (Convenção de Belém do Pará) e a Lei Maria da Penha**. *Âmbito Jurídico*, v. 77, p. 1-11, 2010. Disponível em: <http://www.ambito-juridico.com.br/site/index.php?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=7874>. Acesso em: 25 jun. 2018.

STENZEL, G. Q. de L. **História de vida e características de personalidade de agressores conjugais: Um olhar psicanalítico.** 2014. 38 f. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) - Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014. Disponível em: <<http://repositorio.pucrs.br/dspace/handle/10923/7014>>. Acesso em: 15 Abr. 2017.

TEIXEIRA. S. B. S. **Reflexões sobre famílias em situação de violência: é possível ajudá-las?** In: AZEVEDO, M. A.; GUERRA, V.N. Infância e violência doméstica. Apostila do Curso de Especialização em Violência Doméstica. [s/l], ano V, n. 6, p. 69-75, 2001.

UOL. São Paulo: **Mulher que diz ter sido marcada com suástica não seguirá com ação.** (2018), Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/politica/eleicoes/2018/noticias/2018/10/11/mulher-suastica-nazismo-porto-alegre.htm>>. Acesso em: 22 out. 2018.

WASELFISZ, J. J. **Mapa da Violência 2015.** Homicídio de mulheres no Brasil. Distrito Federal: Flaco Brasil; 77 p, 2015. Disponível em: <<http://www.mapadaviolencia.org.br/>>. Acesso em: 23 mar. 2017.

APÊNDICE 1:



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA CENTRO SOCIOECONÔMICO
DEPARTAMENTO DE SERVIÇO SOCIAL
CAMPUS REITOR JOÃO DAVID FERREIRA LIMA – TRINDADE – CEP 88040-900 – FLORIANÓPOLIS / SC
TELEFONE +55 (48) 3721-9540 - FAX +55 (48) 3721-9990
dss@contato.ufsc.br | www.dss.ufsc.br

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado como voluntário a participar da pesquisa: “Compreendendo a violência doméstica a partir dos depoimentos de homens autores de violência contra a mulher.” A pesquisa faz parte do Trabalho de Conclusão de Curso da Graduação em Serviço Social/UFSC, cujo objetivo é problematizar os fatores que levaram os homens reclusos a cometerem violência doméstica contra a mulher.

Desta maneira, convidamos você para participar de uma entrevista gravada (apenas com sua permissão). Esta entrevista tratará de perguntas relativas a como você identifica os fatores que o levaram a cometer violência doméstica contra a mulher. A duração desta entrevista será de, aproximadamente, 30 minutos. A sua participação nesse estudo é voluntária e se você decidir não participar ou quiser desistir de continuar em qualquer momento, tem absoluta liberdade de fazê-lo, não acarretando qualquer penalidade ou perda de nenhuma natureza.

A pesquisa tem por objetivo influenciar no desenvolvimento de políticas públicas que beneficiam tanto as mulheres, como, ações e programas, destinados exclusivamente ao homem autor de violência contra a mulher. É importante esclarecer que: - à curto prazo, esta pesquisa não trará benefícios aos participantes; - esta pesquisa pode apresentar possíveis **desconfortos ou riscos** ao participante, como se sentir constrangido, aborrecido, cansado ou provocar certas emoções ao responder as perguntas sobre os fatores supracitados. Ciente de que a pesquisa possui algum risco, a pesquisadora responsável estará atenta aos sinais emocionais dos participantes da pesquisa e compromete-se a não prosseguir com a entrevista.

A pesquisadora compromete-se de guardar o devido sigilo no trato das informações fornecidas por esta entrevista. Você não será identificado em nenhuma publicação que possa resultar deste estudo. Os responsáveis pela pesquisa se comprometem a seguir e cumprir com todas as determinações da Resolução CNS 466/2012 que trata das diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos.

Com relação à forma de **ressarcimento**, esclarecemos que não haverá qualquer tipo de despesas por parte dos participantes de pesquisa e dela decorrentes, até porque a entrevista será realizada na instituição onde os participantes estão albergados. Caso haja despesas previstas ou não, serão pagas com os recursos da própria pesquisa. Explicitamos que você terá como garantia de indenização diante de eventuais "danos" decorrentes da pesquisa, conforme item IV3 (h) da Resolução CNS 466/2012.

As duas vias deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido serão impressas,

rubricadas e assinadas pelas pesquisadoras responsáveis e por você . Guarde cuidadosamente sua via, pois é um documento com poder jurídico que traz importantes informações de contato e garante seus direitos como participante da pesquisa. Em ambas as vias constam o endereço e contato telefônico dos responsáveis pela pesquisa, pelos participantes da pesquisa e do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Santa Catarina. Desde já agradecemos sua atenção e participação e colocamo- nos à disposição para maiores informações. Em caso de dúvida(s) em relação ao projeto e pesquisa, poderá entrar em contato com responsável principal: Amália Einhardt Alves Veira. Endereço: Campus Reitor João David Ferreira Lima, s/n - Trindade, Florianópolis - SC, 88040-900. Telefone: 48 98455- 0125. E-mail: amalia_ealves@hotmail.com .Também poderá entrar em contato com a orientadora: Prof. Dra.Simone Sombrol Sampaio, do Departamento de Serviço Social da Universidade Federal de Santa Catarina, através do Telefone: 3721-9440 (ramal 15) e do e-mail: simone.s@ufsc.br. Segue também o endereço do CEP- Prédio Reitoria 2 (Edifício Santa Clara), Rua Desembargador Vitor Lima, nº 222- Sala 401. Trindade- Florianópolis. CEP: 88040- 400. Contato: 48 3721 6094. E-mail: cep.propesq@contato.ufsc.br.

Ao aceitar participar, você deve assinar esse termo de consentimento, juntamente com a pesquisadora, termo do qual de você terá uma cópia. Agradeço por sua atenção.

CONSENTIMENTO

Declaro que concordo em participar desse estudo. Recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Eu, _____ fui informado dos objetivos da pesquisa acima de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que em qualquer momento poderei solicitar novas informações e motivar minha decisão se assim o desejar.

Nome	Assinatura do Participante	Data
------	----------------------------	------

Nome	Assinatura da Pesquisadora	Data
------	----------------------------	------

APÊNDICE 2:



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO SOCIOECONÔMICO
DEPARTAMENTO DE SERVIÇO SOCIAL
CAMPUS REITOR JOÃO DAVID FERREIRA LIMA – TRINDADE – CEP 88040-900 –
FLORIANÓPOLIS / SC
TELEFONE +55 (48) 3721-9540 - FAX +55 (48) 3721-9990
dss@contato.ufsc.br | www.dss.ufsc.br

Questionário:

1. Por que você está aqui?
2. Você reconhece que cometeu um ato de violência doméstica contra a mulher?
3. O que o levou a cometer o ato violento?
4. Você pode me descrever a pessoa que você agrediu?
5. Você acha que a violência cumpre um papel positivo no convívio social?

APÊNDICE 3:

Entrevistas:

Entrevistado 1

Idade: 40 anos.

Cor: negro.

Escolaridade: Ensino Fundamental Completo

Profissão: Operador de Máquina.

Vítima: ex-companheira.

Agressão: Física

Entrevistado 1: Então assim, eu eu acho importante essa, esse estudo em cima dessa questão, porque muitas vezes é ouvido mais as mulheres e ocultam um pouco a a veracidade dos fatos da na hora que aconteceu, que o homem não tem direito a defesa caso aconteça um um uma agressão, os dois tiveram discutindo e aí só se houve a mulher. E aí já define um, uma medida protetiva não dando o direito dele mais chegar próximo a esposa. Tirar do lar a família. Tirar a responsabilidade de casa, de tudo e, o homem fica um pouco oculto não podendo falar aquilo que ele expressa, pra que ele sente, pra que fosse melhor pra convivência do casal, então acaba se distanciando um casamento por falta de comunicação.

Pesquisadora: Ok, agora vamos começar a entrevista. Eu preciso saber por que você está aqui Entrevistado 1?

Entrevistado 1: Nós, eu ... Há seis anos eu já venho num conceito de separação da minha ex mulher e... eu conheci uma outra pessoa e aí e ela nunca quis essa separação, nunca quis a separação, sempre me agredia. Às vezes eu não... não... não nada, nunca... nunca revidei nada, nunca revidei nada e ela me deferiu vários golpes de faca, várias vezes e eu, também, não fui atrás de delegacia nem nada, porque também tentando ali uma um término melhor do nosso relacionamento. E, sempre com a minha namorada curtindo o que eu conquistei no decorrer desses seis anos e, ela não queria sair de casa e foi acumulando problemas e problemas. E aí, até um dia, ela não suportando mais me agrediu, veio a me agredir aí eu estava um pouco alte..., tava alcoolizado no dia, aí ela... Eu cheguei quatro da manhã, alcoolizado, e entrei pro banheiro, tomei banho, fui trocar de roupa ela veio me agredir e, nessa, nessas agressões que ela, que ela me... me dando porrada e coisas, eu me defe... eu eu tava abai.. abaixado e fui levantar de uma vez com meu celular assim me defendendo assim em posição de de... de... de... defesa. E ela, na hora, automaticamente, ela ía descendo, abaixando e eu ía levantando: deu encontro, a cabeça... a minha cabeça com a boca dela, tipo se eu tava com a mão assim encontrou. No caso, quebrou os dentes dela, pela... pelo encontro ali né, a colisão e aí saiu, caiu o ma.. o dente, um dente do... do dela, ficou mole e a boca sangrando tudo e aí ela foi a delegacia fez o boletim de ocorrência e, só ouviu ela, só ouviram ela, aí eu fui trabalhar, quando eu cheguei do trabalho só recebi a medida protetiva ali e coisa, tudo bem. Aí isso há um ano e meio atrás. Caso tranquilo, ela foi embora pra casa dos pais dela, ela não voltou mais pra minha casa e, eu continuei minha vida: trabalhar, trabalhar, trabalhar e trabalhar, e ela envolvendo, por eu ir visitar minha filha na casa do meu ex sogro, ela sempre tava ali presente, eu tinha medida protetiva 200 metros dela, mas ela tava ali, ali foi a... a... foi expedido que eu visse a minha filha ali naquela casa, juntamente com ela ali residindo ali naquela residência. E isso a juíza errou também. Então, é muitas coisas né, que eles colocam mais é pra... pra complicar mais a situação. Então averiguação da juíza, em termos assistenciais, coisas, podia ter visto isso, essa medida que vieram, que eles mesmo fizeram né, e... por exemplo: se você, eu tenho uma medida protetiva contra você... você... contra a sua pessoa, eu não posso aproximar de

você, como eu... eu tenho uma filha contigo daí eu tenho que ir lá visitar a minha filha todos os domingos, das 14h às 18h, e com você do lado... A justiça falha, verifiquei isso, conversei com meu advogado ele falou me... me... me falou assim: olha eles querem tá passando isso, pra você não ir lá ver sua filha. Automaticamente eles não me deram direito de conversar mais com minha esposa, automaticamente eles me expulsaram da vida da minha filha, automaticamente eles deixaram... eles, eles, eles acabaram com uma coisa que poderia ser mais tranquila, mas com.. mais consciente, conversando tranquilo. Porque por ela tava tudo certo, tanto que eu chegava lá e ela colocava café na mesa pra mim, a gente conversava tranquilo.

Ao ver a minha namorada aproximar da minha casa, vir mais na minha casa finais de semana, ela ficou, começou a passar raivar, ter raiva e, e, brigar com a minha, brigar com a minha namorada, coisas, mas eu falei nós já estamos separado, não tem nem posse, você nem é mais minha esposa, você não tá mais na minha casa e a minha vida continuou. Tem um ano já, que a gente já tá separado e tudo e a minha vida continuou. Eu vou, conheci outra pessoa, e essa pessoa vai passar a viver comigo, na minha casa ou, né a gente vai ter uma convivência. E assim foi tomando uma proporção de, de boletins de ocorrência, boletins de ocorrência, eu ia lá ver a minha filha, eles me agrediam, eu boletim de ocorrência contra eles, eles boletim de ocorrência contra mim...

Pesquisadora: eles te agrediam como?

Entrevistado 1: fisicamente.

Pesquisadora: e eles quem?

Entrevistado 1: a família, o pai, a mãe, as irmãs, as sobrinhas, a minha enteada, então, são pessoas que eu não, eu não, eu achava que era a minha família, que era meu pai, que era minha mãe, porque eu não tenho ninguém aqui, eu sou natural de Goiás, e eu vim pra cá há 18 anos atrás e, aqui constituí essa família, 12 ano de casamento, casado tudo certinho, mas infelizmente não deu mais, eu queria. Várias vezes eu fui embora, 4 vezes, foi 4 vezes eu fui embora, eu fui pra Rondônia pra aquela vez, ela foi atrás buscou minhas coisas, me chamou tudo, a gente conversou, voltamos. Aí fui outra vez pra São Paulo...

Pesquisadora: Porque vocês se separavam?

Entrevistado 1: A gente discutia de conversas assim, ó vou pegar minhas coisas e vou embora, pega, bota meu carro e ir embora. Deixava tudo pra ela, falava: não quero nada disso aqui, só me deixa em paz.

Pesquisadora: Vocês ficaram casados quanto tempo?

Entrevistado 1: 12 anos, e a minha filha tá com 6 anos. E assim, depois, das outras vezes eu tava trabalhando fora e ela vinha pegava minhas coisas, trazia embora, deixava eu sem roupa lá, sem nada, até meus documentos às vezes ela me deixava sem. Eu já viajei do Paraná aqui, sem habilitação, que ela veio e tomou tudo meus documento e veio embora. Entendeu, então ela, ela é po.. ela não aceitava a separação, e eu já não queria mais aquela vida, simplesmente não queria, mais não queria também, também uma pessoa que era, que foi minha esposa tanto tempo, acabasse assim tão banal.

Pesquisadora: Mas, o que te trouxe pra cá?

Entrevistado 1: Justamente, essa, que foi os fatos disso tudo. Aí, a minha, a minha... a minha diarista, agora há um mês atrás, um, um, uns 60 dias atrás, a minha diarista que faz a faxina da minha casa, ela, eu falei pra ela, olha estamos doando todos os móveis da casa, nós vamos mobiliar a casa com, fazer, renovar os móveis da casa, e vamo tirar tudo. Então já mandei fazer tudo planejadinho, tudo arrumadinho, o que, se você acha que deve, que sirva pra você, porque ela é de baixa renda, ela não tem um poder aquisitivo... estável, ela é, tem, ela, ela precisa de, necessita de algumas coisas, assim,

então, aí eu querendo ajudar ela, falei olha tudo que foi da XX(ex-companheira) que um dia, cobertor, coisas, o sofá que ela go... coisas...

Pesquisadora: a XX, é quem?

Entrevistado 1: a minha ex mulher. E a minha namo... a minha esposa hoje, que nós oficializamos o casamento, agora. Olha que eu tava aqui dentro (risos), até pra ela tá tomando de conta das minhas coisas lá fora, banco e pagamentos e outras coisas, arrumar advogado e coisa, então eu, eu, eu pedi, falei com ela: queres alguma coisa pega pra você, senão a gente vai jogar fora, ou então vou doar pra quem quiser, que sirva, mas eu vou limpar a casa e vou mobiliar de novo. Nada que ela respirou ou que ela teve contato, eu não quero mais aqui em casa, assim foi dito. E, ela levou com outras palavras pra minha ex-mulher, pra XX, que elas são amigas, essa YY(nome da faxineira) já cuida da nossa casa há 9 anos já, limpava, trabalhava pra nós. Tá, há 9 anos. E aí, a YY levou essa conversa distorcida pra a XX, dizendo que nada que ela tivesse em cima, que fosse pegado, ou que ela respirou em cima, se ela nem respirasse mais pra mim era um favor que ela fazia, tipos assim, em termos assim. Aí, ela entendeu como ameaça de morte, mas nada a ver. Tando tudo certo eu tava no meu trabalho, trabalhando eu trabalho no aeroporto e eu cheguei, eu tinha um periódico pra fazer, ééé um exame periódico, aí eu tava numa clínica aqui em São José e quando me ligaram do, da delegacia: “ó você tem que comparecer aqui, pra gente toma um depoimento”. Mas, como até no entanto, no dia não tinha sido definido, definido o que vai ser, o que vai se tocar pra você, o que vai ficar pra ela, aquela coisa da nossa separação, eu achei que era da coisas assim em termos relacionado a isso. Fui lá na delegacia, quando eu cheguei na delegacia o delegado residente falou: “olha você tem, nós temos uma P.I e uma P.P, uma prisão imediata e uma prisão preventiva pra você”, falei: “mas, quem, quem” “é você tá ameaçando a XX de morte”, falei: “não”, “é mais a YY falou isso e isso”, falei: “mais olha só, se entendeu, quem sou eu agora pra falar o que ou não, foi uma conversação delas”, e assim me trouxe aqui, e aqui estou já passando o, o, o, na, no juízo, em juízo lá, já tivemos audiência e a juíza me perguntou, eu relatei tudo isso, né. O meu carro passava na porta da casa dela, que minha namorada dirige, às vezes eu não tava em casa né, e aí ela pegava meu carro passava pra lá e pra cá, e ela achava que era eu que tava passando, quebrando a medida protetiva, e assim ela tirava foto do meu veículo, mas não comigo dentro, e aí levava, então certas coisas que teria que ter uma averiguação melhor pra se definir, uma investigação melhor é a palavra certa, a palavra mais certa.

Pesquisadora: Voltando na história, tu disse que a primeira, não sei se foi a primeira agressão, mas a agressão que levou ao primeiro B.O, tu disse que ela te agrediu primeiro, né?

Entrevistado 1: Sim, ela me agrediu.

Pesquisadora: Porque ela te agrediu?

Entrevistado 1: Eu cheguei é, acho que umas 4 e pouco da casa da minha namorada, que a gente, nós estávamos já separados de corpos. A minha casa é uma casa grande, então ela dormia lá com minha filha, e o meu quarto que era junto com minha filha. Estávamos vivendo de aparência, há 6 anos praticamente, pra não, pra manter aquela família unida, ir em um casamento, ir, porque nós somos uma comunidade alemã em Águas Mornas muito conceito de família. Então eles vivem muito de aparência, mas se você olhar o núcleo da família, tá totalmente distorcido.

Pesquisadora: Uhum, e porque ela te agrediu?

Entrevistado 1: Por que ela, viu umas marcas de beijos, coisas na minha roupa, da minha namorada, e a minha esposa que é minha esposa hoje. Claro, ela não gostou eu tava tomando banho, ela não gostou e veio e eu tinha bebido, e ela não suportando ver

aquelas, aquela marca em mim, o beijo e coisa assim, e ela não suportou, veio me agredir e tudo, foi onde chegou essa proporção.

Pesquisadora: Tá, agora pensando no momento que houve a batida, e pensando também em toda a história que você me contou. Você acha que nisso tudo houve algum ato de violência doméstica contra a mulher?

Entrevistado 1: Não, não foi.

Pesquisadora: Porque não?

Entrevistado 1: Por que jamais, eu teria... atingido ela por querer, foi ela veio abaixar e eu levantar, uma colisão acidental. E ela, usou contra a minha pessoa, porque ela tava se sentindo inferior, tava se sentindo... traída, ela tava, ela se sente até hoje traída, ela não, não, ela não conforma com a minha separação, com a nossa separação, caso eu to aqui, é... eu tenho certeza que se você for falar com ela, indignada ela é por isso. Ela não aceita a minha esposa hoje na minha casa, é o, o meu filho veio de Goiás, que eu tenho um filho em Goiás, um casal de filho em Goiás, o meu filho veio pra cá, pra tomar de conta das minhas coisa lá em casa, e ela passa na porta grita, xinga minha esposa, minha esposa tá grávida de 8 meses.

Pesquisadora: E o que te levou a “batida” nela?

Entrevistado 1: Não teve, não teve, não teve, acaso, aconteceu, acidental. Acidental mesmo.

Pesquisadora: Tá, e podés me descrever ela?

Entrevistado 1: ela é uma pessoa... bonita (choro)...

Pesquisadora: quer parar um pouco? Vamos parar um pouco.

Entrevistado 1: desculpa, ela é muito especial.

Pesquisadora: Porque Entrevistado 1?

Entrevistado 1: é uma boa mãe, foi uma boa esposa...

Pesquisadora: é, e como que é ser uma boa esposa?

Entrevistado 1: cuida de mim, cuida da casa, de tudo, lembrava de tudo, não deixava faltar nada, nunca me deixou faltar nada. Ela acordava todos os dias as 4 da manhã pra fazer meu café, tanto que esse dia que eu cheguei às 4 horas da manhã, ela tava de pé já pra fazer o meu café, tudo. Então, ela tem os seus pontos de respeito, ela é muito respeitadora, é uma pessoa moça de família, muito especial.

Interrupção da gravação por causa do barulho.

Pesquisadora: Desculpe, Entrevistado 1, continuamos com você descrevendo “ela”.

Entrevistado 1: ela é uma pessoa, como eu te disse é pessoa especial, muito boa pessoa, pessoa de, com uma índole muito, muito, muito linda, então... boa mãe, prestativa, foi uma boa mulher, cuida, cuidou sempre muito bem de mim, de tudo, as minhas roupas, o meu uniforme, até o meu, a minha bota de trabalho sempre limpinha, ela sempre foi dedicada, trabalhava, tinha sua educação, cuida da casa, cuida da... ela é diarista, diarista não, não é diarista, ela cuida é de duas, uma senhora e uma uma pessoa, uma menina 32 anos mas especial, é idade de criança, então não é diarista, ela trabalha três vezes na semana, não é como a palavra diarista, é cuidadora, é de duas pessoas muito elevada na sociedade.

Pesquisadora: Quantos anos ela tem?

Entrevistado 1: ela, ela fez, eu sei a data de aniversário foi dia 23 agora, mas a data, eu não sei, eu acho que é uns 35, 33, 34, eu acho, 33 ou 34, eu não tenho bem certeza. Eu sou meio desligado, mas a data de aniversário eu sei (risos). 23 de setembro, fez aniversário agora, antes de ontem.

Pesquisadora: Mais alguma coisa que você queira dizer sobre ela?

Entrevistado 1: que eu queria ser muito amiga dela, diferente de eu amar muito a WW(atual companheira) hoje, a gente viver, nós estarmos bem, eu vou ter um filho que

eu quero dedicar o máximo de mim. Mas, eu ainda quero ser amigo dela, da família dela, que eu tenho uma filha com ela também, né. E, eu preciso dessa reaproximação pra gente viver bem.

Pesquisadora: Sim, e você acha que a violência, ela cumpre um papel positivo no convívio social? A violência é boa pra sociedade?

Entrevistado: Nunca.

Pesquisadora: Porque?

Entrevistado 1: A violência atrapalha, a violência ela tira o laço matrimonial de um lar, de uma família, então a violência não é, não é bom, nunca foi bom, e nunca vai ser bom pra um pai, pra uma mãe de família, pra uma família que se constitui uma família unida, família de... nome, família de índole, família que se doa um ao outro, então violência nunca, vai ser bom pra, pra nós que pensamos assim, e eu penso assim. Eu tenho a WW, hoje minha esposa, um amor de pessoa, a XX também, indiferente de termos, de ter acontecido dessa proporção, saiu fora da situação, em tudo, mais é... jamais eu queria que isso tivesse acontecido dentro dessa, dessa forma, dessa proporção que chegou a isso, e eu estar aqui nesse lugar, que eu jamais pisei na minha vida. Tô com quarenta e poucos anos e não, jamais, pensava em, nunca pisei na minha vida, nunca cheguei a esse ponto, nunca foi preciso chegar a essa ponto, sempre tive, eu dei o, sempre falando: “não você fique com tudo que eu vou embora e, não quero discussão”. A minha primeira mulher lá em Goiás ficou com casa tudo, e eu só simplesmente saí, e vim embora, conheci a XX aqui. Fui pra África, conquistei meus bens que eu tenho hoje, trabalhei muito tempo fora do país. Eu trabalhava numa grande empresa a Companhia Vale do Rio Doce, hoje só chamada VALE, então eu fui pro Canadá, trabalhei um pouco no Canadá um ano e oito meses no Canadá, em Toronto. Ali no aeroporto, eu sou encarregado de obras.

Pesquisadora: então tá, você quer falar mais alguma coisa para encerrarmos?

Entrevistado 1: Eu tô louco para ... to a 42/43 dias, louco pra ir pra casa, retomar minha vida, é eu tenho um gado, tenho uma vida, tenho as minhas coisa, meu, sabe tenho gente pra pagar, tenho tem que receber, tem minha vida ta totalmente fora de mim, e eu não to, sabe, aqui a gente não sabe de nada, aqui você não, entra dia, saí dia você não tem visita de advogado, coisas assim, ter eu tenho, tenho três advogados só que é, no decorrer não vem, às vezes você fica a pensar, e isso acaba mexendo com, com o seu psicológico, com o meu eu.

Pesquisadora: Está bem, então, obrigado Entrevistado 1 pela sua participação.

Entrevistado 2**Idade:** 49 anos**Cor:** Branco**Escolaridade:** Ensino Fundamental Incompleto**Profissão:** Manobrista.**Vítima:** EX- Companheira**Agressão:** Física.

Pesquisadora: Entrevistado 2, você pode me dizer por que está aqui na Casa do Albergado?

Entrevistado 2: Eu estou aqui porque nós discutimos, eu e minha mulher, entendesse? E no discutir até ofendi ela, eu ofendi ela e ela me deu um tapa no meu rosto e eu... eu como que é, e eu, revidei né, daí eu revidei, daí ela chamou a polícia, foi ela e o meu sogro foram lá no DP lá, e deram um, como que é, um ..., fizeram um B.O e vieram ali em casa, ali e me prenderam.

Pesquisadora: E vocês discutiram porque?

Entrevistado 2: É, porque eu trabalho e na Jotur, trabalho na Jotur né! E eu chego de madrugada em casa, daí eu gosto de chegar em casa assim, é vou tomar banho e tudo, e de vez em quando eu faço um barulhinho, ela se acordou e eu vi ela mexendo no, no celular dela, entendesse? E, inclusive, até ofendi ela, né, é ofendi ela e nós discutimos. Assim, é chamei ela assim até de, de, serve... de sem vergonha, né. O porque que ela tava mexendo no celular aqueles horário ali, e eu tava achando que até ela tinha outra pessoa, entendeu?

Pesquisadora: Sim entendi, e você acha que este tapa que você deu nela foi um ato de violência doméstica contra a mulher ou não?

Entrevistado 2: Não, foi pelo impulso, porque eu sou casado com ela 25 anos, eu nunca toquei a mão nela em nada, entendesse. Ela sempre batia no meu rosto, mas eu ficava quietinho, portanto que o meu filho é, o meu filho disse pra minha irmã assim, pra tia dela assim: “tia o pai nunca encostou a mão na mãe em nada, eu sempre vi a mãe batendo no pai, mais ele sempre saía e tudo, acho que foi pelo impulso mesmo, que ele deu”. Até eu, depois me olhei no espelho “porque que eu fui fazer aquilo dali?”, até eu me arrependi, porque é uma coisa que foi pelo impulso. Entendesse? Olha só, em 25 ano de casado eu nunca bati nela, e nada, e eu quando bebia antigamente eu não encostei a mão nela, faz 8 anos que eu não bebo, não bebo, não fumo, nada. Entendeu?

Pesquisadora: Entendi, mas o que te levou a bater nela dessa vez?

Entrevistado 2: Foi o impulso, porque se eu to casado com ela 25 anos, jamais eu vou, e eu sou contra, eu sempre fui contra um homem bater numa mulher, eu sempre fui contra entendesse, eu não aceito um homem bater numa mulher, entendesse, se eu tivesse casado numa passa de um a dois anos, tudo bem, não tem o que, né.

Pesquisadora: Podes me descrever ela? Me dizer como ela é?

Entrevistado 2: Ela é assim, ela tem o teu perfil assim, né, o nome dela?

Pesquisadora: Não é necessário o nome, mas como ela é? Trabalha? Como é o jeito dela? Pensa nela e me descreve.

Entrevistado 2: Tá, ela é uma pessoa trabalhadeira, isso aí eu não posso nega nada, uma pessoa limpa...

Pesquisadora: O que é uma pessoa limpa?

Entrevistado 2: Pra mim?

Pesquisadora 2: Isso.

Entrevistado: Uma pessoa limpa é que ela chega em casa, ela assim, é, faz as coisas assim de casa como é pra, pra fazer, né, uma pessoa assim que... e outra coisa assim,

uma pessoa assim é honesta também, entendesse, muito honesta em tudo, entendeu? E eu acho até uma pena mesmo de ela ter é deixado de mim, inclusive ela deixou de mim, ela me botou uma mão na frente e outra atrás, entendesse? Ela botou todas coisas minhas, tudo dentro do meu carro, entendeu? Ela botou na rua, ela botou eu na rua, entendeu? Aí eu tô, nem sei onde que é que eu vou morar, entendeu? E eu deixei tudo pra ela dentro de casa, não tirei nada, nada, nada, porque eu tenho três filho com ela, tenho um de 9 ano, tem um, tem uma de 13 e um de 22. O de 22 vem me visitar aqui, eu sou uma pessoa tranquila, uma pessoa calma, sempre trabalhei, entendesse, eu sou sempre tranquilo.

Pesquisadora: Uhum, e queres falar mais alguma coisa sobre ela?

Entrevistado 2: Ela até é uma pessoa normal, assim é uma pessoa normal que nem nós assim, mas é quando, quando assim é, é, tem hora que ela passa do limite, mas a gente discute, isso aquilo, o negócio dela é bater, mas sem isso aí ela é normal, entendesse? Uma pessoa... ela trabalha na caixa, ela é, como é nome daquele lugar lá, lá no Luciano Laminas, é fica em São José na Fazenda do Max. Mais enfim ela é uma pessoa normal assim, normal.

Pesquisadora: E o que é ser uma pessoa normal?

Entrevistado 2: É, uma pessoa normal é que ela sempre trabalha, ía pra casa. Só que nós discutia muito, entendeu?, e só que a gente já vinha discutindo já faz um tempinho bom, o nosso relacionamento não vinha adequadamente entendesse?, não vinha. Daí, nesse tempo todo que a gente ficando assim, nesses 7 ou 8 meses, aí em casa meio, que eu não tocava uma mão nela nem nada, e isso aquilo entendesse? Assim ela me provocava. Assim, provocava assim: como ela mora perto, ela, desculpa, ela trabalha perto, cinco minuto de casa, não era necessidade de ela assim, é um colega dela do serviço leva ela em casa, não era necessidade, entendesse? E outra coisa, é sobre isso, eu tinha outra coisa pra falar, o que que era, não lembro mais, bom aí eu, ah! é sobre o fórum lá, ela deu até entrada do nosso, do, do divórcio e tudo. E eu acho que não era necessidade dela tocar assim pra fora, assim com uma mão na frente e outra atrás, não era necessidade.

Pesquisadora: Então agora a última pergunta, tu achas que a violência é boa pra sociedade?

Entrevistado 2: Não, de jeito nenhum. É a violência não é coisa, nem em casa, na sua casa e nem fora, nem na rua, porque a gente tem que ter educação um com o outro, entendesse? Não precisa isso, é isso que eu to dizendo. Óh! E quando eu bebia e tudo nunca toquei a mão nela, eu não ía tocar a mão nela agora que eu não bebo mais faz 8 anos, entendesse, eu jamais, jamais.

Pesquisadora: Está bem, podemos encerrar ou você quer falar mais alguma coisa?

Entrevistado 2: Não, não, é assim uma coisa que não precisava, tá. É assim, ela chegar nesse ponto, a e outra coisa é essa briguinha. Nós assim de oito mês pra cá que a gente não se cruza muito, eu via muito assim na casa dela muita gente ali...

Pesquisadora: Mas vocês não moravam juntos?

Entrevistado 2: sim, eu morava com ela mais era no terreno do meu sogro, entendesse. E eu via muita gente na casa dela ali, entendesse, na mesa conversando com um com outro. E de 8 mês pra cá que nós tava até meio separado assim, dentro de casa né. Assim parece que ela tava assim, assim simulando as coisas assim, entendesse, simulando assim um dizia uma coisa outro dizia outra, entendesse. Ela não fez isso aí por ela próprio, não. Ela não fez isso aí, ela só, só ela mesmo. Foram várias pessoas incentivando ela pra gente separar né.

Pesquisadora: E quem são essas outras pessoas?

Entrevistado 2: Assim, eu acredito assim, os tios dela, as tia dela, tem gente de fora até no serviço dela, eu acredito que esse, esse negocio de salão também , que ela começou a provocar depois do salão. E eu acredito que assim onde tem mulher tem, tu é mulher tu sabe né, entendesse...

Pesquisadora: O que que tem, não entendi.

Entrevistado 2: Assim, onde tem mulher sempre tem uma dizer assim “ah se fosse meu marido isso e aquilo”, “ah se fosse meu marido...”, sempre tem uma que dá opinião, entendesse, eu creio que sim. E eu vinha do serviço pra casa. Claro, de vez em quando, eu saia, ía de noite. E ela já sabia onde é que eu tava, que eu ía aqui pra Trindade, que eu morava em São José e eu ía aqui pra Trindade na casa dos meus parentes aqui. Tem uns parente que mora tudo aqui, meus irmão mora aqui, entendesse? E outra coisa aqui, a única pessoa que vem me visitar aqui é só meu filho de 22 anos, meus parente não vem, e só vinha a mim quando precisava de mim. Só em tudo. Engraçado como que é a vida da gente né, quando precisam, eu vinha de lá a qualquer horário, em qualquer coisa servia eles aqui, agora que eu to aqui ninguém vem.

Pesquisadora: Pois é, agora vamos encerrar, obrigado por você ter participado Entrevistado 2.

Entrevistado 3**Idade:** 35 anos**Cor:** branco**Escolaridade:** Ensino Médio Completo**Profissão:** Aposentado - BPC**Vítima:** Mãe**Agressão:** física**Pesquisadora:** Entrevistado 3, porque você está aqui?

Entrevistado 3: Dessa vez, eu to aqui por causa de um conflito que deu entre a minha família, com minha mãe, que ela não estava em casa num período onde que eu tava meio assustado dentro de casa, porque bateram na minha janela e eu pensei que fosse alguém. Claro, bateram na minha janela, certamente seria alguém que tava querendo falar comigo, mas no momento eu fui abrir a janel... a porta desesperado pra saber quem que era, porque bateram com força, meia noite, já tava tudo fechado dentro de casa, ninguém apareceu, ninguém apareceu, aí o que aconteceu, eu fui pra dentro de casa de novo, fui dormir de novo. Bateram de novo, eu fui pra rua de novo, apavorado perguntando quem era, o que que tava acontecendo por causa que, que eu não consegui entender quem tava batendo e nem ver quem tava batendo na janela da minha, da casa da minha mãe. Aí fiquei desesperado e comecei a chutar a porta, chutar a janela, chutar a janela não, bater na janela e pra, pra, pra vê se alguém se apresentava porque não tava entendendo, porque tava batendo na minha janela, na minha porta e ninguém se apresentando, né. E como seria? Alguém tá é batendo na minha, na janela da minha casa, porque não tem como, só se fosse o vizinho, e o vizinho não se apresentava, e, e, foi isso. Depois a minha mãe chegou, chegou lá por umas 5h da manhã, eu tinha quebrado já 8 vidros de casa, que aqueles quadradinhos, vidro quadradinho, quebrei oito vidro de casa com a pedra, desacatei não os policiais, mas a minha mãe. Eu falei que ela tinha que permanecer na dela, porque eu tava suspeitando até dela, que era ela que tava armando aquilo tudo pra cima de mim, sabe, batendo na janela pra me deixa assustando, pra testar minha febre né, testar minha paciência né, foi isso que aconteceu.

Pesquisadora: e você chegou a bater nela?

Entrevistado 3: Não, não cheguei a bater nada, eu nunca bati na minha mãe, já vim várias vezes pra cá, pra Casa do Albergado é, é, várias não, essa é quarta, por ameaça e,e, lesão grave né, não lesão leve, eu empurrei ela, ela veio se agarrar em mim, me pegar pelo cabelo, eu empurrei ela, ela bateu no friso da porta, arranhou um pouco assim. Aí foi lesão leve que detectaram num dia que eu fui preso das outra vezes. Mas tudo isso aí, tudo coisa pouco, e também mais outras coisa que aconteceu lá dentro de casa, que a minha mãe foi no fórum essa vez e disse que não quer mais que eu more com ela. Sabe, falei pra ela, “não tem problema, tenho outra casa pra mim morar, o que eu não quero é fica sem meu dinheiro, que meu dinheiro era meu pai que dá”.

Pesquisadora: Você tem algum diagnóstico psiquiátrico?

Entrevistado 3: Meu diagnóstico é positivo, é bipolaridade, uma hora tá bem, outra hora tá ruim.

Pesquisadora: E o remédio, Entrevistado, você tava tomando?

Entrevistado 3: Antes disso aí, antes de vir pra cá, não tava tomando remédio, remédio não me faz bem, remédio me deixa grogue, me deixa, só pra dormir mesmo, dormi o dia inteiro hoje, só pra acordar agora. Aí foi isso que aconteceu, quando a polícia chegou ela já foi falando que eu ameacei ela de morte, que eu fiz, quebrei a casa toda, ameacei ela de morte, coisa que eu não fiz.

Pesquisadora: Tá bom, e tu reconhece que isso tudo que tu fez foi um ato de violência doméstica contra a mulher, ou tu acha que não foi?

Entrevistado 3: Eu acho que foi, porque eu ameacei ela, né! Ameacei ela com uma vassoura, disse que ia dar uma vassourada nela se ela não parasse de encher o saco. Eu gosto muito dela, tadinha, eu gosto dela, é minha vida. E ela tava enchendo o saco, que ela disse que ia chamar a polícia, depois eu me arrependi. Depois que vi ela no fórum, ela não quis nem olhar pra mim, fiquei muito triste por causa disso, é minha mãe né, eu acho que toda mãe, tem um sentimento pelo filho, ela não teve naquele momento ali, porque de certo ela tava muito injuriada comigo mesmo, tava chateada, eu tatuei o nome dela aqui no meu braço. Você lembra dela? Na festinha que eu levei ela pra cumprimentar vocês. Então é super minha mãe, sabe, querendo ou não ela me passa uma, me passa, me passava porque ela não vai deixar eu nem chegar próximo dela, mas eu creio que um dia eu poderei ver ela de novo. Eu quero ver se volto lá pro hospital, que eu não vou ter pra onde ir. O tempo reconstitui danos irreparáveis.

Pesquisadora: Verdade, e o que te levou a cometer esse ato violento?

Entrevistado 3: Ameaçar ela com a vassoura?

Pesquisadora: Isso, tudo que você me relatou.

Entrevistado 3: Foi a dor que eu tava no coração de ver quem tava batendo na janela na casa da minha mãe e não se apresentava. Pensei que tinha sido ela que tinha feito aquilo ali. Mas eu tô até hoje querendo sabe quem foi que bateu na minha janela, na janela do meu quarto, e não consigo entender quem foi. Foi o vizinho? Tinha barulho de gato do lado, e o gato fazia o barulho (imita o barulho), fazia e eu tava na rua e ficando irritado “quem é que tá aí?”, e a minha mãe tava no Ribeirão da Ilha, tava próximo. Aí ligaram pra ela e disseram que eu tava quebrando a casa toda.

Pesquisadora: Entendi, e tu podes me descrever como ela é?

Entrevistado 3: A minha mãe é uma pessoa super extrovertida, é, minha mãe é tudo pra mim, eu fico emocionado de falar da minha mãe. Não sendo, não sendo uma pessoa falsa, e nem, sabe nem, mentirosa assim, porque na verdade minha mãe ela é tudo, ela é uma guerreira sabe, é uma guerreira. E eu já por conta da droga, do descontrole, do querer dinheiro, sabe, pra usa droga. Já incomodei muito dentro de casa, já deixei ela muito estressada, eu, meus sobrinho, já deixamos ela muito estressada, por causa de dinheiro pra usar droga em festa. Ela trabalha, com 58 anos trabalhando, ela já podia ter se aposentado há três anos atrás, mais tá trabalhando ainda pra poder garantir um futuro melhor pra ela, né. Ela é super legal, minha mãe ela é, é como se fosse minha águia, ela é minha guardiã. Só que hoje, infelizmente eu perdi o contato com ela. Perdi o contato, mas creio que ainda vou voltar pelo menos a ter um contato com ela de novo, nem que daqui, nem que leve uns 50 anos pra isso. Mas eu creio que ela vai tá da mesma forma, com a mesma fisionomia, alegre, contente, motiva, emotiva a outra, ela me emotiva, toda vez que eu olho pra ela, ela me emotiva, porque ela é, é pra frente assim, sabe, eu não sinto raiva dela, eu sinto um brilho no olhar dela, eu vejo um brilho no olhar dela que me alegra e me contenta, porque ela sempre me ajudou em todas as fases da minha vida, tudo. Então tô meio assim triste por não tá podendo falar com ela, por isso. E eu incomodei muito ela, com negócio de droga, quando eu não tinha, quando eu não tinha nada, não tinha nada. Vamos supor na vida né, que hoje até tenho, tenho onde ficar, não preciso do dinheiro dela, que na verdade ela pega o dinheirinho que meu pai dá pra mim e pra ela, mas eu não vou pedir dinheiro nenhum, deixa ela fica com dinheirinho que é melhor pra ela, que ela trabalha tanto e, eu, eu, mas o que eu tava falando mesmo... Aonde nós ficávamos ela sempre se esforçou pra deixar, pra ter tudo dentro de casa né, deixar tudo dentro de casa, tudo perfeito, a geladeirinha, o fogãozinho, a mesa, a cozinha toda, a salinha, a bicicleta dela pra ela pedalar. Então ela é guerreira, minha

mãe ela não foi uma mulher que se deixou pra trás, até hoje ela trabalha ainda, então ela é muito legal. Creio eu que vou continuar tendo contato com ela assim, eu quero ter contato com ela todos os dias, mesmo que eu esteja lá na calçada, na rua ou lá numa mansão sabe, não importa, eu quero que ela esteja comigo num lugar bom, pra nós poder se ambientalizar e ficar junto.

Pesquisadora: Sim, agora vou fazer a última pergunta, tá bom? Você acha que a violência, ela é boa pra sociedade?

Entrevistado 3: Nem um pouco.

Pesquisadora: Por que?

Entrevistado 3: Nem um pouco, porque a violência gera um mal, um mal sentimento pro ser humano, gera rancor, gera sentimento ruim, sentimento ruim é preocupação, é tudo de ruim, né, então a violência não é boa pro ser humano, por nenhum ponto positivo.

Pesquisadora: Ok, muito obrigado por teres participado.

Entrevistado 4**Idade:** 42 anos.**Cor:** pardo.**Escolaridade:** Ensino Médio Completo**Profissão:** Motorista de Caminhão.**Vítima:** Companheira.**Agressão:** física**Pesquisadora:** Vamos começar então, Entrevistado 4 porque você tá aqui na Casa do Albergado?

Entrevistado 4: Eu tô aqui por causa duma briga que eu tive com a minha esposa, devido o álcool, eu tava alcoolizado, eu sou caminhoneiro, tenho três filhos e a gente se dá muito bem, só que ela não gosta que eu bebo. Não uso droga nenhuma, sou caminhoneiro né! E o que que acontece? Às vezes quando eu bebo, sempre tem alguma provocação, eu caio, eu acabo caindo na provocação, ela me xingando porque não gosta do cheiro da bebida, e não gosta que, que eu fique na rua até tarde nos bares, entendeu? Fico mais com os "amigos", né, entre aspas né, porque são amigos de copo e depois que eu vim preso tô aprendendo isso, né! E que acontece? O álcool foi o que motivou eu tá aqui. Hoje em dia eu to preso esse tempo todo, 36 dias. Mas o que eu penso é que estraga muito o lar e tem essas agressões é devido por motivação do álcool. Então nós na realidade nós não necessitamos de tá preso num local igual a esse, mais sim de uma ajuda psicológica tanto homem quanto a mulher. Lógico sou a favor da Lei Maria da Penha, o homem que agride, espanca a mulher ... eu sou a favor, né! Mas no meu caso, como no caso de outros que tão aí dentro, estavam trabalhando, inclusive eu tava com a carreta pra ir trabalhar no outro dia, né. Então o que acontece, a gente precisa de uma ajuda psicológica, tanto o casal, o casal em si, porque mais ou menos que a gente sabe aqui dentro, que a gente fica sabendo através de visita que é o seguinte o CREMV eles, ao invés, deles pegarem e tentar unir aquele casal eles tão tentando separar as famílias, ainda mais, eu, eu tenho filha pequena, tenho filho pequeno. Então o que acontece? O que na realidade a gente precisa? De ajuda, a gente precisa duma ajuda psicológica, entendeu? Que, às vezes, eu sou, sou dessa forma, eu trabalho na estrada fico trinta dias, quarenta dias às vezes fora. Então o que acontece? Às vezes uma discussãozinha, qualquer é o motivo que a gente vai sair, discutir. Pra não brigar a gente vai pro bar. Acaba acontecendo o que? Vai pro bar, conversa vai, conversa com o outro, às vezes nem, até pra não brigar com a esposa. Chega em casa, a esposa já tá de cara virada, às vezes não deixa entrar, que foi no meu caso não deixou eu entrar dentro de casa, eu pulei o muro aí fui tentar abrir a janela, ela com um pedaço de pau dentro de casa já me dando umas paulada, no caso eu apanhei e vim preso. Eu não agredi ela, não cheguei nem entrar dentro de casa, né! E o que que acontece nessa situação o homem acaba ficando vulnerável, porque o homem também é. Eu tenho comigo que o homem é mais vulnerável que a mulher, tem mulheres aqui de colegas que tão presos aqui, que elas fazem por vingança. Então eu acho que esse CREMV na realidade não deveria estimular a mulher pra poder prejudicar mais a gente, porque a gente só quer trabalhar e...

Pesquisadora: Estimular a mulher no que? PAREI AQUI

Entrevistado 4: Estimula a mulher a separar, estimula a mulher a sumir, igual agora eles têm um programa de, como é que eu posso dizer, um programa de abrigos, tirando aquela mulher e os filhos, do, na realidade daquele pai de família, porque as vezes um simples erro do pai de família pra corrigir é com uma psicóloga. Não, ela afastando a família, ela afastando a família, a situação fica pior, eu tô sofrendo, não vou mentir pra você, to sofrendo demais, então o que acontece pessoal do CREMV que é da defesa da

mulher, eles têm que pensar no nosso lado também, eles têm que pensar no nosso lado. Sabe?, eu não sou agressivo sem bebida.

Pesquisadora: Você pode me contar como é que foi no dia?

Entrevistado 4: Posso, a primeira vez eu fiquei preso em Curitiba três dias, eu levei ela, eu trabalho com uma carreta, aí eu levei ela e os meus três filhos pra poder viajar comigo e pra passar as férias comigo na estrada, aí eu fui pra Espirito Santo. Que que aconteceu? Quando eu cheguei e carreguei o caminhão lá, e vim até Curitiba porque eu ia descarregar no outro dia. Eu tava no pátio da transportadora, só que ela começou a brigar que queria ir embora e, já era tarde da noite não tinha mais ônibus pra Florianópolis, falei pra ela: “XX (companheira) amanhã eu vou descarregar um caminhão, eu desengato o caminhão e eu te levo na rodoviária”. Ela, por ser muito braba: “não porque eu vou embora agora, porque eu não vou dormir aqui no caminhão” eu falei: “pô, mas você tá dormindo já tem oito dias que você tá dormindo no caminhão, aguarda um pouquinho que amanhã eu te levo, vou descarregar e levo você”. Aí ela começou a brigar. Eu, pra mim não ficar mais bravo, fui pro bar próximo da transportadora. Ali eu bebi, bebi, bebi, bebi e falei: “acho que agora ela tá mais calma”. Peguei fui pro caminhão, nessa que eu fui pro caminhão ela já tava jogando as roupas de viagem, as mochila tudo pra fora do caminhão e, eu falando pra ela: “amor para com isso”, que eu chamo ela de amor, “amor para com isso, dorme mais uma noite no caminhão”, “eu não vou, não vou dormir mais no caminhão”. Eu falei, “mas preta, tá todo mundo bem, a gente acabamos de jantar, a gente tá bem” “não eu não vou, não vou”, nisso ela queria descer meus filhos do caminhão, peguei e fechei a porta do caminhão e fui conversa com ela, e ela já com mochila nas costas. Eu peguei fui tomar a mochila dela, e ela me chutando, me chutando, puxando a mochila, o guarda do posto lá de combustível, onde a gente guarda os caminhões, ele viu de longe, pra ele eu tava agredindo ela, aí foi quando ele pegou e ligou pra polícia militar, nisso eu tomei a mochila dela e ela subiu correndo pro posto, e eu to dentro do caminhão com meus filhos, só que o segurança já tinha visto que eu tava puxando a mochila e ela me chutando, só que eu não cheguei agredir, dar soco nela, muito pelo contrário eu que tomei, que ela é bem maior que eu. Então nisso daí, ô Amália, os policiais vieram e outra, Maria da Penha os policiais não chegam e perguntam o motivo, quando é Maria da Penha fala: “ah! não é o homem que tá errado”, entendeu? Lógico eu não to transferindo a culpa pra ela, os dois tem parcela de culpa, então que que acontece o policial falou: “é que você tá agredindo sua esposa”, falei: “ô polícia, tô dentro do caminhão com meus filhos”, “ah! desce aí pra gente conversa seu VAGABUNDO”. Aí eu desci, nisso ela desceu de volta, aí falei: “fala pros polícia, preta, que eu não, não tô te agredindo”. Aí o polícia “cala a boca se não vou da um tapa na sua cara, você duvida?” aí eu falei: “é com você mesmo” nessa que eu falei é com você mesmo na frente dos meus filhos ele foi e meu deu um tapa no rosto, e eu peguei, foi automático, eu agredi ele também porque eu tava ALCOOLIZADO, entendeu. Aí eles me jogaram essa Maria da Penha, uma lesão corporal sobre os policiais, e colocaram que eu tinha agredido meu enteado. Meu enteado me chama de pai, meu enteado é tudo que eu tenho, que é o mais velho de 14 anos, aí eu tenho um de 8 anos e uma de 5 anos com ela. Só que me deram a Medida Protetiva e eu não sabia, e eu fiquei preso 3 dias. Ela foi na delegacia lá de Curitiba, e os polícia, as policiais femininas só INCENTIVANDO a ela me prejudicar, ela falou: “não, é meu marido, não vou deixar meu marido preso”, fiquei três dias. Conclusão, ela pegou voltou pro caminhão, dormiu no caminhão, e eu fui preso, se ela tivesse me ouvido a hora que eu falei pra ela dormir no caminhão e outro dia ir embora, tudo bem, ela foi embora no outro dia, 5 hora da tarde. E eu preso, com esse processo nas costas. Beleza, saí da delegacia fui pra transportadora, aí meu patrão falou “ô desce

deixa o caminhão aqui, desce vai descansar sua cabeça que cê não tá bem”. Eu to aí desde novembro em casa, indo viajar, voltando. E a gente indo no mercado, eu tinha ido no mercado no sábado que fui preso, a gente tava até comemorando que ela tava grávida de gêmeos, a gente até comemorando e tudo, só que ela começou a brigar comigo, falei "ah! vou pro bar, vou conversar com o pessoal" e acabei bebendo, e eu excedi o horário, me esqueci do horário. Aí, cheguei, ela tirou minha chave no portão e falou: “você não vai entrar”, falei: “ah! eu vou, porque eu vou fazer o churrasco amanhã pras crianças e vou na segunda-feira, eu vou viajar, vou ficar dois/três meses fora. Aí pulei o muro, nessa que eu pulei o muro, ela pegou e trancou a porta. Eu fui abrir a janela do meu quarto e ela já tava com pedaço de pau me agredindo. Ela já tava com pedaço de pau me agredindo. Nessa que ela começou a fazer barulho das pauladas e tudo, nas janelas, ela quebrando vidro e tudo, os vizinho já tinham chamado a polícia militar. Ela, nervosa, acabou falando coisas que não aconteceu. Inclusive, eu sei disso, que ela já mandou recado pra mim por outra visita, que ela tá muito arrependida, né! E o que o CREMV faz na realidade não é unir as famílias, eles tão separando cada vez mais. E eu penso assim, que o CREMV, eles primeiro tem que fazer uma pesquisa ou uma investigação social da vida do casal, não já pegar e ir tirando filho, esposa.

Pesquisadora: Ela procurou o CREMV?

Entrevistado 4: O CREMV procurou ela, e ela já falou que ela não quer, não, que ela falou assim: “eu não quero prejudicar meu marido, é o pai dos meus filhos” que a vizinha me passa tudo, que vem visitar o esposo dela que tá aqui, aliás o filho dela que tá aqui, aí ela me passa aqui.

Pesquisadora: Entrevistado 4, pensando em toda a história que você me contou, você acha que cometeu algum ato de violência doméstica contra a mulher?

Entrevistado 4: Eu da, da minha forma de pensar hoje, hoje eu cometi sim, porque da hora que ela falou que não era pra mim ter ido pro bar, eu deveria ter ouvido, o álcool é uma violência contra a mulher, porque o álcool que motiva as brigas, da minha parte, porque eu não uso droga, então o álcool que motiva, então esses casais é o seguinte eles tem que ter uma ajuda do CREMV, não o CREMV separar os casais, porque ó o tanto, o que eles tão fazendo, ó o tanto de criança que vai ficar com pai longe, sem o pai assisti o crescimento da criança.

Pesquisadora: Está bem, e você pode me descrever a sua esposa?

Entrevistado 4: A XX é uma mulher maravilhosa, trabalhadeira, honesta, brava, porém brava, mas é uma mulher que me completa em tudo. Ela tem os problemas dela também, perdeu a mãe, perdeu o pai, praticamente quase na mesma época, né. É uma mulher, é uma super mulher.

Pesquisadora: Como é ser uma super mulher?

Entrevistado 4: Ela me ajuda em tudo, é uma mulher que, ela me completa tanto na parte sentimental, como mãe, esposa, é que nem eu te falei o que motiva as brigas são o nervosismo dela, os problemas dela, toma calmante, hoje em dia ela tá doente andando de muleta, ela tá com problema no tendão, que é, acho que é "tendinite plantar" que fala, e ela tá andando de muleta e essa doença não tem cura, quando a gente brigou eu tinha comprado a muleta fazia uma semana, e eu ainda peguei falei pra ela: “olha, XX o que cê tá fazendo comigo”, só que a mulher, os 5 minuto da mulher ela põe uma vida a perder, porque a mulher age no impulso da situação, do nervosismo, do ódio, quando vai esfriar os ânimos vai ver o que aconteceu, aí já tá arrependida. Eu to arrependido também de ter bebido, eu to lendo agora o livro “Casamento Blindado” aí tem uma parte desse livro que fala muito sobre que quando a gente casa, a gente carrega uma bagagem junto, uma mochila, então dentro dessa mochila a gente tem um casaco com tudo, com os problemas, passado, vem tudo junto.

Pesquisadora: Você acha que a violência cumpre um papel positivo no convívio social?

Entrevistado 4: Não cumpre um papel positivo de forma alguma, porque eu acho que a partir do momento que você casa, que você quer uma companheira, você não deve tirar ela do, dos braços dos pais pra poder judiar, pra poder maltratar, eu não acho isso correto. Porém sim, é que nem eu tava falando pra você, eu acho que muitos casais precisam de ajuda, igual esse livro que tô lendo, que te falei, tá me ajudando bastante a entender o outro lado também, porque não é só a gente trabalhar e colocar comida dentro de casa, a gente tem que começa a prestar atenção na pessoa que tá do nosso lado, às vezes ela tá nervosa. O que acontece, vamo procurar saber aonde que tá o problema, o foco daquele nervosismo, não ir pro bar que bem eu fiz, e chegar em casa e complicar mais as coisas, entendeu? Hoje em dia tô num lugar desse devido eu não ter uma certa compreensão, entendeu?

Pesquisadora: Sim, queres falar mais alguma coisa, para podermos encerrar?

Entrevistado 4: É que nem eu digo, o correto é o CREMIV também dar um acompanhamento pros esposos, que nem todos esposos são agressivos, é no dia a dia, às vezes é algum transtorno que tem, algum problema que tem, familiar, entendeu? Não pensar só no lado da mulher e, também, procurar às vezes não generalizar aquele que deu facada na mulher, aquele que agrediu a mulher, muitas das vezes só pelo fato de ter xingado ou ter feito uma ação meio violenta já vem pra um lugar desse, entendeu. Então eu acho que um acompanhamento psicológico principalmente ajuda, entendeu.

Pesquisadora: Sim, quero agradecer pela sua participação Entrevistado 4. Vamos encerrar.

Entrevistado 5**Idade:** 38 anos.**Cor:** branco**Escolaridade:** Ensino Médio Incompleto.**Profissão:** jardineiro.**Vítima:** EX- Companheira**Agressão:** Física.

Pesquisadora: Vamos começar então, você pode me contar porque esta aqui na Casa do Albergado?

Entrevistado 5: Quebra de Medida Protetiva.

Pesquisadora: E o que aconteceu pra tu teres esta Medida Protetiva?

Entrevistado 5: Foi o ano passado tá, que eu tive uma discussão que gerou uma briga com a minha ex mulher. Foi em questão de eu ter dado uma bicicleta, duas bicicleta pro, pros filho dela, do primeiro casamento dela, que ela se separou e eu assumi né, então como era época de carnaval no ano passado e eu tinha dado essa bicicleta pra eles, eles pegaram, seis horas da manhã e foram brincar na rua, entendeu? E eu, pela minha preocupação pra eles não brinca na estrada por causa da época de carnaval, porque todo mundo bebe, eu pedi pra ele entrar, porque era de madrugada até então, seis hora da manhã, e eles não acataram a minha ordem, então eu peguei, eu falei pra eles “ó se vocês não entrarem eu vou furar o pneu da bicicleta pra vocês não andarem, porque é perigoso”, né, porque época de carnaval todo mundo bebe, e tu sabe que na estrada ninguém tem responsabilidade. E ela achou que tava falando, me excedendo demais pela minha ignorância, então ela pegou e deixou e, eu peguei o que eu fiz, executei o que eu tinha falado pra eles, furei o pneu da bicicleta para eles não andarem, né, tanto que claro que eu ia arrumar, entendeu? E ela pegou e não gostou daquilo que fiz, e jogou a bicicleta nas minhas costas, e eu revidei peguei a cadeira e joguei nela, né, porque eu tinha dito pra ela “ó a gente briga, se discute, mas o dia que tiver agressão física eu vou revidar da mesma forma que tu me agrediu”. E foi o que aconteceu, até então ficou por aquilo ali, ela chorou. Eu, também, me machuquei também e, e voltei pra cama, as crianças ficaram tudo na sala e dali ela pegou e chamou a polícia, quando eles chegaram eu tava deitado. É obvio que eu não vi ela chamando né, que se eu visse ela chamando eu não ia ficar ali. Eu ía pra casa da minha mãe até apaziguar as coisas, até abaixar a poeira. A polícia pegou e me prendeu. Como ela disse que fui eu que agredi, porque homem nunca tem razão do que fala né, primeiro elas, a mulher ta em primeiro lugar. Tudo bem, fui errado fui, não era pra ter revidado da mesma forma que ela, mas ali o subconsciente da gente não funciona, né. A gente sangue quente, a gente não pensa, até então, mesmo porque não foi a primeira agressão dela comigo, já tinha acontecido, e a minha foi a primeira, mais ela já tinha acontecido das outras vezes né, dentro do carro ela me agrediu, tacou o celular na minha cara. Aí ali eu fui detido. Aí agora eu tô aqui por quebra de Medida Protetiva, eu dei um celular pro meu filho de 4 ou 6 anos de idade. Então, eu peguei e falei pra ela assim é, como eu não queria manter contato com ela, eu pedi pra ela assim “eu vou comprar um celular pro meu filho e tu faz um *whatsapp* pra ele, pra quando eu quiser conversar eu vou conversar com ele” que eu não queria mais manter contato com ela, que eu já sabia que ela já tava com outra pessoa, né! Mas como já tinha essa quebra, essa Medida Protetiva de 100 metros, até então eu ia lá direto todo dia, né, ela ligava pra mim “ó vem aqui, as crianças querem te ver, tão com saudade tua”, tudo bem até então eu tava indo. Só que quando o rapaz tava

lá, ela não queria que eu me aproximasse justamente pra mim não saber que ela tava com outra pessoa, mas pra mim tudo bem né, eu tava indo por causa dos meus filhos. Aí eu peguei e falei pra ela “então vamos dar um basta, eu dou um celular pro meu filho e tu bota *whatsapp*, e quando eu quiser falar com eles eu ligo pra ti, ligo pra eles, e não tenho mais contato e nem relação contigo”. Até então ela aceitou, só que ela tava usando o celular do meu filho pra mandar mensagem pras pessoas, daí eu peguei eu falei pra ela assim “ó já que tu não tá usando o celular pros meus filho, então vou pegar o celular de volta”. Ela assim: “é, se tu aparece aqui eu chamo a polícia”. Falei assim “não, eu to indo aí pra buscar o celular do meu filho, que tu não tá, ele não tá usufruindo do celular, tu que tá usufruindo do celular, tanto que tá a tua foto no *whatsapp* e não a dele. E quando eu quiser liga que quero fala com eles e não contigo”. Ela assim: “não vem aqui que vou chamar a polícia”, até então eu tava consciente disso aí. Assim mesmo eu fui, né, buzei lá na frente, meus filhos vieram, ela olhou pela janela, viu que era eu, chamou a polícia. Mas porque ela chamou a polícia, ela chamou a polícia porque ela tava com o cara lá dentro e não queria que eu soubesse que o rapaz tava lá, e aí quando eu percebi a polícia já tava do meu lado, aí eles pediu pra mim ir lá dar explicação pro delegado, o delegado estipulou a fiança. Até então a gente não sabia que a gente tinha 24 horas pra pagar, essa fiança né, eu e minha mãe, a minha mãe foi junto comigo pra delegacia né, e...

Interrupção da gravação por causa de barulhos externos.

Pesquisadora: vamos continuar.

Entrevistado 5: então, eu cheguei lá na delegacia né, aí o delegado pegou disse que como eu fui pego em flagrante, mesmo porque eu não tava no quintal da casa dele, eu tava no quintal com meus filho. Aí ele pegou e falou que assim mesmo era flagrante, foi feito a quebra de Medida pela distancia que eu tava, que eu tava numa distância de 40 metro e foi estipulado 100, mesmo que ele falasse assim “ó mesmo que a gente puxasse uma trena e tu tivesse a 99, tu ia ser preso. A mesma coisa, porque é 100 metros, é a justiça que mandou, não é eu que to te prendendo é a justiça que tá te prendendo”. O delegado falou “a gente só tá acatando a ordem”. Foi estipulado a fiança, aí minha mãe pegou e falou assim “nós vamo entrar com advogado porque ele foi preso injustamente”. Não eu não fui preso injustamente por que eu sabia do que tava acontecendo, eu falei pra mãe “não mãe, eu não fui preso injustamente, eu sabia que ela ía chamar a polícia, eu só não sabia que o cara tava lá, que ela tava fazendo isso por causa do cara”, mas tudo bem.

Pesquisadora: Entendi, e de toda essa história que você me contou, você reconhece que cometeu algum ato de violência doméstica contra a mulher?

Entrevistado 5: Cometi, cometi. O ato de eu ter verbal, né, porque assim ó, apesar de tudo dela ser uma pessoa muito nervosa, que a mãe dela já, quando eu comecei a namorar com ela, a mãe dela falou que ela tinha um gênio muito forte, então, o primeiro marido dela já passou o mesmo trabalho que eu passei, em questão policial, porque tudo ela chama a polícia, né, e isso não vem ao caso porque eu não tive a paciência de suportar também. Eu fui errado mesmo, porque a gente se agredia verbalmente, e ali acabou o respeito. Depois de 1 ano de casado que ela começou a mostrar a pessoa que era ela, né. O fato de beber que eu gostava de tomar minha cerveja e em questão assim, ó, tudo é relacionado a bebida qualquer pessoa que tu for falar aqui, que for comentar, ele vai falar o que “a bebida a gente bebeu”, pode ter certeza ou “ah! eu tava drogado”, então quando eu tomava minha cerveja parecia que ela se manifestava...

Pesquisadora: Ela quem?

Entrevistado 5: a minha esposa, é isso por que? Porque ela via que ali era o meu ponto fraco, então ela usava aquilo ali como um álibi, pra que pra gerar briga e discussão,

muitas vezes, muitas vezes não, sempre fui errado porque eu chegava sempre num ponto de levantar a mão, sempre cheguei no ponto, porque, porque assim ó, ela tirava a gente do sério, muitas vezes fui na delegacia, muitas vezes liguei pra polícia “pessoal vocês não vêm?”, porque é coisa da mente dele. É coisa da cabeça dela, qualquer coisa ela chama a polícia”.

Pesquisadora: Você está dizendo que chegava ao ponto de levantar a mão, mas você agredia ela também?

Entrevistado 5: Só quando ela me agredia, ela me agredia várias vezes, né.

Pesquisadora: E você agrediu ela quantas vezes?

Entrevistado 5: duas vezes eu agredi ela, eu contei a primeira quando eu fui preso, mas depois ela pediu pra eu voltar pra ela. E teve uma nova agressão, que foi uma copada que ela me deu na testa, né, e eu devolvi o copo pra ela, eu tenho até a cicatriz, não sei se dá pra você ver, que eu levei ponto também. Então ali acabou o respeito, então assim o meu casamento foi feliz durante um ano.

Pesquisadora: O que te levou a cometer esses atos de violência?

Entrevistado 5: A paciência, ela acabou com a minha paciência, eu era uma pessoa passiva, eu não era uma pessoa estressada e nem nervosa.

Pesquisadora: O que ela fazia que tirava a sua paciência?

Entrevistado 5: Ah vamo supor, eu tava trabalhando, acabava um cigarro dela, o que aconteceu ela me ligava “se tu não traze o cigarro agora vou quebrar tudo, quando tu chega em casa tu vai vê” me ameaçava entendeu, tipo fatores assim. Então eu era obrigado a largar do meu serviço pra chegar em casa e não encontrar ela pior.

Pesquisadora: Era só a paciência que te levava a cometer o ato de violência ou tinha mais algum fator?

Entrevistado 5: sim, não, era só questão dela tirar a gente do serio né, por mínimas coisas. Quando eu bebia, era um motivo a mais pra ela querer entrar em conflito, porque quando ela me conheceu ela me conheceu tomando, a gente tomava junto, não que eu era viciado, tá. Eu não sou viciado, não uso droga, nunca usei na minha vida porque eu tenho esses meus problemas crônicos, desde pequeno. Não posso usar droga, não posso usar cigarro, tomar minha cerveja, eu tomo, né?! Quem é que não gosta de tomar uma cerveja final de semana, né?! Então ela achava que quando eu bebia eu me excedia demais, mas ela não percebia que era ela que fazia a gente se exceder, não vou dizer assim que eu to colocando a culpa nela né, não tô botando a culpa nela, tá, porque quando ela me conheceu ela me conheceu daquele jeito, entendeu.

Pesquisadora: Entendi, e você pode me descrever ela?

Entrevistado 5: Tipo assim, quando eu conheci ela, ela me demonstrava ser uma pessoa e depois ela mudou completamente. Hoje ela é uma pessoa hipócrita, que não soube dar valor o que eu construí pra ela. Eu perdi oito anos da minha vida batalhando por ela, se ela tem hoje o que ela tem foi por causa do meu esforço, tá?! Ela não deu valor pra aquilo ali, ela queria saber mais da família dela do que de mim, tá. Aonde eu moro, lá eu só tenho a minha mãe como família, então eu apostei tudo nela. E depois que eu dei um carro pra ela, porque ela não trabalha, ela só parava na casa da mãe dela. Eu sempre dei tudo do bom e do melhor, nunca foi preciso, como ela tinha meus filho então falei pra ela assim “deixa que eu seguro as pontas”. Que a desgraça da minha vida começou quando eu dei o carro pra ela e a carteira de motorista, que eu achei que eu dando pra ela eu não precisava tá toda hora ali, pra tá fazendo compra pra ela ou pra levar meu filho pro médico, pra da uma vacina, “poxa porque não, porque não vou dar um carro pra ela, por que não posso dar uma carteira, se eu posso fica mais livre do meu tempo pra mim, exercer minha função”, foi dali que começou a andar pra trás as coisas.

Pesquisadora: E você acha que a violência cumpre um papel positivo no convívio social?

Entrevistado 5: não, porque assim ó, como tu tá formando uma família, teus filho vendo aquilo ali, tu já tá dando um, um mal exemplo pros teus filho. Só o fato dos teu filhos vê uma discussão tua com a tua esposa, ou levantando a voz, aquilo ali já ta fazendo conflito pra mente deles, né?! Eles já vão se criar revoltado, então é o seguinte assim, eles podem mais pra frente tratar da mesma forma a mulher como eles escutavam lá em casa, a discussão a briga, entendeu?! Então isso aí não é um convívio bom, tá, em questão assim de um casal, porque teus filho tá vendo aquilo ali, briga, discussão, agressão. Então que, quer dizer “poxa, meu pai tá fazendo aquilo ali com a mãe, quando namorar com a guria eu vou fazer igual”. Então isso que eu digo pra ti, porque eu gosto de falar baixo, eu to falando alto porque você pediu, meu tom de voz é aquilo ali sereno. Não gosto, ela levantava muito alto a voz, a mãe dela diz que isso aí vem desde pequena. Ah! porque vem desde pequena, porque a família dela já era conturbada, tinha aquilo ali, já tinha conflito, era ela e sete irmão, briga e discussão, violência, droga, tudo em família. Então já existia conflito de chamar polícia toda hora, tráfico na casa da mãe dela, e eu não fui criado assim. Eu fui criado dentro do respeito. Minha mãe soube me educar, minha mãe nunca levantou um dedo comigo, nunca levantou a voz comigo, ela me chamava pro quarto, nós tinha, tipo eu assim sou filho único, então eu tinha canto da conversa, eu tinha até medo quando a mãe dizia assim “ó, vamo lá pro canto da conversa”, pronto a mãe vai me bate, então eu já vinha daquela educação, a mãe nunca levantou a voz pra mim, nunca levantou um dedo. Então eu fui criado assim, e peguei uma pessoa totalmente bipolar, que uma hora tava boa, que outra queria acabar comigo, e podia chamar a polícia, como aconteceu né?! Entendeu? Ela acordada boa de manhã, final da tarde acabou o cigarro dela, ela já tava estressada.

Pesquisadora: E você quer falar mais alguma coisa sobre tudo isso que conversamos?

Entrevistado 5: Assim ó, eu acho que, se eu to aqui hoje foi porque eu procurei, então eu acho assim, eu to ali dentro eu to refletindo. Não vou julgar ela se eu sair daqui, se ela quis dessa forma que fosse preso e ela ta achando que pra ela tá sendo bom assim, ótimo. Eu to ali refletindo e pensando no amanhã ser melhor pra mim, não tem porque eu questionar ela por que fez isso ou deixou de fazer. Ela seguiu a consciência dela. E to com a minha consciência limpa, porque eu não agredi ela verbalmente ou fisicamente. Eu acho assim, o mesmo trabalho que eu to passando, e que o ex-marido dela passou, antes de eu conhecer ela, eu acho que o próximo vai cair aqui também nas mesmas consequências então o que eu faço eu rezo a Deus que mude a mentalidade dela, essa é minha posição.

Pesquisadora: Ok, então vamos finalizar. Obrigado pela sua participação.

Entrevistado 6**Idade:** 29 anos.**Cor:** Negro**Escolaridade:** Ensino Médio Completo.**Profissão:** Faxineiro.**Vítima:** Ex-companheira.**Agressão:** Física.**Pesquisadora:** Vamos começar, a primeira pergunta é porque você está aqui?**Entrevistado 6:** Eu estou aqui é, to sendo acusado de, de, como que se fala ? Desse negócio, violência contra a mulher mesmo, é uma acusação.**Pesquisadora:** Mas o que aconteceu?**Entrevistado 6:** ah é uma acusação que, na real eu tava trabalhando, daí a policia chegou e me prenderam, aí não me falaram nada, eu pedi pro delegado “porque eu to sendo preso”, ele falou “quando chegar na delegacia eu vou saber”, aí só quando eu vim saber, só quando eu cheguei aqui. Na delegacia não falaram nada o cara tava entrevistando umas coisas, que eu nem sabia de fato que eu tinha uma Medida Protetiva contra a mulher que eu tava. A Medida Protetiva eu já tava cumprindo conforme a lei, só que de repente um fato assim, ela foi lá, acho que, não sei o que ela fez, eles chegaram me prenderam, me trouxeram pra cá.**Pesquisadora:** Tá, mas o que aconteceu para você ter essa Medida Protetiva?**Entrevistado 6:** A Medida Protetiva foi porque ela tava trabalhando comigo, ela trabalhava comigo, eu tenho uma loja, ela era funcionária e minha esposa, só que o que aconteceu, daí eu perdi um dinheiro da minha loja, daí o que que eu fiz, a única pessoa que tinha acesso no negócio lá da loja era só ela, não tinha mais ninguém, a outra funcionária cumpria com horário, tudo certo. Aí eu fui fazer as pergunta pra ela, aí eu rescindi o contrato com ela pra mandar embora. Daí ela achou ruim, quando ela achou ruim ela me mandou... Ela de repente depois, uma semana depois, ela falou que tava grávida, aí falei “se você tiver grávida, você fica em casa, naquela casa que eu continuou pagando aluguel pra você, você pode continuar ali”; aí como eu trabalho, eu tenho uma empresa, mas eu trabalho em outra empresa também, como gerente de outra empresa, daí num mercado, aí eu falei pra ela “aí você fica lá, aí eu pago aluguel pra você”. Aí o que ela fez quando eu fui atrás do dinheiro que ela pegou na loja, quando eu fui atrás desse dinheiro que que ela fez, ela se jogou no chão e rasgou a roupa dela tudo, tudo, me acusou, aí ela se jogou no chão, rasgou a roupa dela tudo, tudo, tudo, aí eu achei que ela tava passando mal, eu parei um carro da polícia pedindo ajuda pra ela, aí assim que ela viu o carro da polícia ela falou “o meu marido me bateu”, assim ela falou, aí achei engraçado, eu sorri mesmo, porque eu achei muito engraçado o negócio lá. Que que eu fiz? Aí eu chamei o, o carro da polícia viu que ela tava se fingindo mesmo e eles pegaram e foram embora. Depois, aí eu já vi dois vizinho passando lá, não é vizinho é pessoal da rua, pedi pra eles pegar e ligar pro SAMU, daí ligaram, ligaram pro SAMU,. O SAMU veio, viu que não tinha nada e foram embora. Daí no mesmo dia ela já sabia, planejava que eu ía ser preso. Ela foi na delegacia registrou um Boletim de Ocorrência. Quando ela foi, aí me mandaram uma mensagem pro meu celular, o delegado mandou, disse quem foi que tinha Medida Protetiva um monte de coisa. Eu falei então tá bem, ele falou que se eu cumprir com aquilo que tá sendo pedido, eu falei então tá. Aí ela falou que tava grávida, e como ela se jogou na calçada fez tudo aquele negócio lá, um mês depois, eu acho que foi um, dois mês depois foi aí, ela perdeu o neném, aí ela acusou falou que fui eu, eu tava sendo acusado de umas coisa que não acontecia, fato. Mas, graças a Deus agora tá conseguindo ver tudo, tem imagem que tá ajudando nessas coisa,

aí um negócio que eu sei que não fiz, aí to pagando por um negócio, e eu nunca fui preso na minha vida, eu tô sendo preso por essas coisas.

Pesquisadora: Vocês eram casados?

Entrevistado 6: Eu não era casado, aí eu arrumei. Eu tava solteiro, tinha acabado de me separar, . Eu tinha mulher lá do Haiti, também. Ela tava estudando na UFSC, ela tava estudando enfermagem, não era na UFSC era na Estácio. Daí a gente se separou e essa menina que me acusou tava trabalhando comigo, daí deu a ideia, era minha funcionária, aí eu acabei errando, eu errei em fazer coisa que não era pra ter feito, casa com ela, aluguei, morava junto, mas depois eu sai de casa, não tava mais na casa, o comportamento dela na casa não tava sendo bem.

Pesquisadora: Por que o comportamento dela não tava bom?

Entrevistado 6: Porque começou de um jeito, depois mudou de outra forma, não tava mais sendo daquele jeito que tava sendo, tipo cumprir com as ..., ela não tava cumprindo com as ..., Ah! era igual tipo, você chegava em casa os primeiros dois mês assim, era comida na mesa, essas coisas, daí depois não foi aquilo que você começou, daí não tava me agradando. Daí eu saí fora, no caso tava me separando. Aí o que que eu fiz? Eu morava na casa e peguei minhas coisa, saí na boa sem briga e botei no meu estabelecimento comercial a minha roupa, as únicas coisas que eu tinha. Ela achou ruim, quis me acusar de todas essas coisa aí que. Ah! Eu trabalho, ela tava de olho nas coisa que eu tinha, não era de olho na beleza, que beleza eu não tenho nada de beleza, é de olho no meu dinheiro.

Pesquisadora: Entrevistado 6, de toda essa história que você me contou, você acha que cometesse algum ato de violência doméstica contra a mulher?

Entrevistado 6: O erro que eu cometi, acho que ter ido atrás dela sobre o dinheiro, se eu soubesse que isso poderia chegar até aqui, eu deixaria pra trás. Porque o dinheiro quem faz é eu, eu trabalho na minha empresa, e trabalho em dois serviço, eu acordo 5h. da manhã todo dia, vou trabalhar e só chego em casa meia noite, uma hora da manhã.

Pesquisadora: Ok, e você pode me descrever ela?

Entrevistado 6: ah! ela é uma pessoa, quando eu conheci ela, ela era uma pessoa bacana, muito bom de viver assim, tinha tudo que um homem uma vez precisava, tipo o que precisava, as vezes você...

Pesquisadora: O que é que um homem precisa?

Entrevistado 6: Um homem precisa de uma mulher, tipo, você cuida de mim e eu cuido de você, você precisa de uma pessoa que cuide de você, uma convivência boa, né?! Às vezes, a pessoa acaba quebrando sua confiança, daí aquilo que você pensava dela vira ao contrário. Que ah!, a mulher é tudo pra o homem. Que nem eu que trabalhava, se ela tivesse cuidando das minhas coisa, ela ía ser a pessoa que eu só confiava, eu confiava nela, ela quebrou minha confiança quando tipo, deu todo aquele rolo, por causa de dinheiro, vamos dizer, por causa de dinheiro, senão eu, eu já tava planejando me casar com ela, eu tinha pouco tempo com ela, até em casa, eu tava pensando, aí de repente aconteceu isso.

Pesquisadora: Está certo entrevistado, agora eu vou fazer a última pergunta, você acha que a violência é boa para a sociedade?

Entrevistado 6: A violência é boa? Eu não posso falar se é boa ou se é ruim porque ... que faz a ..., porque a violência não é boa pra sociedade, porque é assim, tipo, às vezes eu fico assistindo televisão, eu vejo violência que passa na televisão nas coisas que eu assisti, daí eu acho ruim assim, porque tem muitas mulheres que tá sendo violada aqui no Brasil, assisto programa daqui memo. Eu não sou, porque eu não posso julgar ninguém também, eu não sei o que a pessoa fez, porque tá, porque, às vezes, eu mesmo se fosse investigado eu não estaria aqui, porque se chegasse ir até perguntar pro vizinho

que foi que aconteceu, essas coisa assim, ia ver tudo o que ela inventou lá, ía ser tudo mentira. Que eu acho injusto, você prende uma pessoa, eu não tenho passagem pela polícia, não tenho nada, nunca fiz nada de errado, eu fui acusado de uma coisa que não fiz e tô aqui e não sei se eu perdi meu trabalho, não sei nada, só me prenderam e me trouxeram pra cá.

Pesquisadora: E você quer me falar mais alguma coisa sobre tudo isso que a gente conversou?

Entrevistado 6: não, você que sabe, as perguntas.

Pesquisadora: as perguntas já encerraram.

Entrevistado 6: ah as perguntas já encerraram, então é só isso memo, pode encerrar então.

Pesquisadora: então tá bom, obrigado por participar.

Entrevistado 7**Idade:** 55 anos**Cor:** Negro**Escolaridade:** Ensino Superior Incompleto (Gastronomia)**Profissão:** Aposentado**Vítima:** Companheira**Agressão:** Cárcere Privado.

Pesquisadora: A minha primeira pergunta é por que o senhor tá aqui na Casa do Albergado?

Entrevistado 7: É, é, numa causa de incompreensão, eu digo no sentido de, do que foi o porquê de estar aqui, foi rezado que eu mantinha minha esposa como cárcere privado, eu sou um pastor, eu pastoreio, eu sou da Adventista do Sétimo Dia, e nós tínhamos uma vida muito intensa, muita ativa, muito social, e não sei como foi rezado esse, esse cárcere privado, como eles conseguiram incluir desse sentindo. A minha esposa, ela tem uma idade acima da minha, ela tá com 76 anos de idade, 77 anos de idade, que eu to com 56. Então ocorre que ela, também, tem uma condição financeira bem mais elevada que a minha, e nós tínhamos uma vida assim muito ativa os dois. Acontece que a família por parte dela não concebia esse conceito de relação. Eu creio que é uma sociedade um tanto medíocre porque nos dias atuais a mulher busca tanto a liberdade, o conceito de independência, de voz ativa. E, no entanto, no nosso caso foi uma questão de agressão, agressão aos direitos, aos princípios que ela tinha como melhor pra vida dela. E nós fomos assim atropelados sabe, porque os filhos não receberam, não recebiam bem o nosso relacionamento. O filho dela mais novo tá com 41 ano de idade, 46, eu tenho 9 anos de casado, casamos na, casamos no civil, casamos na igreja, batizamos, eles não recebem o evangelho também, não gostam do evangelho, não gostam da minha cor também, e como eu sou carioca. Eu sou uma pessoa que tenho uma opinião muito, muito taxativa no sentindo e vejo que a vida conjugal ela não constitui por conta dos dias maravilhosos que vivemos. O lugar onde morávamos era um apartamento de uso e frutos, entende, ela também tem uma condição financeira bem elevada do que a minha, então ela me mantinha no sentido de nós administrar a vida de acordo com o que vivíamos né, e vivíamos uma vida muito intensa, e por esse apartamento ser de uso e fruto pesava essa questão, imaginavam-se que por ventura estivesse com ela só pra desfrutar da boa vida que ela pudesse me dar. E a bem da verdade eu tirei ela do salto 15 e coloquei na havaiana, e trouxe vida né, nós fazíamos arborismo, fazíamos trilha, fazíamos até o dia de hoje se permitirem que a gente volte, e foi muito impactante essa separação sabe, foi uma coisa muito chata. No dia 09 de maio houve uma visita indesejada por parte de um dos filhos dela, ele é homossexual então ele bala, bolava muito essa situação, não aceitava isso, impunha, impunha ela, sabe?! empenhava nela uma obrigação que a bem da verdade como sendo mãe, ela não tinha. Essa obrigação de sempre estar constante com eles, na bem da verdade eles não buscavam ela. Quando a conheci ela não saía de casa, quando a conheci ela reclamou milhões de vezes que ela mantinha alguns filhos e netos financeiramente e eles saíam pra viajar, pros seus afazeres e a bichinha ficava em casa sozinha, quando a conheci eu por ser muito dinâmico, nós começamos a pescar, eu tenho um barquinho de pesca, começamos a pescar, começamos a fazer trilha, fazer arborismos, subir nas árvores, sabe andar 45 metros de altura, acharam que isso era uma loucura.

Pesquisadora: Sim, mas o senhor pode me contar como foi o momento que o trouxe pra cá?

Entrevistado 7: Foi muito chocante, o filho dela compareceu reclamando da ausência, porque toda a vez que eles ligaram, ela por não ter muito acesso a esse conceito de internet. E, também, por não aceitar, porque todas as festas que existiam de familiar e nós comparecíamos, por parte dela, eu tenho também a minha parte familiar que aceitou ela maravilhosamente bem, veio pessoas do Rio, eu tenho uma filha de 32 anos que é casada com um promotor de justiça que trabalha na Secretaria de Segurança. Eles não souberam de nada só depois de dois meses que eu estava aqui, que eu permiti que o advogado viesse a contato porque é um particular meu, sabe eu concedi. E eles também já estavam muito chateados, não conviviam mais comigo por saber do tratamento que davam, por não gostarem de negro, muitas das vezes nas festividades tavam uma turminha ali, por parte dos familiares deles, tava uma turminha ali e nós chegávamos e eu por ser carioca, ter esse meu trejeito muito social, chegava na turminha, daqui a pouquinho aquele grupinho se desfazia, ela observava de longe. Sabe, eu cozinheiro, sou chefe de cozinha, então eu procurava me encaixar sem que isso viesse afetá-la, viesse espingir nela, e por ter mais jogo de cintura nesse sentido, e eu não sabia mas ela tava observando isso com o tempo. Aí chegou um dia que foi muito gritante esse tipo de tratamento, sabe, no meio da festividade toda e eu chegar e os bolinho se abrirem e eu ficar tipo tudo isso acontecendo e, dando milho ao pombo. Ela chegou e “amor não quero participar dessas situações” e falei “mas porquê?” “eu senti, já tenho visto o tratamento que você tem tido e, recebe o meu filho que é homossexual com o caso dele, mas não recebe a minha pessoa que tem uma idade maior, uma condição financeira”. Isso seria mais acessível, mais aceitável se fosse um homem de maior idade com uma garotinha de 16, 20 anos, é uma sociedade burguesa, medíocre, sabe arcaica que, isso aí é favorável, no conceito da mulher buscar a igualdade dela e ter a opinião dela no dia de hoje, isso que eu ainda não entendo. E, o dia que o filho dela veio foi muito grotesco, porque eles tavam ligando constantemente, eles viam ligando constantemente e reclamando e eu por muitas das vezes falei “porque você não faz uma coisa cara, põem o carro, te deixo vocês marcam uma, pedi pra um dos seus filhos virem aqui, né, liga vem aqui, na portaria te apanhar, vocês saem, vão dar uma banda”. Eu incentivava isso. Aí ela “não, mas você tem que ir, porque você é casado comigo”, e eu “não amor, isso eles não vão aceitar” “bom então se eles não aceitam”, então ela foi criando esse ambiente sabe de, de afastamento e de anulação por parte deles, e eles de uma certa forma transportaram isso como se eu tivesse impedindo que ela tivesse acesso a eles. Não foi uma atitude dela, em parte dela por não nos receber, ela “bom, eu não sou viúva de marido vivo”, ela desceu as águas, batizou no evangelho também, não sei se já falei. E eles não recebiam essa situação, não recebiam por ela ser evangélica, por começar a ater uma vida totalmente com, por parte dela mesmo, deliberação dela, não foi nada imposto. E eles não recebiam isso, e alguma das vezes umas das irmãs dela tava ligando e dizendo que tinha tido sonhos dizendo que ela tava sendo sufocada, que ela tava sendo impedida de sair, de ter acesso a tudo, e ela desligava o celular, muitas das vezes. Amália, eu apanhava o celular escondido dela, fazia a ligação e deixava, aí daqui a pouquinho, quando eu via que ia atender dizia “ó amor tão ligando pra ti”, aí ela “quem é”, falei “não sei, vê aí”, aí deixava no viva voz, ela “quem é, quem ligou”, eu “fala, fala”, e ela “não, não vou falar”, incentivando que ela voltasse a ter essa relação com eles, porque eu sabia que isso ia me trazer um certo problema. Falava “isso vai me trazer problema cara, você tá cortando relação com eles” e era um conflito constante porque muitas das vezes ligavam, ligavam já agredindo, agredindo “porque você não tem mais vida, porque agora depois que você casou fica essa constância” porque a gente é muito agarrado. A gente é muito agarrado em tudo que nós fossemos fazer, fazíamos sempre juntos, sabe eu moro ali no bairro Bom Abrigo, todos nos conhecem, é eu, ela, e

nosso cachorro, o cachorro leão, que eu toso ele e deixo com aquela juba imensa, então todos nos conhecem, Bom Abrigo, Coqueiros, Kobrasol, a gente roda muito aquilo tudo, e rodamos muito a pé, deixa o carro e vamos andar, eu gosto de vida, e eu dei isso, eu corto o cabelo dela, eu pinto o cabelo dela, eu faço a unha dela, eu cozinho em casa. Então eu sou muito em casa, isso é um princípio que tenho da minha criação. O que ocorre que foi ocorrendo isso, um certo dia o filho dela chegou lá, chegou no condomínio, pediu para que a portaria não avisasse e ligou, ligou pra lá, bom daí eu pedi pra que ela atendesse, ela falou “não vou atender”, eu falei “atende”, ela foi atender o interfone ela falou assim “olha tô com visita”. Ela não queria atender-lo, esse é o homossexual, falei assim “olha para com isso, atende ele, deixa ele pelo menos vim aqui e falar o que ele quer contigo, pra que vocês possam resolver isso”. Eu já não tinha mais contato com eles e até evitei que isso ocorresse para que não criasse conflito e ela pudesse resolver essa situação. Só que não houve essa possibilidade, que quando, dia 09 de maio, foi quando ele chegou na porta, eu fui atender e falei assim “um momento” aí ela já veio, ela passou e foi atender-lo pelo lado de fora, ela saiu e fechou a porta, aí eu fui pra cozinha que eu tava fazendo comida. Fui pra cozinha tava fazendo comida. Comecei a escutar uma discussão no corredor do prédio, e uma discussão bem calorosa ela “eu não vou, não vou” ele “você tem que ir, você tem que ir”. Aí eu fui ver o que era, eu voltei abri a porta, tá ele tentando agarrar ela e puxar e ele tava com o caso dele, com companheiro dele, aí eu falei “gente que tá acontecendo aqui, justamente no corredor do apartamento, do prédio, vocês querem falar alguma coisa, pô entra e fala”, aí ele “não vou entrar”. Ele bem áspero, bem arrogante, tentou criar uma situação e ela no braço dele, eu falei assim ‘XX (nome do filho), por favor solta sua mãe” aí ele foi soltou. Ela entrou, correu e entrou pra dentro do apartamento, entrou e fechou a porta e eu fiquei com ele do lado de fora. Eu falei “XX, olha só a situação é a seguinte, não é dessa forma que você pode conseguir resolver essa situação”, “você não tem nada a ver com isso, ô seu crioulo”, eu falei “ô cara, eu não vou nem te dar atenção porque você já tá caindo pra um campo que não convém” e eu pastoreio, sabe. Isso seria um baque muito grande pra um conceito de sociedade se eu tivesse que resolver alguma coisa com ele, e sabia que dentro do clima que ele estava a situação não estava legal. Eu falei assim “olha, não vou te dar confiança e tem uma coisa não vou te dar nem ouvidos cara, vou virar e deu” “isso não vai fica assim”, falei “bom pode ficar da maneira que você quiser, mas te dar confiança nesse momento eu não posso te dar, porque você tá muito áspide daquela condição toda” e procurei sair, e virei as costas e ele gritando, mas eu não observei. Depois que eu fui observar que o companheiro dele tava com celular, o companheiro dele tava gravando aquela conversa e filmando. Bom, entrei pra dentro de casa e perguntei “o que, que houve?”, “ele ía me levar obrigada, amor”, eu falei “levar pra onde?”, “eu notei que se eu fosse com ele, ele não ía voltar comigo”, eu falei “Nêem, mas você é mãe dele nêem”, “não, mas ele tava com mal intenção”, “que mal intenção?”, “eles tão querendo fazer alguma coisa de errada”. Eu falei “tudo bem”, aí eu voltei pra cozinha pra fazer a comida, tô fazendo comida daqui a pouquinho batem na porta, sem interfone novamente, aí ela “é ele novamente”, “então, por favor vai atender sem confusão”, “eu não vou abrir a porta”, aí bateram novamente, eu falei assim “por favor nêem, vai abrir a porta pra evitar de confusão”, aí eu falei “por favor, quem é?”, “é a Polícia”, ah! quando foi abrir a porta era a polícia militar, mas tinha muito policiais, tinha muitos policiais, aí falei assim “gente que tá acontecendo?”, cara com escudo tudo, “mão na cabeça, mão na cabeça, cadê a arma?” E eu pastoriano cara, eu pastor da Adventista “mas que tipo de arma?” Eu dou conferência, falei assim “gente olha só tá tendo um equívoco aqui”, “não, não, pra trás, pra trás”, falei assim “que pra trás, vocês não vão entrar dentro de casa sem um mandato” aí quando eu olho ele tá ali atrás com o

caso dele “eu falei que ía voltar”. “Cara com sua mãe, uma mulher de 76 ano de idade, cara, acorda, olha a sandice que você tá entrando, tu tá viajando cara, isso é um ataque de “peti” teu, neovegetativo, tu tá fazendo um problema sério”. Aí a mãe dele começou a discutir com ele naquela condição, aí eu abri a porta e deixei que eles entrassem, quando eles entraram e viram na parede um monte de medalhas, retratos “vem cá o que, que o senhor é”, aí viram em cima da estante que eu leio muito, estudo muito, “eu sou pastor da adventista, cara,” “não que tá havendo aqui, que tem uma denúncia aqui, de cárcere privado”, “como cárcere privado?, vocês tão vendo a minha esposa aqui, o que tá acontecendo é que ela não quer atender os filhos, eles tão tentando invadir a nossa vida de forma arcaica, grotesca e diabólica, e isso aí não tá legal”, “então vamos ter que vê o que tá tendo de errado”, mas a gente já tava reparando que até os vizinhos estavam parando de falar conosco. O que nós descobrimos é que eles estavam vindo escondido, arrombaram, tinham conseguido uma chave mista, a gente chegava em casa e sentia que tinha umas coisas mexidas, aí levantamos a suspeita, tem alguém entrando em casa, ela disse “só pode ser meus filhos”, aí começamos a observar, é, mas os policiais saíram e foram procurar em cada apartamento sobre a nossa vida, vida de 9 anos conjugal. Cara, aí passou-se tempo e voltando o tenente dizendo que iam registrar a queixa de agressão do lar e a gente tinha que acompanhar eles, falei “mas que agressão”, “é que os vizinhos tão falando que existe muita gritaria, muita agressão”, falei “gente isso não existe” foi uma confusão, aí saímos e viemos na Delegacia da Agrônômica, não da Trindade. Chegamos ali os filhos dela já estavam dando depoimento, e nós fomos os últimos eu e ela, mas deu pra ouvir da sala que eles estavam dando depoimento, e nós escutamos coisas horríveis, que eu era um psicopata. Então conclusão, quando demos nosso depoimento ela falou que isso tudo não era pela relação, mas sim pelo capitalismo, pelo conceito do capitalismo, aí não conseguiram me prender. Aí, dia 21 de julho, nós estamos em casa tranquilamente, em paz, numa boa, eu novamente fazendo comida e aquela coisa toda, e de repente a porta bate, “bom, bom, bom” uma pancada horrível, eu fui na porta “abre, abre é a policia” aí eu abri a porta, entrou aquela quantidade de polícia, entrou de arma na mão, ela partiu pra dentro deles na agressão, eu tive que tirar ela, eu tive que tirar minha esposa de cima dos policiais, que ela não queria que eu viesse. Ela chorava, mas chorava, cara aquilo ali foi horrível foi a pior coisa da minha vida. Aí eles falaram que tinham um mandato por eu trazê-la em cárcere privado, ela “como, nunca aconteceu” ela mesmo gritando, e não deu de nada, e eu to aqui até hoje, aí parece que tão querendo interdita-la, aí o que eu compreendo essa busca pela igualdade, do poder da mulher, cadê? Cadê no momento que ela tem direito de fazer valer o direito dela como mulher, independente de idade, cara. Sabe, eu acho uma sacanagem muito grande, eu não sei que tipo de “Maria” é essa que impede que as mais “Marias” também tenha sua opinião. Eu acho que é uma lei que tá bifurcada, equivocada do conceito do que é mulher, se a mulher tem direito de decidir, porque não deu pra minha mulher, minha esposa a minha companheira, a bichinha veio aqui me trazer umas coisinhas e não permitiram nem que ela entrasse.

Pesquisadora: Entendi, mas vamos continuar com as perguntas, o senhor reconhece que cometeu algum ato de violência doméstica contra a mulher?

Entrevistado 7: Não, não, por que eu nunca fiz nada, sempre fiquei ao lado dela, como eu falei pra você, eu to a, 90, 97 dias fazendo hoje sem ter acesso a minha esposa, e nem posso por que foi proibido, agora por quê? Porque nós tivemos uma vida onde, poxa, o homem é fiel a uma mulher, a mulher é fiel ao homem e tem o compromisso de viver uma vida conjunta, em comum acordo, ah por conta de que, cara, de opiniões alheias.

Pesquisadora: E o senhor pode me descrever ela?

Entrevistado 7: Ah, a minha gata é muito gata, ela é linda, eu sinto muito a falta dela, cara.

Pesquisadora: O senhor gostaria de falar algo a mais sobre ela?

Entrevistado 7: desculpa, eu fico emocionado, prefiro não falar.

Pesquisadora: Tudo bem, então a última pergunta, o senhor acha que a violência cumpre um papel positivo na sociedade?

Entrevistado 7: Nunca, por que não é o caminho, não é o meio, eu vejo que algumas das vezes, porque eu tenho uma expressão muito forte, a minha voz é muito tonativa e em algumas das discussões que eu tive com ela, deve ter dado acesso algumas expressões, eu ficava muito chateado com ela “Nê, pelo amor de Deus” o telefone tocava ela pegava o celular, “cara, atende esse celular pelo amor de Deus, que isso vai me trazer problema”, mas ela não queria. Mas, não é o caminho, cara, você não tem surrar pra chegar, que você tenha que ter a compreensão de uma pessoa, você não conduz ninguém a uma compreensão, hoje eu compreendo isso, é preferível você esperar o tempo certo de tentar levar algum a compreensão, do que num momento de loquencia sabe, eu penso assim, hoje eu penso dessa forma.

Pesquisadora: Está certo, obrigado por ter aceitado participar da entrevista.

Entrevistado 8**Idade:** 40 anos**Cor:** Branco**Escolaridade:** Ensino Fundamental Completo**Profissão:** Pedreiro**Vítima:** Companheira e ex-companheira.**Agressão:** Física**Pesquisadora:** Vamos começar, você pode me dizer porque está aqui?**Entrevistado 8:** Tô sendo condenado pela Lei Maria da Penha.**Pesquisadora:** Por que Entrevistado?**Entrevistado 8:** Na verdade assim, a, no meu ponto de vista, desde a primeira vez, não é a primeira vez que to aqui, essa é a segunda vez, e como diz o delegado que lavrou meu flagrante, todos maridos Maria da Penha são trabalhadores, e é verdade, não sei se é ou não. Ah! Eu bebi, na verdade foi, eu acho que pode ter acontecido com muita gente que a gente convive ali dentro acontece isso, “ah eu me incomodei, vou lá”, vamo supor assim a gente não é nenhum bicho de sete cabeça, mas muitas vez a bebida, muitas vez a droga, não julga, não, vamo supor, como eu posso dizer, não dá de te esconder e dizer que foi isso, mas acontece, ah tu bebe um gole aí, muitas vez tu discute com a tua senhora, muitas vez, aí acaba acontecendo esse tipo de coisa, tem gente que agride.**Pesquisadora:** Então por que você está aqui? O que aconteceu?**Entrevistado 8:** Então é isso que eu to te falando, eu bebi a gente discuti dessa primeira vez...**Pesquisadora:** Desculpe, discuti com quem?**Entrevistado 8:** Eu e minha mulher, eu e minha esposa, acabamos discutindo né, e depois não bêbado, mas sim tinha bebido, o meu enteado que tem acho que 14 anos se não me engano, senti direito de querer defender a mãe dele, por causa daquela discussão e veio querer me agredir, e eu por sinal, não to sendo hipócrita e muito menos mentiroso de te dize que eu bati ou não, ele tinha um arranhado no queixo, parece que um machucado no queixo e ela, ela ou ele tava dizendo que eu agredi e eu, sinceramente, não sei, não lembro, a verdade seria essa, tanto é que eu não fugi da ocorrência, fiquei na minha casa sentado esperando a polícia chegar. Fui preso em flagrante, tô respondendo esse processo de flagrante, porque eu acho que tem que ser pelo certo, se tu tais certo eu vou dizer pra ti, vou negar, vou, vou até o fim dizendo eu tô certo, se eu tiver errado vou dizer que tô errado, entendeu, é isso que to te falando. Foi o que, foi o que o depoimento que o delegado me perguntou: “o que aconteceu Entrevistado”

“aconteceu o seguinte foi assim, assim, assado, eu tinha bebido e acabou a gente discutindo, e acabou acontecendo o que aconteceu”. E aí chegou pra mim essa citação aí, que a gente tem que assinar, parece que ali tem o depoimento da vítima e eu até agora não vi pra saber se foi ou se não foi, entendeu.

Pesquisadora: Você disse que esta é a segunda vez que estas aqui...**Entrevistado 8:** É já, é a segunda vez, a primeira vez foi a mãe dos meus filhos. Eu fui casado acho que 16 anos, a gente tava separado e eu tava numa boa com ela, conversando, brincando tudo certinho e acabou dum dia que passei com eles numa boa, num domingo, acho que foi antes do carnaval e, foi a mesma coisa acabei bebendo, não sei o que me deu na cabeça e acabei indo lá na casa deles e incomodei, entendeu? Cheguei lá, pedi pra falar com meus filhos de novo, ela não aceitou, ela brigou, incomodei achando no direito de falar com eles, no fim eu fiz a cagada toda por causa de bebida, a verdade foi essa, mas sem agredi, sinceramente sem agredi, agredi nada,

em palavras, muitas vezes né, tipo assim não adiante, vamo supor “ah ladrão” se eu não sei se o cara roubou como é que eu vou chama o cara de ladrão, “ah o cara é vagabundo, ah o cara” não, ou chamar uma mulher de vagabunda se ela seja, isso aquilo e aquilo outro, entendeu?

Pesquisadora: Entendi, Entrevistado de todas essas histórias que você me contou, você reconhece que cometeu algum ato de violência doméstica contra a mulher?

Entrevistado 8: Eu acho que sendo, o que é, como se diz, o que pode ser dito violência da mulher uma agressão verbal, como se diz, até agora a pouco teve um, não é um culto, mas é um espiritismo aí que a gente tem, eu não lembro como é que eles explicou, porque não por palavras, não sei como é que eles falou ali, é realmente reduzindo acho que seria né, seria uma agressão, seria né, só que assim no meu ponto de vista que a gente convive, por todas as pessoas que a gente tá convivendo aqui, ah porque que não tem o João da Penha, eu perguntei pro delegado lá de palhoça, não me lembro o nome dele, e ele não soube me dizer, não a gente não tem, porque é muito também, o seguinte ó, tem muitos casos aqui. Tá certo que não vem ao caso dizer isso pra ti aqui, mas que nem ali, pô o cara trabalhador, o cara honesto, pai de família, depois foi descobrir a mulher dele tava traindo ele, traindo, dava até remédio pra ele, pra ti vê se eu conto pra ti tu vai dizer, “pô será Entrevistado? Tá me mentindo” isso quem me passou isso foi a pessoa que aconteceu o fato, outros a mesma coisa saia pra trabalhar a mulher traia, que dizer também, como diz o outro não vem o caso de querer agredir uma mulher por causa disso, só que tem certo tipo de situação que é complicado, é complicado né, cada caso é um caso.

Pesquisadora: Tá bom, você reconheceu que cometeu um ato de violência né, e o que te levou a cometer esse ato?

Entrevistado 8: Acho que foi por causa da bebida, eu acho que foi, eu não to me escondendo na bebida, entendeu, eu não to me escondendo na bebida, se tu procurar o meu, meu prontuário, o meu nome, a minha ficha corrida, eu fiz 40 anos agora em junho, eu nunca tive um, vamo supor assim, nenhuma ocorrência que vamo supor, a, uma briga na rua ou uma agressão com vizinho, uma discussão com trabalho, entendeu, sou um cara sossegado. Eu trabalho, da minha casa pro serviço, claro muitas vezes passo no bar essas coisas, mais assim ó, eu acho que é legal cara, eu, como se diz eu sou daquele cara a favor que a mulher teria que trabalhar, não que ela fique em casa sendo, como que se diz, submissa ao homem, eu acho que isso aí não importa. Cada um é cada um, uma mulher dirigir, ”ah porque eu vou dar meu carro pra mulher, se ela tem que ficar em casa, e isso” não, nada haver, seria bacana, entendeu.

Pesquisadora: Sim, e você quer me descrever essas duas mulheres?

Entrevistado: Todas elas, cada uma tem o seu, como é que eu posso dizer, tem o seu, tem o seu... primeiro a mãe dos meus filhos, a XX, é uma pessoa sossegada, bacana, bonita, gentil, limpa, trabalhadeira.

Pesquisadora: E o que é ser uma pessoa limpa?

Entrevistado 8: uma pessoa que seja limpa, tem mulheres, tem homens que... na cadeia se a gente não for limpo a gente é desmerecido, é jogado pra um lugar, é ser higiênico entre ele e entre si. Eu não posso dizer isso, tô com muito problema nos meus dentes por causa de droga por causa de monte coisa, mas eu acho que tomar um banho, limpar uma casa... XX é higiênica, tanto uma quanto a outra, só que cada uma tem suas qualidades e seus defeitos. Eu tenho dois filhos um vai fazer 18 e outro vai fazer 8, eu sempre fui um cara transparente com meus filhos, teu pai usa droga, teu pai bebe, teu pai fuma, mas teu pai trabalha, teu pai é um cara honesto, isso aquilo e aquilo outro. Então eu procurei criar meus filhos dessa forma, e a XX procurou criar eles dessa forma também. A segunda mulher, eu tô há 7 anos com ela, então eu não criei os filhos dela, eu tenho 3

enteados, o primeiro tá vendendo droga com 20 anos, o segundo que é o que quis me agredir coisa parecida, e o outro tem 10 anos, do meu ponto de vista vão vir na mesma forma que o primeiro, entendeu, do meu ponto de vista, na minha concepção vão vir da mesma forma que o primeiro.

Pesquisadora: Ok, queres me descrever mais a sua ex-mulher e a atual?

Entrevistado 8: A atual eu gosto muito dela, só que ela tem defeitos que a XX não tem, também tem as qualidades que a outra não tem, eu não sou perfeito, mas esse tipo de coisa que eu acho que é uma qualidade muito bacana, é o que eu te digo, eu tenho dois filhos que são bacanas, que a gente criou daquela forma que seria, que a minha mãe me criou assim. Eu acho que ela já criou os filhos dela diferente, passa a mão na cabeça de uma coisa que é errado, entendeu, que é uma qualidade, é um defeito que eu acho que é muito feio, entendeu? Não sei os teus pais, não sei, mais pensa comigo é que nem uma criança que é mal educada, eu não fui criado assim, mesmo eu sendo preso, mesmo eu sendo um detento, mesmo eu sendo, eu acho que isso aí, a qualidade dum a qualidade da outra.

Pesquisadora: Tem mais alguma característica delas que você queria me dizer?

Entrevistado 8: Eu gosto das duas, só que cada uma como eu te falei, cada uma tem uma qualidade e um defeito, e uma das coisas como eu te falei, que leva hoje em dia, não digo Maria da Penha, pode até ser que eu acho que em São Paulo cara, a gente tá sendo muito prejudicado por essas coisas em São Paulo. Tu viu esses dias na televisão? O cara que, acho que bateu, foi, foi, aí tu imagina um cara daquele ali em casa, com a mulher dele, não sei se tu viu na televisão um cara no posto de saúde que queria atendimento e não sei o que e quebrou o posto de saúde, e o filho veio e quebrou também, então quer dizer ele é um baita dum maluco aquele cara ali. Então em casa se a mulher dele discutir com ele é capaz dele agredir ela, ele tá criando um filho da mesma forma que ele, ou pior ainda.

Pesquisadora: Então eu já vou aproveitar pra te perguntar se você acha que a violência cumpre um papel positivo no convívio social? A violência é boa pra sociedade?

Entrevistado 8: a violência em geral, cara é complicado isso aí não tem nada haver né, claro que não né, isso aí é errado, né. Por isso que eu te digo, eu tenho dois filhos, eu acho que meus filhos na sociedade vão ser muito bem vistos, apesar que o pai deles não era, vamo dizer assim. Só que eles faltarem com respeito não foi com a educação que ele teve em casa, ele pode ter aprendido na rua, é muito fácil chegar a pessoa de fora e dizer assim: “é claro, como que um cara desse vai ter educação, ele tinha um pai que era um maluco, bebia, usava droga, e não sei o que”, muito pelo contrário eu sempre quis o certo deles, é o que eu to vendo que vai acontecer com essa mulher que eu vivo. Então quer dizer, ela tá criando três caras que vão ser uns malucos na sociedade, tá ligado, então pra mim tudo começa de casa, tudo começa de casa. Tudo bem, é como eu to te falando não sou hipócrita de dizer que não sou culpado e chega lá no dia da audiência na delegacia, no juiz e dizer que eu sou melhor que alguém, que eu sou certo, ou não, o que eu falei pro delegado, eu vou fala a mesma coisa, aconteceu assim, assim, assim, eu bebi e isso e aquilo, “mas tas te escondendo na bebida, na droga?” não, não, não muito pelo contrário, porque a bebida e a droga não leva tu a fazer isso, entendeu, só que aí é como eu te falo, tudo vem de berço né, tu vai criar três cara desse aí, são tudo maluco.

Pesquisadora: Podemos encerrar então?

Entrevistado 8: Demoro, tu que sabe.

Entrevistado 9**Idade:** 19 anos**Cor:** Branco**Escolaridade:** Ensino Fundamental Incompleto**Profissão:** Estudante**Vítima:** Mãe**Agressão:** Sexual.**Pesquisadora:** Vamos começar, você pode me dizer porque está aqui?**Entrevistado 9:** Eu to aqui por causa da Medida Protetiva contra a minha avó. É que eu moro na parte de trás da casa dela, e ela foi viajar e meus parentes falaram pra ela fazer a Medida Protetiva, pra eu não fazer festa na parte de trás, daí ela fez a Medida Protetiva daí eu tava em casa dormindo, a polícia chegou lá bateu na porta, pediu pra fazer uma averiguação na minha casa, eu deixei eles ver a casa, eles viram que não tinha nada e já tavam saindo pra ir embora, daí a Oficial de Justiça chegou com a Medida Protetiva, eu assinei, daí o policial pegou tomou a Medida Protetiva da minha mão e falou que eu tava quebrando a medida protetiva, daí me trouxe preso.**Pesquisadora:** Mas, tu chegou a agredir a tua avó, ou discutir com ela?**Entrevistado 9:** Não, a gente só discutia verbalmente. Ela falava um monte de coisa pra mim, várias vezes eu pedia dinheiro pra ela quando tava sem serviço, daí ela não queria me dar, e eu saia xingando, daí querendo ou não a gente acabava é tendo agressão só verbalmente, não fisicamente, e o único contato que teve, que um dia que, que eu dei um empurrão nela e ela me deu um empurrão também.**Pesquisadora:** Foi por isso que ela pegou a Medida Protetiva?**Entrevistado 9:** É, provavelmente sim. Daí, meus parentes ficaram com medo de gerar mais, um ato mais grave, daí pegaram e fizeram a Medida, e ela não tava em casa no dia da minha, que eu vim preso.**Pesquisadora:** E em toda essa história que você me contou, você reconhece que teve algum ato de violência doméstica contra a mulher?**Entrevistado 9:** Teve, teve verbalmente, porque com palavras xingando a minha avó, e fisicamente no ato de dar um chega pra lá, que era um empurrão, que a minha vó, ela veio com um negocinho de água quente pra jogar em mim, daí eu peguei só empurrei ela e tirei o coisa da mão dela.**Pesquisadora:** Porque tu acha que ela ia jogar água quente em você?**Entrevistado 9:** Ah porque eu incomodava né, outro dia eu tinha feito uma festa lá na parte de trás, que é a minha casa, que eu moro sozinho, daí ela mora na frente, como ela é uma senhora de idade ela gosta de dormir cedo, e ela foi lá incomodar, falando: “abaixa o som”, daí eu peguei e falei: “não vamos abaixar e deu, vai pra tua casa que aqui é a minha e eu que mando”, daí ela foi pra casa dela, daí no outro dia ela veio discutir comigo e eu fui lá e discutir com ela também, daí gerou nisso.**Pesquisadora:** Hum, o que tu achas que te levou a cometer esses atos de violência que você reconheceu?**Entrevistado 9:** As palavra que ela falou, me chamou de vagabundo de um monte de coisa, daí eu não ia aceitar aquilo né, ela falando aquilo.**Pesquisadora:** Você estava sobre efeito de alguma droga, Entrevistado 9?**Entrevistado 9:** Só a maconha, no momento só essa.**Pesquisadora:** E você pode me descrever a sua avó?**Entrevistado 9:** a minha avó ela é baixinha, tem cabelo grisalho, meio gordinha, e é uma pessoa do bem.**Pesquisadora:** e o que é ser uma pessoa do bem?

Entrevistado 9: ah, uma pessoa que não deseja mal pra ninguém, só que quando se irrita fala o que quer.

Pesquisadora: E o que irrita ela?

Entrevistado 9: ah minhas amizades, o jeito que eu ando, as roupas que eu visto, aí ela quer ficar brava, só que ela não pode né, cada um tem a sua vida.

Pesquisadora: E ela trabalha, é aposentada?

Entrevistado 9: ela é aposentada, tem 89 anos.

Pesquisadora: E a sua mãe?

Entrevistado 9: Ah, minha mãe mora com a minha irmã e meu sobrinho, aí minha mãe querendo ou não tá sempre ocupada cuidando do meu sobrinho, daí eu já tenho minha casa e moro sozinho, daí.

Pesquisadora: E você quer falar mais alguma coisa sobre a sua avó?

Entrevistado 9: não, só isso.

Pesquisadora: Está bem, e você acha que a violência ela cumpre um papel positivo no convívio social?

Entrevistado 9: a violência não, porque só a violência vai gerar mais violência, aí se, que nem se eu cometi um ato contra a minha avó a, vamos supor, minha vizinha, meus vizinhos vão ficar com raiva por causa daquele ato, daí eles podem querer se revoltar e daí acaba gerando até um linchamento né, só que isso lá não acontece, por que lá a vizinhança é, como posso dizer, o pessoal lá parece que tem medo de mim que quando eu passo na rua eles viram a cara, eles disfarçam, vão pra dentro, porque quando eu era de menor eu tocava o terror lá, daí eles já sabem né.

Pesquisadora: O que é tocar o terror?

Entrevistado 9: ah fazia festa, saía na rua louco, incomodando.

Pesquisadora: Ok, e você quer me falar mais alguma coisa sobre a violência doméstica contra a mulher, sobre sua avó, ou sobre você?

Entrevistado 9: Não só isso mesmo.

Pesquisadora: Então tá bom, obrigado por participar da entrevista, vamos encerrar.

Entrevistado 10**Idade:** 55 anos**Cor:** Branco**Escolaridade:** Superior Incompleto em Matemática**Profissão:** Corretor de Imóveis**Vítima:** Mãe**Agressão:** Física.**Pesquisadora:** Agora vamos começar você pode me dizer por que está aqui?**Entrevistado 10:** Por que eu tive uma agressão verbal. Discussão verbal. Na verdade foi denuncia de vizinhos né, mais eu sempre grito na minha casa, uma namorada daqui e minha mãe estavam presente. A minha namorada usou o nome da minha mãe, ela levou a minha mãe na delegacia e fez minha mãe assinar, uma coisa assim, os vizinhos também colaboraram pra denúncia.**Pesquisadora:** Você quer me contar como que foi?**Entrevistado 10:** Eu vou te falar assim, eu estava a um mês e pouco trabalhando em Urubici, quando eu voltei, vamos dizer essa armadilha entre aspas já estava montada, e eu não sabia que eu tava na protetiva, eu cheguei e fui almoçar com a minha mãe, só que não foi com a minha mãe, é uma coisa meio louca.**Pesquisadora:** Eu não entendi, você pode me explicar melhor?**Entrevistado 10:** Tá, vamos de novo, eu tive uma discussão em casa onde envolveu pessoas que não é da minha família, eu, minha mãe, uma suposta namorada, que não é namorada, falei que não ia fazer o que elas queriam, que voltasse a morar com minha mãe, e eu não preciso voltar a morar com a minha mãe, porque elas acham que a minha mãe não deve morar sozinha, aí eu viajei a trabalho pra Urubici, fiquei um mês e pouco e quando voltei, vizinhos, que eu acho que são vizinhos, que, que eles, a polícia não diz quem ligou, eu perguntei na acusação aí o flagrante meu com minha mãe, por isso eu acho que usaram minha mãe, to te falando que acho porque eu vou ter certeza só depois que eu sair daqui, porque quando eu cheguei de Urubici e dormi na casa da minha mãe, no outro dia fui almoçar com ela, a polícia me abordou dentro do restaurante almoçando com minha mãe, então eu te pergunto, agora desculpa eu te fazer o inverso, se eu vou maltratar minha mãe como é que eu vou ta almoçando no restaurante, pagando a conta pra ela. E, eu não sabia e não fui comunicado que já tinha uma Medida Protetiva, teriam que me comunicar e eu assinar isso, eu acho que isso aí foi uma coisa totalmente invalida, que eu teria que assinar ciente da protetiva, e disseram que a oficial de justiça procurou, sim mais obvio que procurou só que não me achou no meu endereço antigo, que eu estava me mudando pra outro, e minhas coisas tavam na casa da minha mãe, e nesse meio tempo a loucura de pessoas, terceiras, fora da minha família, tipo: “o Entrevistado vai voltar” mas minhas coisas tavam na casa da minha mãe, e eu deixei bem claro pra minha mãe que quando fui pra Urubici que era só uma transição, eu ia deixar minhas coisas e também doeí coisas pra ela: “ó tu vai fica com a geladeira, tu vai fica com ar condicionado que eu instalei, mas eu estou me mudando para a Av. Pequeno Príncipe, só que não está pronto o apartamento ainda”, então eu fui pra Urubici, quando eu voltei simplesmente foi uma surpresa quando os dois policiais entraram no restaurante de conhecidos meus no Rio Tavares e disseram que eu tava fazendo ali, se eu tinha uma protetiva com a minha mãe, e eu disse que eu estava almoçando, então eu acho, não posso afirmar 100% que usaram a minha mãe, levaram na delegacia, e ela assinou. Eu fui pra Delegacia da Mulher, lá começaram a me acusar que eu tinha batido na minha mãe, lá ela respondeu lá dentro, que eu não ouvi, dali já fui preso pra essa delegacia aqui, a minha mãe fez corpo de delito e não constou nada, um arranhão no corpo dela, e eu não tenho unhas que eu falei pra eles que não tinha unhas, e arranhão

pode ter sido ela mesmo, porque ela tem unhas né. Aí eu já fiquei preso aqui na delegacia daqui da Trindade, e da delegacia da Trindade eu vim pra cá, e eu sou reu primário e estou há 95 dias aqui.

Pesquisadora: Entrevistado, você reconhece que nessa história toda, você cometeu algum ato de violência doméstica contra a mulher?

Entrevistado 10: Verbal sim, mas eu não, eu sempre falo, desculpa assim se eu to falando desse jeito, mas eu sou descendente de italiano, um pouco, e nós temos tudo um pouco de índio e negro né, somos brasileiros, e eu tenho de italiano e francês, e o que mais aflora me mim é italiano, eu não falo eu grito, eu falo alto, os vizinhos pensam, pensaram por eu falar alto e falar coisas, eu mando longe a pessoa, eu não saí chorando de dentro da minha mãe, foi parto normal, eu não saí chorando eu saí gritando, então eu não grito agora, eu sempre gritei. Nós estamos morando aqui, a minha mãe veio porque eu combinei de busca-la, eu morei na Europa, eu fui busca-la em Porto Alegre porque eu combinei com ela, eu vim morar sozinho e fui buscar minha irmã e minha mãe, a minha irmã não quis ficar e veio minha mãe, conforme o combinado.

Interrupção do áudio por causa do barulho.

Pesquisadora: Desculpe, entrevistado. Vamos seguir, o que te levou a cometer esse ato violento, que tu dissesse antes.

Entrevistado 10: Que as pessoas se meteram na minha vida, sem saber o que eu faço, sem saber qual o relacionamento que eu tenho com minha mãe a 55 anos, a minha mãe, tu sabe o que é complexo de electra?

Pesquisadora: Não sei.

Entrevistado 10: Sabe o que é complexo de Édipo? É o contrário, o que é o Édipo, o Édipo o filho mata o pai pra ficar com a mãe, não é isso, o Electra é o contrário, minha mãe é apaixonada por mim, ela mataria meu pai pra ficar comigo, então todos meus amor, todos meus relacionamentos, a minha mãe aceitava a minha namorada na casa pra almoçar, no que eu me descuidava, que fosse ao banheiro ela dizia o meu filho é mulherengo, com 55 anos eu não to casado até hoje.

Pesquisadora: Entendi, você pode me descrever sua mãe?

Entrevistado 10: a minha mãe?

Pesquisadora: Sim.

Entrevistado 10: apaixonada pelo filho, e me prejudicou muito meus relacionamentos.

Pesquisadora: Trabalha?

Entrevistado 10: A minha mãe, pensionista. Ela tem 92 anos e tá melhor de saúde do que eu, e faz tudo sozinha, e as pessoas pensam que ela tem 92 anos e é uma coitadinha e o filho abandonou. E, eu não tenho saudade nenhuma pra minha mãe, na China, na China todo filho é obrigado a cuidar da mãe, existe uma lei na China e querem fazer aqui no Brasil, enquanto não existir essa lei aqui, eu não vou ser obrigado a cuida da minha mãe, ainda mais que ela não precisa se cuidada. Só que as pessoas que fora pensam que a minha mãe é uma coitadinha de 92 anos que ela precisa ser cuidada. Eu combinei com ela há 14 anos atrás de busca-la e cumpri minha palavra, ela ta a 14 anos aqui.

Pesquisadora: Queres falar mais alguma coisa sobre a tua mãe?

Entrevistado 10: Pode me perguntar.

Pesquisadora: Queres falar mais alguma coisa?

Entrevistado 10: Pode me perguntar.

Pesquisadora: Você quer falar mais alguma coisa sobre a sua mãe?

Entrevistado 10: a minha mãe é minha mãe, e vai morrer minha mãe, só que eu fiz muita coisa que magoei ela e ela fez muita coisa que me magoou... eu to aqui preso há

95 dias e sinceramente eu não vou recuperar nunca mais isso, e eu culpo ela de ter feito isso.

Pesquisadora: Está bem, e você acha que a violência cumpre um papel positivo no convívio social?

Entrevistado 10: Não, violência gera violência né. Só que a maneira da minha mãe conversa comigo, isso as pessoas de fora não vê, a minha mãe, nós fomos criado no militarismo, a minha mãe não pedi, por favor, pra mim, ela diz vai lá no banco e busca dinheiro pra mim, vai lá na farmácia e compra o remédio tal, nós gaúchos nós não sabemos o que é por favor, nós mandamos, e eu fui criado num regime militar, e fui muito bem criado, educação não tenho nada a reclamar dos meus pais.

Pesquisadora: Então tá, você quer me falar mais alguma coisa?

Entrevistado 10: Tu quer me pergunta mais alguma coisa?

Pesquisadora: Não, as perguntas já terminaram você quer falar mais alguma coisa?

Entrevistado 10: Eu acho, não gosto de falar a palavra acho, por que assim ou tu sabe ou tu não sabe, né. E sinceramente vou te falar uma coisa que é de mim, é da minha pessoa, eu acho que essa Lei Maria da Penha tá beneficiando muito as mulheres, eu acho que as mulheres tão se prevalecendo com essa lei, eu acho que, antigamente não sei se tu sabe, que a mulher fazia reclusão e depois ela voltava pro homem e ela ia na frente do juiz e dizia eu quero tirar tá tudo bem, aí acontecia de novo e agora aconteceu que não tem mais a mulher tirar o processo ela só pode aliviar, porque aconteceu isso, os juízes ficavam de palhaço trabalhando né, fazendo processos e depois a mulher chegar lá e “ah tá tudo bem agora não vai mais acontecer, não vai mais bater”, e repentinamente acontecia, o cara bebia, o cara fazia coisas, isso eu sei tá, então eu acho que hoje eu não acho que seja tão veracidade as mulheres tão usando muito essa lei, que tem muito homem preso, eu sou um que não era pra tá aqui, não to querendo me defender, mas eu acho que essa lei, os vizinhos tão se metendo muito, pessoas de fora tão se metendo muito na vida familiar, que não conhecem a vida familiar pra ser testemunha de uma coisa. Eu pedi, pros, pros dois brigadianos, os dois militares que foram me prender, eu disse que pra eles relatarem lá que o flagrante foi dentro de um restaurante, e se eu estava com problema com minha mãe, se eu estava molestando ela, não é molestando, estava enquadrado nessa lei Maria da Penha por alguma agressão verbal, ou física, como é que eu vou tá alimentando alguém que eu to agredindo, como é que eu estaria dentro de um restaurante que eu não almoço uma vez, eu to aqui há, minha mãe tá há 14 anos, eu to quase há 20 anos aqui, há 18 anos desculpa, como que eu vou tá num, se eu a agredi e estou enquadrado na lei Maria da Penha é porque usaram a minha mãe, por influência de vizinho ou alguém, e usaram ela e ela não, ela assinou o boletim e ocorrência, ela assinou qualquer coisa, mas não sabendo que era Maria da Penha, tanto é que quem mandou advogado particular, eu optei pela Defensoria Pública, mas quem mandou advogado particular agora foi ela, e o cara vem me dizer que vai cobrar 10/15 mil e eu disse eu não quero, vou ficar com a defensoria e sabe o que ele disse a tua mãe que vai pagar, minha mãe não paga minhas contas.

Pesquisadora: Podemos encerrar? Obrigado por participar.

ANEXO 1



ESTADO DE SANTA CATARINA
SECRETARIA DE ESTADO DA JUSTIÇA E CIDADANIA
DEPARTAMENTO DE ADMINISTRAÇÃO PRISIONAL
CASA DO ALBERGADO DE FLORIANÓPOLIS " IRMA MARIA ULIANO".

RELACAO OFICIAL DE PRODUTOS COM ENTRADA AUTORIZADA.

Fica instituída a "Relação oficial de produtos com entrada autorizada", cujo destino são os apenados desta Unidade Prisional.

RELACAO DE PRODUTOS/GENEROS E/OU MATERIAIS.

SOMENTE 3 SACOLAS DE SUPERMERCADO COM OS ITENS ABAIXO.

1. Achocolatado em po (ate 500g) – em embalagem transparente;
2. Acucar (ate 1kg) – em embalagem transparente;
3. Aparelho de barbear descartavel (04 unidades);
4. Biscoitos **SEM RECHEIO TIPO MARIA OU AGUA E SAL** (ate 500g) – em embalagem transparente;
5. Bolo **SEM RECHEIO E COBERTURA** (01 unidade) - em embalagem transparente;
6. Cafe em po ou soluvel (ate 500g) - em embalagem transparente;
7. Chocolate em barra (01 unidade) - em embalagem transparente;
8. Creme dental em embalagem transparente (01 unidade);
9. Desinfetante em embalagem transparente (01 unidade);
10. Desodorante rol on transparente (embalagem e produto) (01 unidade);
11. Detergente (01 unidade);
12. Doce pastoso para pao (ate 500g) - em embalagem transparente;
13. Erva mate (ate 1kg) - em embalagem transparente;
14. Escova de dentes (01 unidade);
15. Laranja (ate 1kg) – **DESCASCADA** e em embalagem transparente;
16. Leite em po (ate 500g) - em embalagem transparente;
17. Maca (ate 1kg) - em embalagem transparente;
18. Macarrao instantaneo (07 unidades) - em embalagem transparente;
19. Maionese (500g) - em embalagem transparente lacrada;
20. Marmelo (01 unidade) ;
21. Margarina (500g) lacrada;
22. Mortadela ou presunto (400g) - em embalagem transparente;
23. Pao fatiado (02 unidades) - em embalagem transparente;
24. Papel higienico (04 rolos);
25. Pera (ate 1kg) - em embalagem transparente;
26. Queijo (400g) - em embalagem transparente;
27. Refrigerante: **guarana, laranja ou limao** (02 unidades de 2lt cada),
28. Sabao em pedra (01 unidade)
29. Sabao em po (500g) - em embalagem transparente;
30. Sabonete (04 unidades);
31. Shampoo 01 unidade transparente.
32. Suco em po (ate 10 unidades) - em embalagem transparente;
33. **Nao serao aceitas roupas pretas, camufladas, com forro e capuz.**

Emani Cordeiro da Silveira
Gerente – Agente Penitenciario
Matricula 254.372-9

ANEXO 2



ESTADO DE SANTA CATARINA
SECRETARIA DE ESTADO DA JUSTIÇA E CIDADANIA
DEPARTAMENTO DE ADMINISTRAÇÃO PRISIONAL
CASA DO ALBERGADO DE FLORIANÓPOLIS " IRMA MARIA ULIANO".

ATENÇÃO

REGRAS PARA VISITA:

- Entrada de 02 (dois) visitantes (familiar de 1º grau) por apenado;
- **SOMENTE 03 SACOLAS DE SUPERMERCADO DE MANTIMENTOS:**
 - Entrada somente usando chinelo;
- Não é permitida a entrada de senhoras em período menstrual;
- Todos deverão portar documentos com foto.

HORÁRIOS:

MARIA DA PENHA:

Quartas-feiras

Entrada das 08h30m as 09h30m
Saída às 11h.

PENSÃO ALIMENTÍCIA E REGALIAS:

Quartas-feiras

Entrada das 14h00m as 15h00m
Saída as 16h30m.

ANEXO 3



ESTADO DE SANTA CATARINA
SECRETARIA DE ESTADO DA JUSTIÇA E CIDADANIA
DEPARTAMENTO DE ADMINISTRAÇÃO PRISIONAL
Casa do Albergado de Florianópolis “Irmã Maria Uliano”

FICHA INICIAL – VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

Nome: _____

RG: _____ CPF: _____ Estado Civil _____

Cônjuge: _____

Data de Nascimento ____ / ____ / ____ Naturalidade _____

Nome da Mãe: _____

Nome do Pai: _____

Vítima: _____ Grau Parentesco _____

Vítima: _____ Grau Parentesco _____

ENDEREÇO RESIDENCIAL

Rua: _____ Numero: _____

Bairro: _____ Cidade: _____

Proximidade: _____ Telefone Residencial: _____

Celular: _____

Local de Trabalho: _____ Profissão: _____

Endereço Comercial: _____

Fone: _____ Proximidade: _____

Declaro para os devidos fins e efeitos, que as informações acima são verdadeiras, bem como me comprometo a respeitar o regulamento vigente nesta Unidade Prisional.

Florianópolis, ____ de ____ de 20__.

Pertences retidos: _____

Assinatura

Data Entrada	SERVIDOR RESPONSÁVEL